

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO

RENATA RAMOS GOULART

**AS VIAGENS E O TURISMO PELAS LENTES DO DEFICIENTE FÍSICO  
PRATICANTE DE ESPORTE ADAPTADO:  
um estudo de caso**

Caxias do Sul  
2007

RENATA RAMOS GOULART

**AS VIAGENS E O TURISMO PELAS LENTES DO DEFICIENTE FÍSICO  
PRATICANTE DE ESPORTE ADAPTADO:  
um estudo de caso**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Turismo.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Airton Negrine

Caxias do Sul  
2007

RENATA RAMOS GOULART

**AS VIAGENS E O TURISMO PELAS LENTES DO DEFICIENTE FÍSICO**  
**PRATICANTE DE ESPORTE ADAPTADO:**  
**um estudo de caso**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Turismo.

Caxias do Sul, 21 de setembro de 2007.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Airton da Silva Negrine (Orientador)  
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Luiz Antonio Rizzon  
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Rafael José dos Santos  
Universidade de Caxias do Sul

Profa. Dra. Mirian Rejowski  
Universidade Anhembi Morumbi

## AGRADECIMENTOS

Ao grupo de pessoas que constituem o Centro Integrado dos Portadores de Deficiência Física de Caxias do Sul-RS – CIDeF, por aceitarem participar desta pesquisa.

A Luís Alberto da Silva Pereira, presidente do CIDeF, que, além de colaborar em todas as instâncias da pesquisa, convidou-me para fazer parte do CIDeF, como técnica esportiva.

A Luciano Comerlato, técnico da equipe masculina de Basquete Sobre Rodas, por estar sempre disposto a ajudar com informações relevantes sobre o CIDeF.

À Roberta Spader, uma pessoa mais que especial, a quem devo muito por suas inúmeras contribuições em minha carreira profissional ao longo dos últimos sete anos.

Ao Professor Dr. Airton Negrine, meu orientador, pelo comprometimento de ser o facilitador do processo em busca do conhecimento científico e pela confiança que depositou no meu trabalho e na minha formação.

A Carlos Bonone, meu marido, e a Lorenzo G. Bonone, meu filho, por compreenderem e respeitarem minhas ausências e por estarem comigo nesta etapa tão importante de minha formação, pois, sem o apoio e o amor dessas pessoas, eu não teria conseguido.

À Maria da Graça, minha mãe, a Renato, meu pai e a Mateus, meu irmão, pelo amor incondicional que foi fundamental para me dar força nesta caminhada.

À Denize Bonone, minha sogra, pela ajuda que deu a minha família e a mim durante este período do Mestrado.

Aos amigos Guto, Márcia, Nilton e Braulio, um agradecimento especial por se mostrarem meus verdadeiros irmãos, em um momento ímpar da minha vida acadêmica e pessoal.

E é claro, a Deus por me acolher nos momentos de angústia e por me dar força para seguir em frente.

*Amanhã será um lindo dia  
Da mais louca alegria  
Que se possa imaginar*

Guilherme Arantes

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo descrever e analisar as percepções que os deficientes físicos que fazem parte do Centro Integrado dos Portadores de Deficiência Física de Caxias do Sul-RS-Brasil – CIDeF apresentam em relação aos destinos visitados. Na condição de atletas, essas pessoas viajam para competir e, no intervalo dos jogos, no período de folga da competição, realizam atividades turísticas, além de usufruírem da infra-estrutura destinada à prática dessas atividades, como transporte rodoviário, transporte aéreo, hospedagem entre outros. O marco teórico foi elaborado com a intenção de discutir alguns conceitos relacionados aos portadores de necessidades especiais, o deficiente no contexto social, apresentando-se o paradigma da inclusão, a criação dos estigmas e as questões de acessibilidade aos mais diversos lugares. Encaminhou-se, em seguida, para as discussões referentes à participação dos deficientes físicos nas atividades de lazer e de turismo, e às relações entre as viagens de turismo esportivo e os portadores de necessidades especiais. A trajetória metodológica apresenta-se na forma de um estudo etnográfico de corte qualitativo. Trata-se de um estudo de caso, uma vez que os participantes fazem parte do grupo esportivo, o CIDeF. Para coleta das informações, utilizaram-se os seguintes instrumentos: análise documental, observação e entrevista. A descrição das informações levou à estruturação das seguintes categorias de análise: Perfil dos deficientes físicos estudados; Experiências e viagens – os destinos significativos, e Percepções dos deficientes físicos frente às condições de acessibilidade. O estudo revelou que os atletas portadores de necessidades especiais, que fazem parte do CIDeF, percebem que viajar tem fundamental importância para sua qualidade de vida. As dificuldades encontradas apresentam-se principalmente sob a forma de barreiras arquitetônicas, mostrando-se como as mais complicadas, na opinião dos participantes da pesquisa: o difícil acesso aos banheiros nos hotéis e a falta de ônibus rodoviário adaptado.

**Palavras-chave:** Turismo. Viagem. Deficiência física. Esporte adaptado. Barreiras arquitetônicas.

## ABSTRACT

The present study has as objective to describe and analyze the perceptions that the people with disabilities, those part of the “Centro Integrado dos Portadores de Deficiência Física de Caxias do Sul-RS-Brasil – CIDeF” present in relation to the sites, while in their condition as athletes, they have been. As they travel to compete, between the games, they act as tourists and enjoy the infrastructure that is used to make the sports possible like bus, train, lodging and others. The theoretical base was built with the intention to open the discussion to some concepts related to the people with disabilities: their context in the society, the problem of exclusion, the labeling, and the problem of accessibility that these people have to move in the most different places. Their participation in the leisure activities and tourism, their relation between the sport tourism travels is also discussed. The methodology presents itself as a study under ethnographic features, with a qualitative focus. It is a case study, once that the participants are part of the CIDeF sportive group. To collect information the following instruments were used: documental analyses, observation and interview. The description, of the information, made it necessary to create some categories: profile of the disabled people studied; travels and experiences – the significative places and their perception of the accessibility conditions. The study revealed that the athletes with disabilities, part of the CIDeF group, realized that traveling is very important for the quality of life. The found difficulties were, in their most part, in the form of arquitetures barriers, showing themselves as the most complicated, in the opinion of the interviewed, are the difficult accesses to the hotels bathrooms and the lack of a adapted bus.

**Key Words:** Tourism. Travel. Physical deficiency. Adapted sport. Architectural barriers.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Fotografia dos atletas do CIDeF .....	15
<b>Figura 2:</b> Fotografia do embarque no aeroporto de Caxias do Sul para Vitória-ES em agosto de 2006.....	57
<b>Figura 3:</b> Área de transferência à bacia sanitária ou ao bidê .....	72
<b>Figura 4:</b> Perspectiva de sanitário completo .....	73
<b>Figura 5:</b> Acessórios sanitários .....	74
<b>Figura 6:</b> Exemplos de sanitários com banho .....	75

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Síntese dos instrumentos utilizados .....	43
<b>Quadro 2:</b> Síntese do perfil dos participantes do estudo .....	51
<b>Quadro 3:</b> Participantes com lesão congênita e a frequência de viagens .....	52
<b>Quadro 4:</b> Perfil das pessoas com deficiência no Brasil, de acordo com FGV e a Fundação Banco do Brasil .....	62

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 TEMA, FORMULAÇÃO DO PROBLEMA, QUESTÕES DE PESQUISA E OBJETIVOS DO ESTUDO</b> .....	11
<b>3 CENÁRIO DE ESTUDO</b> .....	15
<b>4 MARCO TEÓRICO</b> .....	17
<b>4.1 Os portadores de necessidades especiais</b> .....	17
4.1.1 <i>O deficiente físico</i> .....	17
4.1.2 <i>O deficiente no contexto social</i> .....	19
<b>4.2 O lazer e o turismo do deficiente físico</b> .....	26
<b>4.3 O esporte e o deficiente físico</b> .....	33
<b>5 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA</b> .....	36
<b>5.1 Características da pesquisa</b> .....	36
<b>5.2 Aproximação ao grupo de estudo</b> .....	36
<b>5.3 Estratégias metodológicas</b> .....	38
<b>5.4 Definição dos Instrumentos de coleta de informação</b> .....	38
5.4.1 <i>Análise documental</i> .....	39
5.4.2 <i>Observação</i> .....	39
5.4.3 <i>Entrevista</i> .....	40
<b>5.5 5 Categorias de análise</b> .....	42
<b>6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES</b> .....	43
<b>6.1 Organização das informações</b> .....	43
6.1.1 <i>A Análise documental</i> .....	44
6.1.2 <i>As Observações</i> .....	46
6.1.3 <i>As entrevistas</i> .....	49
<b>7 DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES</b> .....	61
<b>7.1 Perfil dos deficientes físicos estudados</b> .....	61
<b>7.2 Experiências e viagens: destinos significativos</b> .....	65
<b>7.3 Percepções dos deficientes físicos frente as condições de acessibilidade</b> .....	70
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	78
<b>8.1 Limitações do estudo</b> .....	78
<b>8.2 Considerações sobre o problema e questões de pesquisa</b> .....	79
<b>8.3 Perspectivas de continuidade</b> .....	82
<b>8.4 Reflexões pessoais</b> .....	82
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	84

<b>APÊNDICES</b> .....	88
<b>A – Fotografias dos atletas do CIDeF</b> .....	89
<b>B – Roteiro de entrevista Semi-estruturada</b> .....	90
<b>C – Termo de consentimento</b> .....	91
<b>D – Registro dos instrumentos utilizados</b> .....	92
<b>E – Informações a partir dos Informativos de abril a dezembro de 2006</b> .....	94
<b>F – Observação realizada</b> .....	95
<b>G – Entrevista realizada</b> .....	96
<b>ANEXOS</b> .....	100
<b>A – Estatuto do CIDeF</b> .....	101
<b>B – Texto do CIDeF no <i>site</i> da UCS</b> .....	108
<b>C – Exemplo de Informativo CIDeF</b> .....	114

## 1 INTRODUÇÃO

Estabelecer uma relação entre o esporte adaptado e o turismo, apresentou-se como um desafio interessante, o qual motivou a realização desta pesquisa. Relacionar o tema a conceitos, listar objetivos, buscar a resolução de uma indagação por meio de instrumentos, fizeram parte do processo desta investigação científica.

A partir da análise dos capítulos a seguir, apresentam-se algumas interpretações significativas e procura-se colocar em evidencia as considerações a respeito das viagens e do turismo para portadores de necessidades especiais – deficientes físicos, especificamente as dos integrantes do: Centro Integrado dos Portadores de Deficiência Física (CIDeF), que tem como foco, o esporte como indutor da inclusão social.

No próximo capítulo, destacam-se a justificativa da escolha do tema, a formulação do problema, as questões de pesquisa e os objetivos do estudo.

No terceiro capítulo, apresenta-se a descrição do cenário do estudo, a caracterização do CIDeF, o perfil dos membros da associação e o local de treinamento.

No marco teórico, que se apresenta no quarto capítulo, discute-se quem é o portador de necessidades especiais – deficiente físico e suas relações no contexto social de acordo com o paradigma da inclusão. Algumas questões referentes ao lazer, ao turismo e ao esporte do deficiente físico, também são vistas neste capítulo.

O quinto capítulo descreve a trajetória metodológica da pesquisa, com as características do estudo, a aproximação ao grupo, as estratégias metodológicas, a definição dos instrumentos e de coleta de informação, sendo eles: a análise documental, a observação e a entrevista. As categorias de análise também são inicialmente listadas neste capítulo.

A descrição e análise das informações podem ser vista no sexto capítulo, onde estas foram organizadas de acordo como instrumento utilizado.

No sétimo capítulo, a discussão das informações é feita, a luz, das categorias de análise, relacionando-se o que foi encontrado com a coleta de informações com as bases teóricas já existentes.

No último capítulo, as considerações finais apresentam também as limitações do estudo, as considerações sobre o problema e questões da pesquisa, as perspectivas de continuidade e as reflexões pessoais.

## **2 TEMA, FORMULAÇÃO DO PROBLEMA, QUESTÕES DE PESQUISA E OBJETIVOS DO ESTUDO**

Atualmente, o turismo vem se destacando entre as atividades preferenciais de lazer, fundamentalmente para as camadas mais abastadas da população. Como área de produção de conhecimento e de investigação no meio acadêmico, o turismo, no Brasil, ainda é recente quando comparado a outras áreas de conhecimento com tradição científica.

A escolha do tema de pesquisa é uma tarefa difícil, antecede a formulação do problema e costuma vincular-se à trajetória e às motivações daquele que pesquisa. O tema desta investigação situa-se no âmbito do Esporte Adaptado e Turismo para portadores de necessidades especiais, embora, no Brasil, ainda sejam de pouca mostra os estudos de turismo voltados a esse segmento social.

O esporte adaptado, como tema, é um fragmento de um tema maior que engloba portadores de necessidades especiais. Estudos de turismo com esse segmento social são ainda restritos no contexto brasileiro. Isso não significa que se deve abandonar a perspectiva de realizar estudos científicos, ao contrário, foi o foco motivador para definir a temática de estudo.

A expressão portadores de necessidades especiais costuma ser aplicada a todos os portadores de deficiências, sejam elas físicas, mentais, perceptivas ou múltiplas. Sabe-se que cada deficiência tem suas peculiaridades e complexidades. Para estudá-las, é fundamental particularizar o segmento que se vai estudar, para melhor compreender o fenômeno. Por exemplo: estudar deficientes visuais requer um olhar diferenciado quando comparado a um estudo sobre deficiência física, embora exista esportes adaptados aos deficientes visuais. O que se quer acentuar é que o grupo de deficientes, foco deste estudo, é um grupo de pessoas dos gêneros masculino e feminino, portadores de deficiência física, que praticam basquetebol em cadeiras de rodas.

O esporte é um dos meios eficazes de integração e reintegração social, e serve como elemento desencadeador de promoção da saúde, fundamentalmente, quando praticado por pessoas portadoras de deficiência física, que compromete a locomoção, como é o caso do grupo estudado.

O deficiente físico com dificuldade de deslocamento encontra, no cotidiano, diferentes barreiras, desde o uso do transporte público até a falta de uma infra-estrutura arquitetônica nas cidades, que permita seus deslocamentos com mais independência. Por

exemplo: passeios adequados para transitarem com cadeiras de roda e/ou banheiros públicos adaptados.

Proclama-se o respeito à diversidade cultural, mas nem sempre com um olhar diferenciado para perceber as diferenças e as minorias que, por problemas circunstanciais, perdem suas potencialidades decorrentes de moléstias, doenças, acidentes e/ou síndromes, como é o caso de grande parte dos deficientes físicos com dificuldades de locomoção bi-pedal.

As reflexões preliminares objetivam focar a discussão quanto à inclusão e à acessibilidade do deficiente físico aos programas turísticos, já que, no Brasil, o turismo inclusivo apresenta um potencial indiscutível. Por outro lado, constata-se que o esporte adaptado vem crescendo a passos largos e, por extensão, suas vinculações com o turismo.

O esporte adaptado a cada dia vem ganhando destaque na mídia internacional e nacional, tanto que, após grandes eventos esportivos, costumam ocorrer jogos para os portadores de deficiências, que inclusive já possuem denominações próprias, como Jogos Paraolímpicos e Jogos Parapan-americanos.

A realização desses jogos pressupõe viagens, deslocamentos e hospedagens. Tudo isso tem uma resultante no fomento da atividade turística. O que se quer investigar é como o portador de deficiência física que participa de equipe de esporte adaptado, percebe as condições de acessibilidade nos lugares por onde transita.

Acredita-se ser relevante que se discuta, a partir de estudos de cunho científico, as relações sociais desse segmento social com aqueles que promovem e agenciam o turismo decorrente do esporte adaptado. Dessa forma, o estudo pretende contribuir para a tomada de ações práticas e efetivas que venham a contribuir para melhorar a inclusão e a acessibilidade dos portadores de deficiência física.

Sabe-se que já existe uma parcela de deficientes físicos ativa na sociedade; eles trabalham, estudam, têm família. Também dispõem de tempo livre para ser ocupado com atividades de lazer. Esse é um direito universal de todos os seres humanos. O turismo, no momento atual, cada vez mais é uma alternativa de lazer que as pessoas buscam para desfrutar o tempo livre.

Logo, o turismo se constitui em uma alternativa de lazer, com diferentes representações significativas para as pessoas que o elegem. O deficiente físico que participa de equipes de esportes adaptados, acaba sendo turista, uma vez que as viagens e os deslocamentos fazem parte das práticas esportivas. Convém saber deles com quais facilidades

e dificuldades se deparam, por serem elementos relevantes aos gestores de turismo e para aqueles que promovem esportes adaptados.

A fim de delimitar o campo de estudo, a população da investigação é um grupo de deficientes físicos do Centro Integrado dos Portadores de Deficiência Física (CIDeF), que desenvolve atividades esportivas com o apoio da Universidade de Caxias do Sul – UCS e da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul. O grupo está estruturado desde 1996, e até a realização desta pesquisa, contava com a participação de vinte e cinco (25) atletas, distribuídos nas seguintes modalidades esportivas: basquetebol, tiro, luta de braço, levantamento de peso, tênis de mesa e canoagem, embora alguns poucos pratiquem mais de uma atividade.

Esse grupo por participar de diversas competições em nível regional, nacional e internacional, realiza viagens constantes. Devido a tal circunstância, costumam, nos períodos em que não estão competindo, realizar passeios nos destinos em que têm a oportunidade de conhecer.

Lê-se, num texto do CIDeF a seguinte afirmativa:

O esporte adaptado é o melhor meio para fazer com que a pessoa portadora de deficiência saia de casa, conquiste independência, conheça novos lugares e acima de tudo seja mais feliz. Mesmo em uma cadeira de rodas ou usando muletas a pessoa deve saber que ela tem potencial para praticar um esporte e nele poder dar o melhor de si em iguais condições que seus companheiros. (2005)

Refletindo sobre essa afirmação pode-se deduzir que o esporte pode ser um indutor de turismo, no momento em que a pessoa portadora de deficiência física adquire autonomia e pode viajar sozinha, por exemplo. Portanto, a escolha por estudar os portadores de deficiência física, praticantes de esporte adaptado foi um desafio, já que esse cenário esportivo mostra-se fértil e é capaz de trazer contribuições significativas aos estudos em turismo.

Portanto, o cenário de estudo é o grupo de deficientes físicos que pratica esportes no CIDeF, e a indagação principal que se propõe a responder é a seguinte:

**Como os atletas do CIDeF percebem as condições de acessibilidade com as quais se deparam em suas viagens?**

Os atletas do CIDeF são todos portadores de deficiência física, mais especificamente, portadores de paraplegia; de amputações dos segmentos inferiores (pernas) e de seqüelas de poliometelite e mielomeningocele.

As viagens, como variáveis, devem ser entendidas tanto aquelas que os participantes realizam com finalidade de passeio, quanto as realizadas para competir pela UCS.

As condições de acessibilidade se referem às facilidades e dificuldades encontradas para locomoção, hospedagem e alimentação de forma independente.

Com a finalidade de responder à indagação principal da investigação, formularam-se as seguintes questões de pesquisa:

**Questão 1:** Quais são as motivações e experiências turísticas das pessoas que fazem parte do grupo do CIDeF?

**Questão 2:** Quais as condições de acessibilidade, no que se refere ao transporte e à hospedagem, segundo a opinião dos participantes da pesquisa?

**Questão 3:** Quais as condições de acessibilidade, no que se refere aos complexos esportivos nos quais transitam os atletas participantes da pesquisa?

Tendo como norte o problema e as questões de pesquisa, o estudo teve como propósito os seguintes objetivos:

- Descrever o perfil dos participantes do estudo, identificando o tipo de deficiência física da qual são portadores;
- Descrever e analisar percepções dos deficientes físicos que fazem parte do grupo do CIDeF, em relação aos destinos visitados;
- Identificar os motivos das viagens, as facilidades e dificuldades encontradas face à deficiência da qual são portadores;
- Destacar questões pertinentes à infra-estrutura dos complexos esportivos para portadores de deficiência física.

Considerando a abrangência da pesquisa, trata-se de um estudo de caso, uma vez que os resultados obtidos referem-se particularmente às opiniões dos atletas que fazem parte do CIDeF e não dos deficientes físicos em geral.

### 3 CENÁRIO DE ESTUDO

O cenário do estudo é o Centro Integrado dos Portadores de Deficiência Física – CIDEF, uma associação da qual fazem parte deficientes físicos que praticam esportes adaptados, como o basquetebol em cadeira de rodas (equipe masculina e feminina), a canoagem, tênis de mesa e a luta de braço.

Na figura 1, vê-se a equipe de basquetebol sobre rodas masculina na quadra onde desenvolve treinamentos, no Ginásio Poliesportivo da Universidade de Caxias do Sul.



**Figura 1:** Fotografia dos atletas do CIDEF

**Fonte:** Site da UCS, [www.ucs.br](http://www.ucs.br)

O CIDEF realiza suas atividades esportivas no Ginásio Poliesportivo do complexo esportivo da Universidade de Caxias do Sul, uma vez que há uma parceria entre a associação e a Universidade, que tem como propósito incentivar o paradesporto. A UCS é a principal apoiadora da entidade, pois, além de disponibilizar espaço físico para treinos, também auxilia como patrocinadora da equipe, cobrindo gastos com viagens e materiais diversos, como fardamentos, cadeiras de jogo e bolas de basquetebol.

Até março de 2007, o CIDeF não tinha uma sede, local para guardar equipamentos e documentos. A partir dessa data, a UCS disponibilizou uma sala no mesmo ginásio em que ocorrem os treinos da equipe, para que a associação faça uso. Além do apoio da UCS, a entidade conta também com o apoio da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul.

No ano de 2006, momento da coleta de informações à pesquisa, o CIDeF contava com a participação de 25 portadores de deficiência física. No ano de 2007, até o mês de junho, 45 portadores de deficiência física fazem parte do projeto esportivo adaptado. O centro tem, como objetivo, estimular a prática do esporte para pessoas portadoras de deficiência física e ampliar a integração social dos deficientes físicos à sociedade. Objetiva também, por meio das atividades que desenvolve, melhorar a capacidade física dos participantes, contribuindo dessa forma para a melhoria da qualidade de vida.

O ideário do CIDeF preconiza que o esporte adaptado é um meio eficaz para que o deficiente físico adquira e/ou readquira independência; amplie seu círculo de amizades; melhore a saúde; conheça novos lugares e se integre à sociedade.

No Apêndice A, podem ser vistas mais fotos dos integrantes do CIDeF nos locais de treino e competições.

## 4 MARCO TEÓRICO

### 4.1 Os portadores de necessidades especiais

De acordo com Sasaki entende-se que a expressão *portadores de necessidades especiais*, dentro do paradigma da inclusão social, pode ser entendida como:

peças que, em caráter temporário, intermitente ou permanente, possuem necessidades especiais decorrentes de sua condição atípica e que, por essa razão, estão enfrentando barreiras para tomar parte ativa na sociedade com oportunidades iguais às da maioria da população. Além de necessidades especiais, pessoas têm, é claro, necessidades comuns a todo ser humano. (1997, p.15)

Por ser uma expressão genérica, ou seja, por fazer referência a qualquer pessoa que apresenta uma condição atípica, podendo ser uma gestante; uma pessoa com muletas, por estar se recuperando de uma cirurgia ortopédica; uma pessoa acometida por uma doença degenerativa, que a levou a se locomover em uma cadeira de rodas; deficientes mentais, sensoriais ou físicos; diabéticos, cardiopatas, todas essas pessoas se incluem no grupo de portadores de necessidades especiais, por necessitarem de uma atenção diferenciada, pois enfrentam barreiras sociais que limitam suas ações.

Destaca-se que, o foco deste estudo é o portador de necessidades especiais - deficiente físico. Nesse segmento do texto, serão apresentados os termos que estão diretamente ligados ao conceito de deficiente físico no contexto social, abordando as barreiras, a acessibilidade, o modelo médico, entre outros.

#### 4.1.1 O deficiente físico

O termo *deficiente físico* caracteriza as pessoas que apresentam limitações osteomusculares ou neurológicas, de causas congênitas ou adquiridas, que afetam a estrutura ou a função do corpo, interferindo na motricidade e que, geralmente, necessitam de equipamentos como cadeiras de rodas, muletas e bengalas para facilitar sua locomoção.

Fávero (2004, p. 30), sustenta que a deficiência física traduz-se como alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, tendo como consequência o

comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções. Algumas dessas limitações podem ser assim especificadas:

- a) Paraplegia: perda total das funções motoras dos membros inferiores;
- b) Paraparesia: perda parcial das funções motoras dos membros inferiores;
- c) Monoplegia: perda total das funções motoras de um só membro (podendo ser membro superior ou inferior);
- d) Monoparesia: perda parcial das funções motoras de um só membro (podendo ser membro superior ou inferior);
- e) Tetraplegia: perda total das funções motoras dos membros inferiores e superiores;
- f) Tetraparesia: perda parcial das funções motoras dos membros inferiores e superiores;
- g) Triplegia: perda total das funções motoras em três membros;
- h) Triparesia: perda parcial das funções motoras em três membros;
- i) Hemiplegia: perda total das funções motoras de um hemisfério do corpo (direito ou esquerdo);
- j) Hemiparesia: perda parcial das funções motoras de um hemisfério do corpo (direito ou esquerdo);
- k) Amputação: perda total de determinado segmento de um membro (superior ou inferior);
- l) Paralisia cerebral: lesão de uma ou mais áreas do sistema nervoso central, tendo como consequência alterações psicomotoras, podendo ou não causar deficiência mental.

De acordo com o tipo de equipamento que utilizam para locomoção, os deficientes físicos podem ser classificados como:

- a) Cadeirante: pessoa portadora de deficiência física que utiliza cadeira de rodas para se locomover e para praticar esportes como, por exemplo, o basquetebol em cadeira de rodas;
- b) Andante: pessoa portadora de deficiência física que necessita de muletas ou bengalas para sua locomoção. Geralmente, essas pessoas apresentam um comprometimento menor de suas funções motoras, e o uso desses equipamentos

permite que elas se locomovam com independência. Entretanto, há deficientes físicos, que necessitam de muletas ou bengalas para se locomover e que utilizam cadeiras de rodas para praticar algum esporte. Isso significa que os atletas de uma equipe de basquete em cadeira de rodas são cadeirantes conforme definição utilizada.

#### *4.1.2 O deficiente no contexto social*

Segundo dados do Censo Demográfico de 2000, há aproximadamente 24,6 milhões de pessoas portadoras de alguma deficiência no Brasil, representando 14,5% da população brasileira. Não há, porém, uma classificação específica quanto aos tipos de deficiência e níveis de comprometimento, ou seja, informações que realmente retratem a população nacional com referência à deficiência.

Mesmo assim, tais estimativas servem para demonstrar a amplitude da situação. Além disso, pretende-se apresentar neste estudo as peculiaridades qualitativas, que, segundo Negrine (2002), destacam-se nos fenômenos e processos do estudo da deficiência, não ressaltando apenas as limitações ou os aspectos negativos da deficiência, mas as potencialidades que qualquer pessoa deficiente pode desenvolver em benefício próprio e até mesmo da sociedade em que está inserida.

De acordo com Ribas, existem três tipos de deficiência:

[...] as deficiências físicas (de origem motora: amputações, malformações ou seqüelas de vários tipos), as deficiências sensoriais, que se dividem em deficiências auditiva (surdez total ou parcial) e visuais (cegueira também total ou parcial) e deficiências mentais (de vários graus, de origem pré, peri ou pós-natal). (1994, p26)

Cada deficiência tem sua particularidade e especificidade, no que se refere à questão da origem e demais complicações acarretadas em consequência dela. Há casos também de deficiências múltiplas, em que a pessoa apresenta mais de um tipo de deficiência, mas cabe deixar claro que isso não é regra, ou seja, o deficiente físico não é necessariamente um deficiente mental e vice-versa.

Após identificar quem é o deficiente físico, procura-se verificar de que forma a sociedade vem acolhendo esse cidadão, de acordo com as concepções e paradigmas sociais

apresentados. Na relação entre deficientes e sociedade, destaca-se que dois grandes paradigmas podem ser percebidos: o paradigma da integração e o paradigma da inclusão.

De acordo com o pensamento inclusivista, o paradigma da integração é considerado ultrapassado. Por esse paradigma, segundo Sasaki (1997, p. 30), a sociedade continua basicamente a mesma em suas estruturas e nos serviços oferecidos, cabendo às pessoas com deficiência serem capazes de adaptar-se à sociedade. Isso porque a sociedade foi organizada somente para atender as pessoas sem deficiência e, portanto, quem é deficiente, se quiser ser aceito, deve então se enquadrar ao modelo já existente, buscando, de uma maneira ou de outra, adaptar-se, procurando cura para seu problema.

A partir dessa concepção de cura, Sasaki (1997, p. 28) apresenta que tal idéia parte de um modelo médico, em que os deficientes são expostos à discriminação, pois são freqüentemente declarados doentes, que dependem dos saudáveis e que, portanto, levam a vida inutilmente.

Observa-se que o modelo médico ainda se apresenta em nosso meio social, pois a palavra do médico é acatada como verdade absoluta e de difícil contestação. Geralmente, os médicos dizem que determinada deficiência e seus comprometimentos são irreversíveis, restando apenas esperar pelo inevitável. Tal atitude faz com que a família do deficiente descredite dele e, principalmente, ele próprio passe a não acreditar em si, o que acarreta uma acomodação. Isso o induz a nada fazer para mudar sua situação.

Porém, esse paradigma está sendo superado, mesmo que paulatinamente. Os deficientes, com o apoio de alguns membros da sociedade, estão mostrando que o modelo médico definidor do paradigma da integração não representa a verdadeira imagem do deficiente, e que este, mesmo possuindo uma limitação, não pode ser classificado como doente ou inválido.

Segundo Padilha, ao discutir sobre os modos de olhar para o deficiente, na tentativa de superar o modelo médico, destaca:

mais importante que reconhecer a deficiência, compreender o desenvolvimento humano, 'sem deter-se apenas na natureza dos processos patológicos'; compreender como as pessoas enfrentam as suas dificuldades, como dominam a deficiência, como utilizam suas forças. (2001, p33)

Em outras palavras, significa que não se deve reconhecer o deficiente apenas pela sua limitação, mas valorizar suas potencialidades e respeitar seus direitos como cidadãos. Sabe-se que, se a eles forem oferecidas oportunidades, conseguirão superar sua limitação e poderão usufruir de uma vida normal, sem grande dependência de outras pessoas.

Para superar a concepção da integração, almeja-se o paradigma da inclusão, em que não mais o indivíduo portador de necessidades especiais deve adaptar-se à sociedade, buscando uma cura ou simplesmente se acomodando por sua condição. Na inclusão, é a sociedade que deve se adaptar aos cidadãos, como diz Sasaki:

A sociedade torna-se um lugar viável para a convivência entre todas as pessoas, de todos os tipos e condições na execução de seus direitos, necessidades e potencialidades. Nesse sentido, os adeptos e defensores da inclusão, chamados de inclusivistas, estão trabalhando para mudar a sociedade, a estrutura dos seus sistemas sociais comuns, suas atitudes, os seus produtos e bens, a sua tecnologia, em todos os aspectos: educação, trabalhos, saúde, lazer, mídia, cultura, esporte, turismo, transporte, etc. (1997, p.41)

Nota-se que a configuração ideal desse paradigma é muito difícil. É complicado mudar comportamentos já estruturados, mas, sem essa atitude, a sociedade vai continuar medíocre e egoísta, que valoriza apenas os perfeitos. Uma questão que se apresenta é: será que a sociedade está preparada para receber o deficiente em seus sistemas sociais comuns, como no turismo, por exemplo? O principal passo que a sociedade pode dar é na organização de ações concretas e efetivas que visem a amenizar as barreiras que limitam à inclusão social dos portadores de necessidades especiais aos diferentes sistemas sociais.

Ainda no modelo social vigente, Sasaki relata que,

pelo modelo social da deficiência, os problemas da pessoa com necessidades especiais não estão nela tanto quanto estão na sociedade. Assim, a sociedade é chamada a ver que ela cria problemas para as pessoas portadoras de necessidades especiais, causando-lhes incapacidades (ou desvantagem) no desempenho de papéis sociais em virtude de: seus ambientes restritivos, suas políticas discriminatórias e suas atitudes preconceituosas que rejeitam a minoria e todas as formas de diferenças, seus discutíveis padrões de normalidade, seus objetos e outros bens inacessíveis do ponto de vista físico, seus pré-requisitos atingíveis apenas pela maioria aparentemente homogênea, sua quase total desinformação sobre necessidades especiais e sobre direitos das pessoas que têm essas necessidades, suas práticas discriminatórias em muitos setores da atividade humana. (1997, p. 41)

Por esse modelo de visão social ao portador de necessidades especiais, em uma sociedade que se caracteriza como pós-moderna, é paradoxal manter um pensamento discriminatório e com valores ultrapassados. A partir do momento em que a sociedade acolher o deficiente, como ser integrante e com direitos, a formação dos estigmas poderá, inclusive, ser amenizada.

Estigmatizada é toda pessoa considerada fora das normas e das regras estabelecidas. Ribas (1998, p. 16) destaca que é importante perceber que o estigma não está na pessoa deficiente, mas nos valores determinados pela sociedade. Complementando, Goffman (1982 apud SILVA 2002, p. 26) diz que a pessoa estigmatizada sente aquilo que dizem dela,

internalizando como uma verdade os modelos apresentados, tendo atitudes de compensação diante dos outros que vão desde inventar histórias, apoiar-se em seus fracassos ou buscar a constante e doentia superação no trabalho em atividades consideradas impossíveis diante de sua real condição.

Destaca-se ainda que a sociedade insiste em permanecer inflexível, atribuindo as mesmas obrigações para um deficiente, como se fosse uma pessoa não-deficiente. (ADAMS et al., 1985, p. 1).

Pelo que foi apresentado até agora, destaca-se a dificuldade em definir e descrever claramente o papel dos deficientes na sociedade. É confortante para muitos, inclusive para o Estado, atender o deficiente com um paternalismo caritativo. Políticas públicas mais recentes, contudo, fundamentadas em declarações e recomendações mundiais como a Lei Norte-Americana para Portadores de Deficiências (ADA) (1990), a Declaração de Salamanca (1994), a Carta para o Terceiro Milênio (1999), a Classificação Internacional de Funcionamento, Deficiência e Saúde, a Declaração de Washington (1999), a Declaração de Caracas (2002) (SASSAKI, 2005) procuram intervir de forma significativa para a modificação do paradigma anteriormente apresentado.

Alguns exemplos positivos de acessibilidade, vistos em países desenvolvidos, já são realidade como nos apresenta Conte (2005), na Nova Zelândia, onde nas escolas observam-se diversos deficientes físicos em cadeira de rodas. Na estrutura dos estabelecimentos escolares, há rampas em todos os blocos, as quais dão acesso às salas de aula. Os alunos têm também um programa para as aulas de Educação Física e há também alunos deficientes visuais sempre acompanhados de cão-guia.

Nota-se que, nesse caso, trata-se de um país desenvolvido, onde as pessoas possuem um padrão de vida razoável, mas o exemplo serve para mostrar que a acessibilidade é possível, desde que haja principalmente interesse e conseqüentemente ações para concretizá-la.

As questões de acessibilidade, assim como as relacionadas à educação, também são polêmicas no que tange a sua execução nos mais diferentes setores sociais, como habitação, saúde (reabilitação), transporte, trabalho, cultura, desporto, lazer e turismo. O termo *acessibilidade* começou a ser utilizado recentemente, surgindo dos serviços de reabilitação física e profissional. De acordo com Sasaki (2005), na década de 1980, motivados pela pressão do Ano Internacional das Pessoas Deficientes em 1981, grupos de deficientes desenvolveram campanhas mundiais para alertar a sociedade a respeito das barreiras arquitetônicas e exigir, não apenas a eliminação do desenho adaptável, e sim a não-inserção

de barreiras já nos projetos arquitetônicos, o projeto deveria seguir o padrão do desenho universal ou acessível. Neste último, os projetos devem ser desenhados para todos e, portanto, não apenas para a pessoa deficiente.

Observa-se, porém, que muitos aspectos, pelo menos no Brasil, não foram corrigidos, e as mudanças ainda são sutis. Algumas tentativas do Governo Federal em garantir o desenvolvimento do desenho universal, apresentam-se no Decreto Federal 5296/2004 a seguir:

Art. 8º. Para fins de acessibilidade, considera-se:

I – Acessibilidade: condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida;

II – Barreiras: qualquer entrave ou obstáculo que limite ou impeça o acesso, a liberdade de movimento, a circulação com segurança e a possibilidade de se comunicarem ou terem acesso à informação.

[...]

IX – Desenho universal: concepção de espaços, artefatos e produtos que visam atender simultaneamente todas as pessoas, com diferentes características antropométricas e sensoriais, de forma autônoma, segura e confortável, constituindo-se nos elementos ou soluções que compõem a acessibilidade. (BRASIL, 2004)

Ao especificar e explicar termos, como *acessibilidade*, *barreiras* e *desenho universal* em um decreto federal, dever-se-ia dar condições para que ele fosse aplicado em todo o Território Nacional, no que se refere aos produtos e serviços que são oferecidos à população; no entanto, isso não acontece.

O conceito de desenho universal foi criado por uma comissão em Washington, EUA, em 1963, e era inicialmente chamado “Desenho Livre de Barreiras”, por ter seu enfoque na eliminação das barreiras arquitetônicas em projetos de edifícios, equipamentos e áreas urbanas. (Guia de acessibilidade em edificações, publicado pela Comissão Permanente de Acessibilidade – CPA da Secretaria da Habitação e de Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de São Paulo – SEHAB, 2002)

No Brasil, além da legislação, a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, apresenta uma regulamentação para a acessibilidade de pessoas portadoras de deficiência. Na coletânea de normas, é possível encontrar a normatização para os seguintes casos:

- NBR 9050:1994 – Acessibilidade de pessoas portadoras de deficiência a edificações, espaço, mobiliário e equipamentos urbanos.
- NBR 13994:2000 – Elevadores de passageiros – Elevadores para transporte de pessoa portadora de deficiência.

- NBR 14020:1997 – Transporte – Acessibilidade à pessoa portadora de deficiência – Trem de longo percurso.
- NBR 14021:1997 – Transporte – Acessibilidade à pessoa portadora de deficiência – Trem metropolitano.
- NBR 14022:1997 – Transporte – Acessibilidade à pessoa portadora de deficiência em ônibus e trólebus, para atendimento urbano e intermunicipal.
- NBR 14273:1999 – Acessibilidade da pessoa portadora de deficiência no transporte aéreo comercial.

Os objetivos dessas normas são fixar os padrões e critérios que visam a proporcionar às pessoas portadoras de deficiência condições adequadas e seguras de acessibilidade autônoma, atendendo aos preceitos do desenho universal.

Outra tentativa que busca uma regulamentação nacional, quanto aos direitos dos portadores de necessidades especiais, é o Projeto de Lei do Senado, n. 6 de 2003, do Senador Paulo Paim, que institui o Estatuto do Portador de Deficiência. Esse documento ainda está tramitando no Congresso Nacional. Segundo o Senador Paulo Paim, a lei vem para atender a uma demanda da sociedade. O objetivo é assegurar uma legislação moderna, a exemplo do Estatuto do Idoso. (BAHIA, 2005, p. 22).

O Estatuto do Portador de Deficiência, dentre seus objetivos, no art. 6º, destaca “a garantia de acesso, ingresso e permanência em todos os serviços públicos e privados de que necessite oferecido à comunidade”. (BRASIL, 2003). Prevê ainda as regulamentações de acesso, inclusive ao turismo e ao lazer, destacando o último como forma de promoção social.

Como dito anteriormente, além de leis, decretos e projetos, que nos documentos oficiais são muito claros na questão da acessibilidade e da inclusão, destaca-se a importância de transformar as intenções em ações práticas. Estas pouco podem ser observadas no contexto em que estamos inseridos. A questão que se coloca é: os portadores de deficiência têm conhecimento de seus direitos?

Retomando as considerações quanto à acessibilidade, leva-se a refletir sobre a superação das barreiras. Como dito anteriormente, as barreiras apresentam-se como limitações, e sua superação é que determina a acessibilidade.

Segundo Aguirre et al., podemos compreender essa relação da seguinte forma:

É certo que, na maior parte dos casos, a participação social das pessoas portadoras de necessidades especiais se vê obstaculizada por barreiras físicas, legais e também por aquelas de tipo moral. Suprimir as barreiras existentes e evitá-las no futuro é uma tarefa difícil, mas possível. Sua aplicação não é tarefa que possa ser realizada num prazo curto e nem depende apenas dos poderes públicos, da sociedade civil ou dos interessados, tem que ser um trabalho continuado e compartilhado. (2003, p. 40-41)

Em função dessa superação de barreiras, esses mesmos autores ainda nos apresentam as quatro frentes que a sociedade deve assumir de forma efetiva, a fim de rever seus paradigmas com relação às pessoas portadoras de necessidades especiais, que têm direito de usufruir de todos os benefícios sociais, como o turismo e o lazer por exemplo, sejam eles na forma de produtos ou serviços:

- **Acessibilidade ao meio físico:** implica suprimir barreiras urbanísticas, arquitetônicas e de transporte, reconhecendo claramente a necessidade que todos os indivíduos têm de se movimentar;
- **Acessibilidade à educação:** contribuir para o desenvolvimento das pessoas e que, por definição, são todas educáveis. Pode ser total ou parcial, segundo cada caso;
- **Acessibilidade ao trabalho:** aparece como um dos mecanismos integradores mais eficazes, por ser considerado como o mais necessário para a independência das pessoas. Altamente desejável, pois, por meio do trabalho, essas pessoas têm acesso aos meios propícios para seu sustento;
- **Acessibilidade à vida social:** evidencia aspectos menos visíveis, mas que são transcendentais para o desenvolvimento e a dignidade da pessoa, tais como: família, convivência no bairro, atividades culturais e recreativas, assim como a formação dos mais variados tipos de vínculo inerentes a cada uma.

Evidencia-se então a idéia de que a sociedade deve apresentar condições de acessibilidade aos mais variados segmentos sociais. Educação e trabalho, lazer e, por consequência, turismo, devem fazer parte dessa frente de pensamento inclusivo, pois, tendo acesso a esses segmentos, os momentos de lazer também tornar-se-ão rotina a um portador de necessidades especiais, que apresenta os mesmos desejos que os demais integrantes da sociedade.

Considerando que a qualidade de vida das pessoas, cada vez mais, está associada ao tempo e ao direito de lazer, no próximo segmento discutem-se as implicações do lazer e do turismo do deficiente.

## 4.2 O lazer e o turismo do deficiente físico

Com base nas idéias de que o deficiente apresenta-se como indivíduo integrante da sociedade, entendendo-se que seus desejos e necessidades são comuns como os de qualquer outra pessoa, discute-se o direito ao lazer e, conseqüentemente, à prática do turismo, principal foco desta pesquisa.

Atividades de lazer são aquelas que se estruturam no tempo livre, em que algo prazeroso é realizado. Tais atividades estão presentes em no dia-a-dia e se manifestam em ações e comportamentos, em diferentes situações, podendo ser: a leitura de um livro, a participação em um jogo, uma viagem com a família ou amigos, etc. Ou seja, pode-se realizar uma série de atividades, desde que se sinta prazer ao praticá-las, e que essas atividades, de certa forma, tenham uma representação significativa para a vida como um todo, sejam elas praticadas por uma criança, por um adulto, por pessoas com ou sem deficiência.

No caso dos adultos, segundo Negrine, Bradacz e Carvalho (2001, p. 40), sua capacidade lúdica está diretamente relacionada à pré-história de vida, é antes de tudo um estado de espírito, relacionado à cultura do corpo, fazendo parte da apropriação de uma conduta do indivíduo, frente ao seu modo de vida.

Então, o ser humano, apresentando uma história de vivências lúdicas desde sua infância, continuará sentindo necessidade de prazer em realizar atividades que atendam as suas expectativas, no que se refere aos momentos de lazer.

A questão da capacidade lúdica também se aplica ao adulto deficiente, indivíduo que caracteriza o principal elemento analisado neste estudo. Com base no que foi discutido anteriormente, no que tange às questões sociais do deficiente, entende-se que, por sua condição social, apresenta-se com direito irrestrito ao lazer e, conseqüentemente, ao turismo, como alternativa de uma vivência lúdica acessível.

Relacionado às questões de lazer dos deficientes, apresenta-se um estudo realizado por Raposo e López (2002), que cita as concepções de lazer em portadores de lesão medular, bem como suas principais preferências com relação às atividades. As informações foram obtidas por meio de entrevista e análise de prontuário médico. Os principais resultados foram:

- Constatação de que o conceito de lazer distribui-se em cinco categorias – 50% diversão, 20% descanso, 25% fazer o que gosta, 11% associação ao termo acessibilidade e 4% não têm conceito;

- Conclusão de que 75% dos portadores apresentam um conceito de lazer, por grupo de interesse. Destacam-se o artístico, o intelectual, o esportivo, o manual, o turístico e o social. A prevalência foi para as atividades manuais 87%, as sociais 78% e as de turismo: 60%;
- Também a percepção de que a maior opção por atividades manuais dá-se pela condição de estarem em cadeira de rodas. As atividades, como pequenos consertos, artesanato e jardinagem são relacionados à vida diária normal, como uma rotina. Nas atividades sociais, demonstram que gostam de sair, ir a festas e bares. As atividades não ocorrem com frequência em função das barreiras arquitetônicas e de existirem preconceitos sociais. No entanto, gostam muito desse tipo de atividade. Com relação ao turismo, viajar implica transporte, hospedagem, entre outros aspectos. As opções por passeio curto ou viagem à casa de parentes foram as mais citadas.

Observa-se nessa pesquisa que as pessoas portadoras de lesão medular apresentam gosto pelo lazer e que, devido às muitas barreiras e dificuldades encontradas, contentam-se em realizar atividades simples.

Independentemente de o deficiente realizar atividades práticas ou contemplativas, estas devem ser apresentadas com qualidade, visando à satisfação plena de quem as realiza.

Ao buscar uma compreensão do significado da palavra *lazer*, Marcellino, apresenta que “trata-se de um termo carregado de preferências e juízos de valor.” (2003, p. 19-20) Nota-se que a concepção apresentada pelas pessoas quanto ao lazer pode variar de acordo com suas preferências ou com o que a própria sociedade apresenta como o ideal para a sua realização, inclusive dos que possuem o direito de usufruir de seus benefícios quanto a sua prática, o que deveria ser realizada sem barreiras ou pelo menos, com o mínimo delas. O autor destaca ainda que

a palavra “lazer” faz parte do vocabulário técnico e científico há muito tempo. A novidade fica por conta do seu uso no nível corrente ou comum, onde as palavras são dotadas de significados imediatos. Está ligada assim, à relação do homem com a realidade experimentada. Sua incorporação se deu a partir de situações vivenciadas ou desejadas e sua utilização nada mais é que a objetivação dessas experiências. Vale observar que a palavra tem valor instrumental para exprimir um significado. Assim, as pessoas só abstraem o sentido daquilo que está próximo das suas necessidades e desejos fundamentais, ou seja, que lhes é significativo, passando a utilizar símbolos que os expressem. (2003, p. 20)

Nessa idéia, uma pessoa só é capaz de atribuir significado a uma palavra se essa for relevante em sua vivência, como, neste caso, o lazer. Quem teve pouca ou praticamente nenhuma oportunidade de lazer não é capaz de enumerá-lo como relevante em sua prática

diária ou mesmo semanal. Com relação aos portadores de necessidades especiais, isso é mais complicado ainda, pois, sendo adultos, mesmo em uma época de transição de paradigmas, vieram de um diagnóstico médico que restringia suas funções, e muitas atividades, mesmo inofensivas, eram proibidas. Essa atitude, com certeza, refletiu-se na sua concepção de lazer e de seu valor para sua qualidade de vida.

Se o paradigma está mudando, comportamentos e ações também devem estar. Com a intenção de verificar o que as políticas públicas nacionais têm feito, buscaram-se, inicialmente em alguns documentos oficiais, as normas que asseguram a acessibilidade do deficiente a situações de lazer e turismo, o que deveria de certa maneira favorecer então seu acesso mais efetivo.

Viu-se que, a partir da Constituição Federal de 1998 que consagra o lazer como um dos direitos de todos os brasileiros, foi organizado pela EMBRATUR um manual de acessibilidade para pessoas portadoras de deficiência a empreendimentos e equipamentos turísticos. O manual destaca o turismo como uma dessas atividades de lazer.

O presente manual preocupa-se em criar parâmetros de acesso ao portador de deficiência não só ao hotel, mas aos locais turísticos em geral, sugerindo adaptações, como rampas, patamares, portas e sinalizações especiais, que garantam a circulação e o acesso, interno e externo, a apartamentos, banheiros, calçadas, travessias, estacionamento e meios de transporte. (EMBRATUR, Manual de recepção e acessibilidade de pessoas portadoras de deficiência a empreendimentos e equipamentos turísticos)

Observa-se, nesse documento, que, mesmo com boas intenções, ainda prevalece o pensamento da integração com o desenho adaptável, pois onde se lê “sugerindo adaptações, como rampas, patamares, portas e sinalizações específicas, que garantam a circulação [...]”, infere-se a palavra *sugestão*, não sendo portanto obrigatória a adaptação.

De acordo com o Decreto Federal 448/92, art. 3º, da Política Nacional de Turismo, é objetivo do poder público democratizar o acesso ao turismo de forma a contribuir para que classes menos favorecidas também usufruam desse direito.

Na questão do turismo, no que refere à importância da acessibilidade para todos, e do destaque que o turismo deve ter, como um instrumento de inserção social, são necessárias ações concretas. É o que mostra Player (2005), quando afirma que a busca pela atividade turística cresce a cada ano. O autor descreve esse crescimento ao relatar que, após tornar-se deficiente físico em um acidente, resolveu oferecer serviços turísticos acessíveis, ainda em 1992. Hoje, possui três empresas ligadas ao setor: serviços para turistas deficientes e idosos,

serviços imobiliários para clientes deficientes e serviços para a organização de eventos desportivos internacionais.

Quanto ao crescimento desse tipo de atividade, é fundamental inicialmente haver *comunicação* entre os agentes que promovem o turismo – comunidade receptora e o turista deficiente. A qualidade dos serviços e as opções variadas são os atrativos que fazem a diferença, para se fornecer um serviço de melhor qualidade. Essa ordem de serviços oferecida, dentro do desenho universal, é fundamental para que a estrutura turística se apresente sem barreiras.

A hospitalidade no setor hoteleiro visa ao conforto dos hóspedes, combinando estrutura arquitetônica com atitudes e serviços. (CHON; SPARROWE, 2003, p. 133). Os hóspedes querem sentir-se independentes e ser bem tratados. Se isso acontecer, a fidelidade será a consequência da satisfação por terem sido bem-atendidos em todas as suas necessidades.

Parte-se do princípio de que o turismo deve transcender o caráter meramente comercial e contemplar as diferentes necessidades humanas, sendo, com isso, um “turismo suave”, de acordo com a concepção de Krippendorf. Para ele,

a política do turismo não estará mais centrada exclusivamente nas finalidades econômicas e técnicas, mas também respeitará o meio ambiente e levará em conta a necessidade de todas as pessoas envolvidas. Um turismo que satisfaça essas condições, no meu entender, é um turismo suave ou um turismo adaptado (em analogia à argumentação em prol da tecnologia adaptada); aquele que obedece apenas às coerções de ordem econômica e técnica é um turismo duro. Ninguém contestará que foi o turismo duro que prevaleceu até o momento, em todos os lugares e sem nenhuma discriminação. Para passar do turismo duro ao turismo suave, caberia um ajuste às novas prioridades: a primazia deve incidir sobre o ser humano. O turismo só terá futuro se caminhar na direção de um humano maior. O importante é reconhecer que o turismo deve servir ao homem, e não o contrário. (2001, p. 136)

Concordando com a idéia de que o ser humano deve ser valorizado, e que o turismo deve servir o homem, estabelece-se a relação com os portadores de necessidades especiais, pois essas pessoas devem usufruir do turismo, sem precisar pagar mais caro por isso. Sendo o turismo desenhado para todos, ele deve atender aos mais heterogêneos grupos humanos, e dentro do paradigma da inclusão, o portador de necessidades especiais não deve necessariamente realizar as atividades turísticas apenas com seus pares, mas com as pessoas que desejarem, sejam elas portadoras de alguma deficiência ou não.

Ainda tratando de turismo acessível, Gómez destaca que

el complejo de actividades, originadas durante el tiempo libre orientado al turismo y a la recreación activa y pasiva, que posibilitan la plena integración de cualquier persona, más allá de sus capacidades físicas, psíquicas o sensoriales, en un ambiente abierto o cerrado, ya sea en un ámbito cultural o disfrutando de la naturaleza. (2004, p. 17)

Sendo o turismo acessível uma atividade complexa, necessariamente as inter-relações entre pessoas e ambiente são fundamentais. Para que isso aconteça, há outros fatores que visam a potencializar essa atividade, para que as pessoas portadoras de necessidades especiais aproveitem de forma satisfatória o que buscam no turismo. Ainda completa Gómez (2004, p. 19) que, para o pleno desenvolvimento de um indivíduo, necessita-se potencializar três variáveis: a confiança em si mesmo, a independência e os sentimentos de solidariedade nas distintas fases de seu desenvolvimento, sendo ele individualmente, com seu par, ou em grupo.

O desenvolvimento dessas variáveis fica muito mais evidente quando se busca a inclusão como realidade, pois, nesse caso, os deficientes são preparados para interagir no ambiente.

Silva e Boia (2003) apresentam uma concepção de turismo inclusivo, no qual a sociedade deve garantir espaços adequados para todos, aceitando e valorizando a diversidade humana. Para elas, relegando seu papel meramente econômico, o turismo redimensiona-se, passando a exercer função social inclusiva, num contexto que reorienta espaços e atitudes sociais.

No entanto, observa-se que esse discurso ainda faz parte de uma realidade idealizada. O que se constata é uma sociedade ainda cheia de barreiras, como mostra a pesquisa de Boia (2000), sobre o turismo e a pessoa portadora de necessidades especiais. A autora analisa a imagem que as pessoas atuantes num hotel-escola têm da pessoa portadora de necessidades especiais. Em suas considerações finais relata que

A qualificação técnica e humana dos futuros profissionais, bem como a capacitação dos profissionais em exercício no hotel-escola, devem ser revistas no sentido de prepará-los para concretizar o ideal democrático de favorecer o turismo para todos, quebrando barreiras e limitações de toda ordem, que geram segregacionismo e discriminações. Os resultados desta pesquisa mostram ainda que este hotel-escola não se encontra adaptado arquitetonicamente, dificultando o acesso e a permanência do turista portador de necessidades especiais.

O que se percebe nesse estudo é que, em se tratando de um hotel-escola, onde os profissionais que ali atuam estão se preparando para o mercado de trabalho, em uma estrutura

física que deveria servir de modelo, não há condições de acessibilidade. A pesquisa destaca que os profissionais não tiveram uma preparação específica para servir a essa clientela.

Entende-se que uma reflexão para a mudança estrutural deve ser feita. Se descrever o que está faltando, o que está inadequado e não se realizarem mudanças práticas, nada efetivamente irá melhorar. Essas pessoas vão continuar sendo tratadas com caridade e não com dignidade.

Outro estudo que trata da acessibilidade na hotelaria é de Sansiviero e Dias, em que apresentam a temática da hospitalidade oferecida às pessoas com mobilidade reduzida, como hóspedes em hotéis, abordando o conceito de acessibilidade pela ótica da arquitetura e da inclusão social. Após um levantamento realizado na rede hoteleira da cidade de São Paulo, as autoras destacam o seguinte:

[...] com base nas informações obtidas nessa pesquisa, pode-se concluir que: a criação de um produto turístico e hoteleiro com qualidade e hospitalidade para o segmento estudado implica, primeiramente, reconhecer o mercado potencial que as pessoas com deficiência representam na sociedade. [...] A pesquisa conclui também que, na visão das pessoas com mobilidade reduzida, a existência de qualidade e de conforto nos hotéis não é contraditória com a acessibilidade, mas que a não-existência de acessibilidade (principalmente física) implica não se possuir um produto com qualidade. Esta informação é comprovada quando na análise das entrevistas se conclui que: para pessoas com mobilidade reduzida, qualidade é principalmente acessibilidade física, e hospitalidade é isto com algo mais. [...] Embora a pesquisa apresente a acessibilidade arquitetônica do hotel como um grande diferencial, é importante ressaltar que a disponibilidade e a boa vontade dos funcionários envolvidos no atendimento também foram considerados pelos entrevistados como fator essencial para propiciar uma estada agradável. (2005, p. 16-17)

Com o que foi apresentado pelas autoras, pode-se perceber a abordagem comercial norteando seus apontamentos, pois apresentam as pessoas com deficiência como um mercado em potencial. Deve-se ter atenção e, principalmente, discernimento para não tratar essa população como meros consumidores. No entanto, sabe-se que as estruturas capitalistas são o suporte da sociedade contemporânea, e ignorar esse contexto seria como ficar “cego” frente à realidade. A questão então deve ser em como encontrar um ponto de equilíbrio para que o consumidor não conte muito mais que o ser humano que representa esse papel.

Dentro da visão comercial, mas sem deixar em segundo plano o respeito às diferenças humanas, um estudo de Neri (2005) apresenta o exemplo espanhol a respeito do lazer e do turismo para pessoas com necessidades especiais. Inicialmente, a autora destaca que o número de pessoas com necessidades especiais aumenta a cada ano em todo o mundo, e que é importante que a sociedade esteja preparada para conviver com esse coletivo heterogêneo, pois qualquer pessoa pode ter reduzida sua mobilidade, ainda que temporariamente, em

qualquer momento da vida. As atividades de lazer, assim como o turismo, são importantes elementos de integração para as pessoas com algum tipo de deficiência. A oferta de um produto turístico acessível pode ser um fator importante para o crescimento da atividade. A autora apresenta o seguinte panorama espanhol com os exemplos que seguem:

- Na ilha de Lanzarote, no Arquipélago Canário, existe um hotel específico para PNE. Esse hotel pertence à Cruz Vermelha de Oslo-Noruega, e abriga somente portadores de deficiência física e um acompanhante. O hotel é acessível em todas as suas acomodações. O governo norueguês subsidia a estadia de PNE, que não têm condições econômicas de se permitirem umas férias em Lanzarote.
- Em Tenerife, também no Arquipélago Canário, o empresário alemão Hans Fischer instalou um hotel totalmente adaptado para hóspedes com necessidades especiais. Cumpre todos os requisitos constantes na Lei Canária de Acessibilidade.
- A fundação ONCE (Organização Nacional de Cegos da Espanha), criou em Madrid o Museu Tiflológico, especialmente adaptado para deficientes visuais.
- A comunidade valenciana é considerada modelo para todo o país, em se tratando de praias acessíveis, pois ela conta com 80 pontos de praia acessíveis a deficientes físicos. Esses pontos contam com passarelas de madeira para trânsito de cadeira de rodas sobre a areia, cadeiras e muletas aquáticas, sanitários adequados, bem como ajuda de pessoal capacitado para auxiliar o PNE no banho de mar.
- Barcelona é considerada a cidade mais acessível do país, isto se deve ao fato de a cidade ter sediado, nas últimas décadas, uma Copa do Mundo de Futebol (1982) e também de Olimpíada e Paraolimpíada (1992). Para receber esses dois grandes eventos mundiais, a cidade foi preparada de acordo com as exigências da FIFA e do COI.
- Referente à acessibilidade social, o Ministério de Assuntos Sociais espanhol oferece um programa de turismo social, que incentiva a prática do turismo para idosos e portadores de deficiência, subsidiando as viagens daqueles que não possuem renda suficiente para viajar em férias.

Realmente são exemplos a serem seguidos, pois eles apresentam preocupação com o bem-estar, além de visar à atividade comercial. Devido a essa visão, o turismo efetivamente acaba sendo acessível a uma grande parcela da população, que pode aproveitar esses benefícios.

Uma reflexão feita por Pertille (2005), sobre a importância de os atrativos turísticos no Brasil serem acessíveis para deficientes físicos, usuários de cadeira de rodas, ilustra um pouco a realidade no contexto nacional. Mais uma vez, a abordagem econômica se faz presente, pois, em suas análises, a autora destaca que, numa pesquisa realizada com um grupo de turistas ingleses deficientes físicos na cidade de Foz do Iguaçu – PR, constatou-se que viajam em média duas a três vezes ao ano e que existe interesse em viajar mesmo com todas as dificuldades enfrentadas. Gastam aproximadamente R\$ 40.700, 00 (quarenta mil e setecentos reais) com viagens por ano. Sendo que, dificilmente, viajam desacompanhados, representando assim mais ocupação nos hotéis e aumento de divisas para a região turística visitada.

A atividade turística dos deficientes, como visto até aqui, já está atuante, porém sua escala poderia ser maior, principalmente no Brasil, devido a seus inúmeros atrativos. Percebe-se que não faltam leis, ou normas para regulamentar as ações. O que falta é uma política de aplicação e fiscalização, para que a qualidade dos serviços melhore.

Sendo uma alternativa, o esporte manifesta-se como uma oportunidade para que as pessoas desprovidas de condições financeiras, e, no caso dos deficientes, apresentando limitações físicas, possuem de realizar o turismo. Esses indivíduos, nos momentos em que não estão competindo, realizam atividades turísticas, pois viajam com sua equipe a lugares que só tiveram a oportunidade de conhecer por pertencerem a uma equipe esportiva. No próximo segmento do texto, são apresentadas algumas relações entre esporte e viagem para competir, feitas por atletas deficientes físicos.

### **4.3 O esporte e o deficiente físico**

A prática de esportes em cadeira de rodas, realizada por deficientes físicos, teve sua origem, num primeiro momento, devido à realização de exercícios terapêuticos e atividades recreativas, que auxiliassem a restauração da função orgânica dos soldados americanos que voltavam com paraplegia e/ou amputações em função dos combates na Primeira Guerra Mundial.

Entretanto, foi após a Segunda Guerra Mundial que os exercícios terapêuticos tiveram maior inserção, principalmente em hospitais. Adams et. al. contam que “centros de convalescença e reabilitação foram criados. Jogos e esportes adaptados para amputados,

paraplégicos e outros, com deficiências maiores, tornaram-se populares”. (1985, p. 36). Destaca-se que, mesmo com as atrocidades de uma guerra, ela ainda assim pode alavancar o desenvolvimento de uma atividade que assumiu a função de devolver a esses paraplégicos ou amputados uma nova perspectiva de vida, o que serviu de exemplo também para os que já eram deficientes físicos em seu país.

Entende-se como esporte adaptado aquela modalidade esportiva convencional que foi modificada para se adequar às pessoas portadoras de necessidades especiais, assim definida por Winnick:

Esporte adaptado designa o esporte modificado ou criado para suprir as necessidades especiais dos portadores de deficiência. Pode ser praticado em ambientes integrados, em que os portadores interagem com não-portadores de deficiência, ou em ambientes segregados, nos quais a participação esportiva envolve apenas portadores de deficiência. Com base nessa definição, por exemplo, o basquetebol é um esporte regular, ao passo que o basquetebol em cadeira de rodas seria considerado um esporte adaptado. (2004, p. 6)

Retomando as questões históricas, depois de superada a fase de reabilitação que caracterizava o esporte adaptado no período pós-guerra, por volta de 1946 nasceu, nos Estados Unidos, o basquetebol em cadeira de rodas, sendo esse o primeiro esporte adaptado de que se tem registro. É nesse período, também, que se define a nova função da atividade, que deixa de ser apenas de reabilitação e passa a ter um papel mais significativo aos seus participantes, como momentos de recreação e de lazer. (ADAMS et al. 1985, p. 39).

Sobre acontecimentos por volta de 1946, os autores destacam o seguinte

Jogadores de basquete em cadeira de rodas surgiram de vários estados americanos. Esses veteranos gradualmente adaptaram as regras e regulamentos do basquetebol regular para suas necessidades específicas. Mais e mais homens deficientes começaram a praticar o esporte na cadeira de rodas, até que vários times foram oficialmente organizados. Assim o basquetebol tornou-se o primeiro esporte em cadeira de rodas organizado da história. Por causa das grandes distâncias que as equipes de cadeira de rodas tinha, que viajar para competir com outras equipes de iguais condições e também por causa das despesas envolvidas com o transporte em cadeira de rodas, os times em cadeira de rodas com frequência competiam e ganhavam de times compostos por jogadores são, mas que jogavam em iguais condições, ou seja, também em cadeira de rodas. O jogo era tão entusiasmado como o jogo normal, senão mais, porque era necessário muita habilidade para jogá-lo. (1985, p. 40)

Desde a origem, a relação do esporte adaptado com as viagens já pode ser notada, no que diz respeito ao desejo de viajar para competir com outros jogadores de cadeira de rodas. Inicialmente, foi pouco difundida, devido à falta de condições de estrutura que o transporte da época apresentava. De certa forma, o esporte serviu também para despertar a atenção dos responsáveis por esses transporte, que precisaram operacionalizar adaptações para atender a mais essa categoria de passageiros.

As barreiras apresentadas pelo transporte não desmotivaram o crescimento do esporte, que foi aos poucos se estruturando e recebendo reconhecimento e apoio, inicialmente nos Estados Unidos e em seguida na Europa.

Dentro do que foi visto, até o momento, destaca-se que o esporte adaptado estruturou sua base no período pós-guerra e que se mantém sólida até os dias atuais. Pelo surgimento de competições em nível regional e nacional, o desenvolvimento dos grandes eventos de importância mundial, como as Paraolimpíadas, despertou investimento de grandes corporações, levando a um marketing internacional, que atinge um número cada vez maior de atletas e, conseqüentemente, espectadores do esporte. Isso, sem dúvida, favoreceu o aperfeiçoamento de estruturas, inicialmente esportivas e, logo em seguida, as de transporte e hospedagem, levando à prática da atividade turística dessa população portadora de necessidades especiais.

## **5 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA**

A investigação se deu com um grupo de deficientes físicos, que pertence ao Centro Integrado do Portador de Deficiência Física de Caxias do Sul – CIDeF, e que desenvolve suas atividades esportivas na Universidade de Caxias do Sul. Devido ao fato de o grupo ser constituído de atletas, que viajam para competir, procurou-se verificar como essas pessoas percebem as condições de acessibilidade em suas viagens. Para tanto, estruturam-se os procedimentos metodológicos e os instrumentos para a realização da pesquisa e, conseqüentemente, para a resolução do problema de pesquisa.

### **5.1 Características da pesquisa**

Trata-se de uma pesquisa de tipo etnográfica de corte qualitativo, nas especificidades e na perspectiva dos atores que fizeram parte do processo investigatório. Trata-se de um estudo de caso, uma vez que os participantes pertencem ao grupo esportivo, CIDeF, que recebe apoio da Universidade de Caxias do Sul e da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul e que viajam em função desse *status* social.

A natureza qualitativa é, segundo Molina Neto, “empregada para sustentar um leque de técnicas e investigação centradas em procedimentos hermenêuticos que tratam de descrever e interpretar as representações e os significados que um grupo social dá à sua experiência cotidiana”. (1999, p. 112). Devido a isso, o presente estudo aborda as questões que relacionam os fatos vivenciados pelo grupo e suas representações frente às viagens.

### **5.2 Aproximação ao grupo de estudo**

Ao se estabelecerem os procedimentos metodológicos do projeto de pesquisa, não se imaginava que, com o decorrer da aplicação da pesquisa, ela tomaria o rumo da etnografia.

Inicialmente, tratava-se de uma pesquisa descritiva, mas, no momento em que a pesquisadora iniciou aproximação com o grupo do CIDeF, a mesma recebeu convite para organizar a equipe feminina de basquetebol em cadeira de rodas e de natação paraolímpica. Então, em junho de 2006, a pesquisadora começou a trabalhar no CIDeF e a conviver com o grupo de deficientes físicos, o que permitiu ampliar sua percepção sobre o grupo.

A oportunidade de trabalhar com o grupo favoreceu uma aproximação natural, pois, estando inserida no dia-a-dia dos treinamentos e na convivência social, foi possível para a pesquisadora observar reações, expectativas, percepções, desejos e necessidades frente à prática do esporte e às oportunidades de viagem.

Considerando o corte etnográfico da pesquisa, buscou-se, na literatura, uma base teórica que justificasse os procedimentos metodológicos que seriam adotados, em Laplantine:

Não se pode, de fato, estudar os homens à maneira do botânico examinando a samambaia ou do zoólogo observando o crustáceo; só se pode fazê-lo comunicando-se com eles: o que supõe que se compartilhe sua existência de maneira durável (Griaule, Leenhardt) ou transitória (Lévi-Strauss). Pois a etnografia, que é fundadora da etnologia e da antropologia [...], não consiste apenas em coletar, através de um método estritamente indutivo, uma grande quantidade de informações, mas em impregnar-se dos temas obsessionais de uma sociedade, de seus ideais, de suas angústias. O etnógrafo é aquele que deve ser capaz de viver nele mesmo a tendência principal da cultura que estuda. (2005, p. 149-150):

A etnografia requer comprometimento no trabalho de campo. A convivência com o grupo permite a observação sensível dos detalhes sutis. É o que relatavam os etnógrafos do passado ao estudar tribos exóticas. Nos tempos atuais, os etnógrafos costumam se ocupar em estudar tribos urbanas que apresentam características próprias. Tais estudos servem de referência para os estudos etnográficos em várias outras áreas do conhecimento.

Malinowski (1978) sustenta que, na etnografia, o autor é ao mesmo tempo o seu próprio cronista e historiador. O autor é de opinião que as fontes de informação são bastante acessíveis, mas também podem ser extremamente enganosas e complexas, já que não estão incorporadas a documentos materiais fixos, mas ao comportamento e à memória de seres humanos. Para ele, o fato de pesquisar “seres humanos” em seu próprio hábitat pode ter limitações, pois certos comportamentos sociais ou atitudes não podem ser previstos, mas, pelo fato de se estabelecer uma rotina, uma convivência, a reincidência de determinado comportamento acaba sendo destacada pelo pesquisador, e então a reflexão é feita, e o processo científico toma forma. É com base nesse princípio que se buscou estruturar esta pesquisa.

As reflexões desse autor foram muito significativas, por um lado, para a definição da etnografia como método; por outro, para se pensar nas estratégias metodológicas.

### **5.3 Estratégias metodológicas**

O foco central da investigação foi verificar a percepção que os integrantes do CIDeF têm, com relação às viagens, sejam elas a passeio com familiares ou amigos, sejam para participar de competições esportivas, ou não. Tal questão norteou a estruturação dos instrumentos para a coleta das informações.

Destaca-se que, desde o início, todos os membros do CIDeF foram informados sobre a realização da pesquisa, incluindo-se aí o presidente da associação, o técnico da equipe masculina e os atletas. A pesquisadora teve o cuidado de conversar com todos, explicar suas intenções, ouvir a concordância e de se comprometer com os procedimentos éticos na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas.

Buscando-se atingir os objetivos propostos pelo estudo, a pesquisa começou a tomar forma, e algumas etapas foram sendo definidas para facilitar a organização do trabalho de campo, como:

- a) Revisão de literatura;
- b) Definição das estratégias metodológicas;
- c) Definição dos instrumentos para coletar as informações;
- d) Aplicação dos instrumentos para coletar as informações;
- e) Descrição, análise e interpretação das informações obtidas.

O caráter dinâmico que caracteriza a pesquisa, e mais especificamente o método etnográfico, fez com que houvesse definição dos instrumentos de coleta de informações, para que posteriormente fossem feitas a descrição, a análise e a interpretação, com o objetivo de responder ao problema da investigação e às questões de pesquisa.

### **5.4 Definição dos instrumentos de coleta de informação**

Esse procedimento englobou mais uma tomada de decisão no curso do processo investigatório, que se descreve na seqüência.

### 5.4.1 Análise documental

Podem ser considerados, como documentos, os registros escritos que contêm informações sobre o objeto de estudo em questão. Segundo, Mazzotti e Gewandszajder, “os documentos podem ser usados tanto como uma técnica exploratória, como para verificação ou complementação dos dados obtidos por meio de outras técnicas”. (2002, p. 169)

No caso da presente pesquisa, os documentos analisados serviram de complemento às informações obtidas por meio das observações e da entrevistas, constituindo-se em mais uma fonte confiável de informações sobre as ações do grupo estudado.

Os documentos analisados foram: o estatuto do CIDeF (1 documento), o texto disponível no *site* da UCS (1 documento), que apresenta informações básicas sobre a associação, e os informativos do CIDeF (9 documentos), que são distribuídos para a comunidade acadêmica da UCS, Secretaria de Esporte e Lazer de Caxias do Sul, imprensa local e para os demais interessados nas ações do CIDeF. Ao todo foram 11 documentos analisados.

### 5.4.2 Observação

A observação foi também utilizada como instrumento para coleta de informações, somando-se as entrevistas e a análise documental, que serviram para a estruturação das categorias de análise da pesquisa.

A observação, como instrumento de coleta de informações, requer atenção e um olhar direcionado ao fenômeno que se pretende estudar. Com base nessa perspectiva, Triviños destaca que

observar, naturalmente, não é simplesmente olhar. Observar é destacar de um conjunto (objetos, pessoas, animais, etc.) algo especificamente, prestando, por exemplo, atenção em suas características (cor, tamanho, etc.). Observar um fenômeno social significa, em primeiro lugar, que determinado evento social, simples ou complexo tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, sejam estudadas em seus atos, atividades, significados, relações, etc. (1987, p. 153)

Isso significa que a observação para fins de investigação deve ser seletiva, voltada ao que se pretende compreender. Foi nessa perspectiva que o estudo foi levado a cabo. Quanto ao tipo de observação, optou-se pela observação participante, em que a pesquisadora/observado-

ra participava dos acontecimentos, fazendo os registros depois do acontecimento, conforma destaca Negrine (1999).

A observação, como instrumento de coleta de informações começou a tomar corpo no momento de aproximação da pesquisadora ao grupo de estudo, isto é, quando iniciou o trabalho como técnica de basquetebol da equipe feminina do CIDeF. Foi essa condição que permitiu realizar a observação participante.

Para observar seletivamente, definiram-se previamente pautas de observações para evitar a dispersão dos registros, como:

- a) Relações interpessoais entre os integrantes do CIDeF;
- b) Relação dos atletas portadores de deficiência física com os técnicos;
- c) Organização das atividades do grupo feita pela coordenação do CIDeF;
- d) Planejamento e preparação para as viagens com os portadores de deficiência física.

Grande parte das observações foram realizadas no ginásio poliesportivo da UCS, onde o CIDeF realiza os treinos. Outras observações foram realizadas em situações distintas, como em passeios e em outras atividades de lazer da quais a pesquisadora participou com o grupo, totalizando 54 (cinquenta e quatro) observações. Foi no período de 4 de junho a 12 de dezembro de 2006 que se recolheram essas informações.

#### *5.4.3 Entrevista*

A entrevista trata-se de um encontro combinado entre pessoas, que costuma ocorrer em algum local preestabelecido e apresenta como objetivo recolher informações ou opiniões sobre um determinado assunto, sendo realizada de forma oral, conforme sustenta Negrine (1999). O autor diz ainda que uma das pessoas participantes da entrevista é a pesquisadora que, por meio dessa estratégia, procura estabelecer melhor vínculo e melhor visualização das pessoas e dos fatos que são objeto de pesquisa.

Nesse estudo, optou-se por utilizar a entrevista semi-estruturada. A entrevista semi-estruturada é aquela que parte de uma série de questões preestabelecidas, baseadas em estudos teóricos, observações e experiências do investigador e que, a partir das respostas obtidas, origina outras questões que não estavam previamente estabelecidas, ou seja, criam-se novos questionamentos a partir de respostas anteriores.

O roteiro da entrevista semi-estruturada foi pensado no início da pesquisa e apresenta questões fechadas. No Apêndice B, apresenta-se o roteiro da entrevista aplicada aos participantes. Com base nos princípios éticos, foi também pensado e aplicado um termo de consentimento aos participantes, quando uma via ficou com o entrevistado e outra com a pesquisadora, conforme Apêndice C.

As entrevistas ocorreram entre os meses de agosto e outubro de 2006. É importante destacar que o convívio com o grupo estudado foi determinante para que a pesquisadora realizasse as entrevistas. Com a prática de entrevistar, a pesquisadora foi adquirindo segurança para a realização das entrevistas, o que tornou os diálogos produtivos. O fato de a pesquisadora estar acompanhando o grupo estudado fez com que fosse possível observar reações e sentimentos e tornar a entrevista mais produtiva, no sentido de perguntar sobre questões pontuais observadas no comportamento de cada um em determinadas situações.

A pesquisadora teve a preocupação de realizar as entrevistas em locais que faziam parte da rotina dos participantes, como na própria residência ou no ginásio de esportes onde ocorrem os treinamentos, mas sempre com agendamento prévio. No momento da entrevista, sempre se deixou o entrevistado bem à vontade. Uma das preocupações da pesquisadora foi não atrapalhar os treinamentos, pois, caso isso acontecesse, tal atitude poderia influenciar as respostas, já que os participantes dão muita importância aos treinos.

Para a realização das entrevistas, adotaram-se algumas estratégias básicas, como:

- a) Agendamento prévio com o entrevistado;
- b) Esclarecimentos sobre as intenções da pesquisa;
- c) Entrega do Termo de Consentimento em duas vias, em que constava a assinatura da pesquisadora e, posteriormente, a do entrevistado, ficando cada um com uma via;
- d) A gravação da entrevista foi feita em fitas K7, com um aparelho gravador da marca Panasonic, modelo 3x Rec Time;
- e) Anotação, no decorrer da entrevista, de registros pontuais, entendidos como relevantes, facilitando assim a organização das informações, inclusive para definir categorias e/ou subcategorias de análise;
- f) Transcrição de todas as entrevistas na íntegra;
- g) Criação de uma simbologia para identificar cada participante do estudo, para facilitar a descrição das informações.

Pseudônimos foram adotados, a fim de preservar a identidade dos participantes. Uma vez transcritas as entrevistas, foram devolvidas aos entrevistados, com a finalidade de validar seu conteúdo. O procedimento adotado teve como objetivo dar confiabilidade às informações. No momento da devolução das entrevistas aos entrevistados, foi permitida alteração do conteúdo de suas respostas, se assim entendessem, seja retirando, ou seja acrescentando algo que pensavam ser conveniente. Algumas validações foram feitas via *e-mail*, outras assinadas pelo próprio entrevistado e devolvidas à pesquisadora.

Foi realizada um total de quinze entrevistas com os atletas do CIDeF. Os participantes desse estudo se constituíram de pessoas do gênero masculino e feminino que se dispuseram a participar do estudo.

## 5.5 Categorias de análise

A partir das descrições das informações, que será detalhada no capítulo seis e tendo como foco a indagação principal e as questões de pesquisa, o desafio foi a definição das categorias de análise, tarefa complexa e que exige muita abstração daquele que realiza a pesquisa. O problema-foco da investigação foi: **“Como os atletas do CIDeF percebem as condições de acessibilidade com as quais se deparam em suas viagens?”**

A partir da formulação do problema, levantaram-se questões de pesquisa, como estratégia para melhor compreender o fenômeno que se quis estudar. Tendo como norte as questões da pesquisa, definiram-se as categorias de análise, focando os deficientes físicos estudados:

- Perfil dos deficientes físicos estudados;
- Experiências e viagens: destinos significativos;
- Percepções dos deficientes físicos frente às condições de acessibilidade.

## 6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

A partir deste segmento da dissertação, são apresentadas a descrição e a análise das informações recolhidas no decorrer do processo investigatório. As estratégias adotadas nesta fase do trabalho foram as seguintes:

- a) **Organizar informações:** inicialmente tomaram-se como referência os diferentes instrumentos utilizados na coleta, como: análise de documentos, entrevistas e observações,
- b) **Discutir e interpretar:** a partir da descrição e da análise das informações, focando nas categorias de análise, a intenção foi estabelecer nexos entre a revisão de literatura e os resultados da pesquisa.

### 6.1 Organização das informações

Com o objetivo de dar dimensão ao leitor da abrangência das informações, com as quais se trabalhou nesta pesquisa, apresenta-se inicialmente um quadro síntese.

<b>INSTRUMENTOS UTILIZADOS</b>	<b>QUANTIDADES</b>
Análise documental	11
Entrevistas	15
Observações	54
Total de instrumentos analisados	80

**Quadro 1:** Síntese dos instrumentos utilizados

As informações foram organizadas de acordo com o instrumento utilizado; no Apêndice D, podem ser vistas tais informações.

#### 6.1.1 A Análise documental

Foram analisados os seguintes documentos aos quais se teve acesso: Estatuto do CIDEF (1); Texto do CIDEF disponível no *site* da UCS (1) e informativos do CIDEF (9).

Para facilitar a identificação dos documentos na descrição das informações, optou-se por numerá-los do D1 ao D11. O estatuto foi denominado de D1, o texto do CIDEF que consta no *site* D2, e os informativos foram organizados e denominados D3 a D11.

O Estatuto é o documento que rege as ações do CIDEF; está constituído por 32 artigos, distribuídos em 5 capítulos. Dentre as informações apresentadas, destacam-se: sua denominação e finalidades, como entidade não-governamental, conforme consta no Anexo A.

O art. 1º do estatuto refere que o Centro Integrado dos Portadores de Deficiência Física - CIDEF, foi constituído em 24/11/1996 como entidade civil, sem fins lucrativos e que tem como sede o município de Caxias do Sul-RS.

No art. 2º do referido estatuto, está dito que o centro tem por finalidade promover entre os associados o trabalho, o esporte, o lazer e a cultura, e no art. 3º, que, no desenvolvimento das atividades do centro, não se fará qualquer discriminação racial, política, religiosa e social.

Embora o CIDEF tenha finalidades abrangentes, como por exemplo encaminhamento para trabalho, neste estudo, o foco foi estudar o grupo a partir dos treinamentos esportivos e das viagens que realizam, seja para competir, seja para lazer.

A análise do texto do CIDEF (Anexo B) indica que o mesmo está inserido no Programa UCS Olimpíadas e que pertence ao Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade de Caxias do Sul. A partir da leitura do texto, fica explícito que a Universidade acolheu o centro, uma vez que tem como princípio o esporte como meio de inclusão social.

No D2, destaca-se a caracterização do CIDEF como uma organização não-governamental. A parceria entre o CIDEF e a UCS permitiu que se viabilizasse a proposta de inclusão social do deficiente físico, a partir da prática esportiva, ampliando dessa forma as oportunidades de esportes oferecidos à comunidade na Vila Olímpica da UCS.

No D2 constam também: as regras do basquetebol em cadeira de rodas (modalidade esportiva mais popular no CIDEF); os princípios da canoagem adaptada e as características do tênis de mesa adaptado. Mais informações referentes ao documento D2, ou a outras ações na Vila Olímpica da UCS, podem ser acessadas no *site* da Universidade de Caxias do Sul: [www.ucs.br](http://www.ucs.br). Destaca-se que até a redação deste texto de pesquisa, as informações sobre os títulos de 2006 ainda não haviam sido atualizadas.

Os informativos analisados do CIDeF (D3 a D11) são publicações mensais que ocorreram entre abril e dezembro de 2006. Tais informativos apresentam informações sobre as atividades desenvolvidas pelos membros do CIDeF; a participação em eventos comunitários e esportivos; os resultados de jogos, assim como a programação das viagens para a participação do grupo em competições. O material também é ilustrado com fotos dos membros do CIDeF nos eventos em que participam. No Anexo C encontra-se um exemplar do informativo.

Os informativos são editados por Luciano Comerlato, técnico da equipe masculina de basquetebol sobre rodas. Destaca-se que Luciano também faz parte da coordenação do CIDeF.

Encontraram-se, nos informativos analisados, os principais destinos da equipe do CIDeF em viagem para competir. No Apêndice E, pode-se ver um resumo dessas informações.

Com base no que consta nos informativos D3 a D11, os principais destinos das viagens, em 2006, aconteceram de acordo com o tipo da competição:

- Na Liga Gaúcha, competição de nível estadual, a equipe de basquete esteve em Porto Alegre, Erechim e Santa Cruz do Sul;
- Na Liga Sul, que reúne equipes do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná, sendo uma competição classificatória para o Campeonato Brasileiro, os destinos foram: Joinville-SC e Curitiba-PR;
- O Campeonato Brasileiro aconteceu em Fortaleza-CE, sendo a segunda participação equipe de basquete em competição de nível nacional, a primeira foi em Vitória-ES em 2005.
- Em nível internacional, o CIDeF esteve representado pelo atleta de luta de braço em Manchester na Inglaterra.

Uma informação que merece destaque encontra-se no D6: a equipe de basquetebol, após uma partida de apresentação na cidade de Nova Petrópolis-RS, foi levada pelos organizadores para apreciar os pontos turísticos da cidade. Percebe-se, nessa ação, a sensibilidade dos organizadores do evento, demonstrando hospitalidade com os visitantes.

A análise desses documentos permitiu visualizar que os atletas do CIDeF viajam para competir, o que justifica o uso desse instrumento para o estudo.

### *6.1.2 As observações*

As observações foram realizadas no período de 4 de junho a 12 de dezembro de 2006. Com a finalidade de facilitar a descrição das informações e, em seguida sua análise, elas foram divididas em dois blocos:

- 1) Convivência com o grupo do CIDeF e treinos de basquete masculino (19 observações – período dos registros – 4/6/06 a 12/12/06);
- 2) Treinos de basquete e natação feminino (35 observações – período dos registros – 18/6/06 a 2/12/06).

Apresentando-se como uma observação do tipo *participante*, os registros foram realizados após os acontecimentos. A pesquisadora procurou seguir a seguinte pautas

- Relações interpessoais entre os integrantes do CIDeF;
- Relacionamento dos atletas portadores de deficiência física com os técnicos;
- Planejamento e preparação para as viagens com os portadores de deficiência física.

Procurou-se realizar uma observação seletiva que contribuísse para a resolução das questões de pesquisa, a que se propôs no início desta investigação, seguindo o roteiro acima. E, tratando-se de uma pesquisa etnográfica, muitas vezes a estudiosa é citada nas atividades como uma das participantes. Uma das observações pode ser vista no Apêndice F.

#### *Relações interpessoais entre os integrantes do CIDeF*

Por ser uma das finalidades do CIDeF promover o lazer de seus associados (D1), foi organizado pelo presidente da associação e pelos técnicos esportivos o projeto *Lazer sem Limites*. Essa ação tem como proposta levar o grupo participante do CIDeF a realizar atividades de lazer, em diversos locais de Caxias do Sul, tais como *shoppings* e parques.

O objetivo desse projeto vai além da integração do grupo, busca uma forma de inclusão dos portadores de deficiência física em ambientes públicos, onde normalmente a presença dessas pessoas não é tão freqüente.

Abaixo está um trecho da observação realizada no dia da primeira edição do *Lazer sem Limites* que aconteceu no Shopping Iguatemi de Caxias do Sul (O1, 4/6/06):

Encontramo-nos em frente à prefeitura, todos estavam alegres e demonstravam motivação em realizar a atividade. Já na praça de alimentação do *shopping*, degustando *chopp*, batatinhas e/ou café, divertimo-nos contando histórias engraçadas. A deficiência é tratada, no grupo, com humor.

Na abertura dos Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul – JIRGS, que aconteceu nos Pavilhões da Festa da Uva de Caxias do Sul (O14, 10/11/06):

Na abertura dos jogos, a delegação de Caxias do Sul estava também representada pelos atletas do CIDeF, que participariam das modalidades de basquete sobre rodas masculino e natação feminina. O grupo estava integrado com os demais atletas das outras modalidades. Conversamos sobre a expectativa de participar dos jogos, o grupo demonstrava determinação em conseguir o título. No jantar de confraternização para os atletas, o clima estava ótimo, todos conversavam muito.

No dia da competição dos JIRGS, a equipe de basquete do CIDeF sagrou-se campeã da modalidade. Os jogos aconteceram no ginásio Poliesportivo da UCS (O15, 11/10/06):

O ginásio apresenta 4 quadras, e ao mesmo tempo, estava acontecendo, além do basquete sobre rodas, a competição das modalidades de futsal para cegos e voleibol. O voleibol não era paradesportivo, ou seja, os atletas não eram portadores de necessidades especiais. No fim das partidas, os atletas do CIDeF e das outras modalidades conversavam. Circulavam num ambiente freqüentado por portadores de necessidades especiais e pessoas sem deficiência. Na modalidade de natação, a atleta do CIDeF venceu as duas provas em que competiu, 25m e 50m livre. Na arquibancada da piscina, além do público em geral, estavam atletas do CIDeF torcendo e comemorando a vitória. A atuação despertou interesse em criar uma equipe de natação para o próximo ano de 2007.

No treino de basquete da equipe masculina do dia 14/11/06 (O16), depois da alegria do título do JIRGS, a ansiedade dominava o ambiente, isso em função da convocação para o Campeonato Brasileiro em Fortaleza-CE:

Os atletas aguardavam com expectativa sua convocação para participarem do campeonato. Após o anúncio da lista dos convocados, feita pelo técnico, alguns ficaram tristes por não estarem na lista, outros não escondiam a alegria da convocação.

#### *Relacionamento dos atletas portadores de deficiência física com os técnicos*

Na condição de técnicos desportivos, procura-se manter um relacionamento profissional com os atletas, respeitando as limitações físicas dos mesmos, mas nunca com sentimentos de piedade.

Na relação atleta X técnico, sempre há a demonstração de respeito: contestações acontecem, mas são resolvidas dentro do grupo.

O relacionamento é construído com o passar do tempo, na medida em que o atleta vai adquirindo confiança no técnico para falar sobre suas limitações físicas. A partir desse momento, o técnico começa a construir, junto com o atleta, estratégias para desenvolver seu

potencial e melhorar sua performance na quadra e também maneiras de melhorar sua qualidade de vida fora da quadra.

### *Planejamento e preparação para as viagens*

As viagens são organizadas de acordo com o destino. Para viagens mais curtas, por exemplo, a Porto Alegre, Joinville, Curitiba, geralmente são alugadas *Vans* e reboque, para o transporte das cadeiras de rodas; a hospedagem acontece em alojamentos. Nas viagens longas, como as feitas para Vitória e Fortaleza, o transporte é aéreo, e a hospedagem acontece em hotéis.

Na O8, 12/09/06, pode-se destacar o seguinte:

Em uma das etapas da Liga Sul, que aconteceria em Curitiba, o técnico do masculino e o presidente do CIDeF estavam organizando o transporte para a equipe. Discutiam questões de ordem financeira, seria mais “barato” irem com uma *Van* ou com ônibus. O transporte foi alugado e até o momento nunca se utilizou um transporte adaptado, os cadeirantes (paraplégicos) precisam ser levados para dentro da *Van*, ou do ônibus. Em um reboque, as cadeiras de jogo e as cadeiras de atividade de vida diária (AVDs) são acomodadas pelo auxiliar técnico e pelo motorista.

Como não se poderia deixar de citar, em seguida segue uma observação sobre o ginásio onde a equipe do CIDeF desenvolve seus treinamentos.

### *Acessibilidade no ginásio de treino*

**Transporte de acesso ao ginásio:** a maioria dos atletas utiliza os serviços do transporte adaptado, disponibilizado pela Secretaria Municipal de Transportes da empresa VISATE de Caxias do Sul. O serviço precisa de agendamento prévio de 48 horas. Alguns possuem carro próprio.

**Acessibilidade na entrada do ginásio:** há rampas de acesso e portas largas que facilitam a passagem de cadeiras de rodas e muletas as 4 quadras do ginásio. Não há acesso para a arquibancada da quadra principal.

**Acessibilidade à quadra de treino:** há amplo acesso, fácil trânsito de cadeiras de rodas.

**Banheiros:** o ginásio possui um banheiro adaptado, e seu acesso é feito por rampas. Os vestiários não possuem adaptação; os atletas do CIDeF, se quiserem utilizá-los, deverão passar pelas seguintes barreiras: escadas de acesso, falta de boxe de banho com barras, e falta de cadeira de banho

**Cadeiras de jogo:** as cadeiras de jogo são diferentes das cadeiras de AVDs, e os atletas precisam passar de uma cadeira para outra, a maioria consegue sem ajuda, alguns precisam de auxílio de outras pessoas para fazer a transição de uma cadeira para outra. No caso dos andantes, o processo é mais fácil, pois apenas largam a mulata, ou tiram a prótese para sentar na cadeira de jogo. (O2, 06/06/06):

As informações coletadas a partir das observações serviram para complementar os depoimentos dos participantes da pesquisa na entrevista, pois o que se pretende apresentar são as percepções dos deficientes físicos que viajam para fora de Caxias do Sul, e não apenas as da pesquisadora.

### *6.1.3 As entrevistas*

A entrevista foi mais um dos instrumentos de coleta de informações utilizados na pesquisa. Foram realizadas com quinze membros do CIDeF, pessoas que se dispuseram a responder às questões elaboradas pela pesquisadora. O instrumento foi composto por um roteiro semi-estruturado (Apêndice B), dividido em três blocos de perguntas: informações gerais, informações sobre viagens e informações sobre viagens com o CIDeF.

Sendo a identidade de cada participante sigilosa, utilizou-se a simbologia por pseudônimos de E1 a E15. Incluiu-se também a caracterização de andante ou cadeirante, com a finalidade de situar o leitor a respeito da real situação física do participante, frente a seus relatos. No Apêndice G, pode-se contemplar uma entrevista feita com um participante da pesquisa.

#### *Primeiro bloco de questões: informações gerais dos portadores de necessidades especiais estudados*

O perfil dos participantes do estudo engloba faixa etária, grau de instrução, causa da lesão e equipamento utilizado para a locomoção. O grupo estudado totalizou *quinze* participantes, sendo onze homens e quatro mulheres. Todos participam do CIDeF há mais de cinco meses. Alguns fazem parte do CIDeF há dez anos, isto é, desde a sua formação. A atuação das mulheres é mais recente no grupo, uma vez que a equipe feminina foi formada a partir de junho de 2006.

A faixa etária dos participantes varia dos 18 aos 40 anos. No caso dos homens, oito deles têm mais de 30 anos. O grupo feminino apresenta duas participantes com idades de 21 e 25 anos, uma acima de 30 anos e outra acima de 40 anos.

O CIDeF é uma associação que acolhe pessoas sem restrições de idade; os membros da associação devem se comprometer com vontade e determinação para participar das

atividades esportivas e dos treinamentos físicos, técnicos e táticos e respeitar as determinações da associação.

Quanto ao grau de instrução, grande parte dos homens não concluiu o Ensino Fundamental (sete), um participante possui Ensino Médio incompleto e outro Ensino Médio completo. Dois participantes possuem nível superior incompleto e, no momento de redigir este relatório de pesquisa, ambos estavam com a matrícula trancada. No grupo das mulheres, três possuem Ensino Médio completo e uma está cursando o Ensino Superior.

No grupo masculino, quanto à causa da lesão, destaca-se que dos 11 participantes, dez tiveram lesões provocadas por acidentes de trânsito, amputações, patologias adquiridas depois do nascimento (poliomelite<sup>1</sup> e osteomelite).<sup>2</sup> O participante com lesão congênita é portador de mielomeningocele.<sup>3</sup>

Quanto às mulheres, duas participantes apresentam lesões adquiridas por acidente de trânsito, sendo que uma é amputada e a outra é paraplégica. Nos casos congênitos, uma tem seqüela de paralisia cerebral, com um comprometimento motor leve e a outra mielomeningocele.

Os participantes do estudo utilizam diferentes equipamentos para auxiliar na locomoção, como cadeira de rodas mecânica ou motorizada, bengalas, muletas e próteses. Face ao equipamento de locomoção utilizado pelos participantes, pode-se dividir o grupo estudado em *cadeirantes* e *andantes*. Os primeiros utilizam cadeira de rodas mecânica ou cadeira de rodas motorizada para se locomover, os segundos utilizam bengalas, muletas ou próteses. O segundo grupo utiliza a cadeira de rodas apenas para praticar o esporte. Há dois participantes que não necessitam de nenhum tipo de equipamento para auxiliar sua locomoção. Entre o grupo de mulheres, duas utilizam bengalas, uma utiliza cadeira de rodas e uma bengala e prótese.

<sup>1</sup> **Poliomielite:** (ou paralisia infantil ou doença de Heine-Medin) Compreende um vírus que atinge particularmente crianças; a forma de contágio é representada pelo contato com indivíduo doente ou portador de formas muito atenuadas. [...] A evolução da paralisia é variável, pelo que se distingue uma forma *não paralítica* e uma *paralítica*. [...] A forma paralítica é muito mais grave porque atinge o sistema nervoso; aparece gradual ou bruscamente com febre, vômito e cefaléia; em seguida surgem dores profundas nos membros e hiperestesia, aparece depois a paralisia. Ela atinge pela ordem de freqüência: pernas, braços, dorso, tórax. (GRANDE DICIONÁRIO DE MEDICINA, São Paulo: Tempo e Maltese, 1999).

<sup>2</sup> **Osteomelite:** (ou osteíte) Processo inflamatório do osso. Habitualmente compromete também o periósteo e a medula. Trata-se de moléstia bastante freqüente, pois os germes podem instalar-se facilmente nas paredes ósseas, entrando diretamente através de ferimentos cutâneos ou, indiretamente, por via sangüínea ou linfática. Existem diversos tipos de osteíte: infecciosa, micótica, parasitária e tóxica. (GRANDE DICIONÁRIO DE MEDICINA, São Paulo: Tempo e Maltese, 1999).

<sup>3</sup> **Mielomeningocele:** É um dos defeitos de fechamento do tubo neural, caracterizado por falha na fusão dos arcos vertebrais. [...] Existe um déficit neurológico co-distal ao nível da lesão, com alterações paralíticas e anestésicas. A paralisia é flácida na maior parte das vezes, mas pode haver espasticidade dos membros se a lesão for alta. (DIAS, Luciano S.; GABRIELI, Ana Paula T. Mielomeningocele. In BRUSCHINI, Sérgio. (Org). *Ortopedia Pediátrica*. São Paulo: Atheneu, 1993).

<b>PARTICIPANTES</b>	<b>Homens – 11</b>	<b>Mulheres – 4</b>
<b>Faixa etária</b>	16 a 20 anos – 1 21 a 30 anos – 2 30 a 40 anos – 4 acima de 40 anos – 4	21 a 30 anos – 2 30 a 40 anos – 1 acima de 40 anos – 1
<b>Grau de instrução</b>	Ensino Fundamental – 6 Ensino Fund. e Técnico – 1 Ensino Médio incompleto – 1 Ensino Médio – 1 Ensino Superior incompleto – 2	Ensino Médio – 3 Ensino Superior incompleto – 1
<b>Equipamento para locomoção</b>	Cadeira de rodas – 5 Cadeira apenas para jogar – 2 Cadeira motorizada – 2 Bengala e prótese – 1 Muletas – 1	Bengalas – 2 Cadeira de rodas – 1 Bengala e prótese – 1
<b>Etiologia</b>	Lesão medular – 4 Amputação – 3 Poliomelite – 2 Acidente por arma de fogo – 1 Osteomelite – 1 Mielomeningocele – 1  Adquirida: 10 Congênita: 1	Lesão medular – 2 Paralisia cerebral – 1 Mielomeningocele – 1  Adquirida: 2 Congênita: 2

**Quadro 2:** Síntese do perfil dos participantes do estudo

*Segundo e terceiro blocos de questões: informações sobre viagens e sobre as viagens com o CIDeF*

A partir daqui, muitas respostas dos entrevistados transitaram entre os dois blocos, pois, sendo uma entrevista semi-estruturada, em muitos momentos de sua aplicação, ela se tornou um diálogo entre pesquisadora e entrevistado. Então se buscou uma nova forma de estruturar a descrição das respostas.

As informações sobre as viagens resultaram em um relato sobre as experiências turísticas dos participantes da pesquisa. Elas foram classificadas em duas situações para descrição e análise:

*Situação 1:* Experiências turísticas e/ou viagens realizadas com familiares e/ou amigos.

*Situação 2:* Experiências turísticas realizadas com o grupo do CIDeF, nos períodos em que viajaram para competir.

Como o grupo estudado é composto por deficientes físicos que apresentam casos de lesão congênita ou adquirida, optou-se também por realizar uma descrição, observando essa característica.

No quadro 3 a seguir, apresentam-se os participantes com lesão congênita e a frequência com que viajam.

<b>Participante</b>	<b>Frequência de viagens</b>
E2	Duas experiências de viagem
E7	Muitas viagens
E15	Viajava pouco até entrar para o CIDeF

**Quadro 3:** Participantes com lesão congênita e a frequência de viagens

Até a realização da entrevista, a participante E2 havia relatado que só tinha viajado duas vezes e sempre acompanhando entidades de deficientes físicos:

Uma vez fui pra Santa Cruz e outra fui pra Veranópolis. Primeiro eu fui com o CIDeF e segundo eu fui com outra entidade. (E2, andante, 2006)

A participante E2 teve raras oportunidades de viajar, de sair de Caxias do Sul, cidade onde reside, trabalha e desenvolve todas as suas atividades. Também relatou que sempre teve muito medo de andar sozinha e que não se arriscaria em viajar desacompanhada, pelo menos, por enquanto.

A participante E7, que também é jovem (21 a 30 anos), trabalha e é solteira, tem uma lesão congênita com comprometimento maior do que E2, por exemplo, e relatou que teve muitas experiências turísticas.

A entrevistada E7 relatou que todas as suas experiências de viagem marcaram um pouco, tanto as realizadas a locais mais próximos quanto a lugares mais distantes, como a última que realizou ao Nordeste:

Eu fui pro Nordeste, pra Porto de Galinhas e Fernando de Noronha. Em Porto de Galinhas, fiquei três dias num hotel, beira da praia, fiz passeios de bugue. Fui de bugue pra tudo que era lugar, aí lá nos lugares mais complicados os bugueiros iam bem perto com o bugue, não tinha problema. Depois ir pra Fernando de Noronha, nós fomos de navio. Aí dentro do navio a coisa bem melhor, tem toda a estrutura, elevador pra tudo que é lugar, que o navio tinha nove andares. Depois lá em Fernando de Noronha, também tu ia de navio pra lá e pra cá, por tudo, se precisava tinha bugue. (E7, andante, 2006).

Nessa viagem, E7 realizou um dos passeios turísticos mais badalados por brasileiros e principalmente estrangeiros, o Nordeste brasileiro e, em especial, Fernando de Noronha. O

fato de ser deficiente físico não a impediu de realizar sua viagem e seus passeios, aproveitando todas as experiências da melhor maneira possível.

E7 contou ainda que:

As pessoas ajudam as pessoas que necessitam, não vê diferença, mas quando precisam eles ajudam, isso foi uma coisa que me marcou bastante nessa última viagem.

Ela também destaca como fato marcante, a disponibilidade das pessoas em ajudá-la sempre que precisava. As pessoas a que se refere são a tripulação do navio, os motoristas dos bugues, os guias locais, demonstrando que esses funcionários receberam um bom treinamento, ou ainda melhor, tinham o bom senso e o discernimento para colaborar nas situações em que percebiam que “o outro” estava precisando de ajuda.

Já no caso de outro participante, ele relatou que fazia poucas viagens antes de entrar para o CIDeF. Eram mais viagens com a família à casa de parentes:

Viajava uma ou duas vezes por ano. Ia pra São Valentin, Chapecó, que eu sou de lá, a maioria da minha família é de Chapecó. Então sempre no final do ano, na Páscoa, feriado assim, a gente viajava. (E15, andante, 2006)

Essas viagens realizadas por E15 não podem ser classificadas como experiências turísticas, pois sempre viajava para o mesmo destino e para a casa de familiares. O que se pretende destacar, porém, é que E15 começou realmente a viajar com mais frequência e a ter experiências turísticas, depois de ter começado a participar do CIDeF:

A viagem mais legal que eu fiz foi pro JIRGS ano passado. (E15, andante, 2006)

Uma análise mais detalhada sobre o fato de os participantes do CIDeF realizarem mais atividades turísticas depois de terem entrado para o grupo, será melhor desenvolvida a seguir.

Por hora, retomam-se os casos de E2 e E7, em que suas experiências turísticas acabaram sendo a percepção que tiveram da estrutura física, quando, em algumas situações, apresentaram-se barreiras difíceis, mas em outras situações elas foram superadas sem maiores problemas.

No caso de E2, quando relatou que:

Em Santa Cruz, tinha o jogo na quadra e a gente tinha de sair pra almoçar. Então tinha um shopping que era um pouco longe, até eu saí com um cadeirante, a gente foi junto almoçar. O acesso nas ruas era um pouco difícil, não tinha como aqui em Caxias que tem rampas. (E2, andante, 2006)

Nesse caso, em que compara a estrutura das duas cidades, percebe-se que as barreiras físicas são difíceis e que poderiam ser amenizadas com uma estrutura urbana mais adaptada para o deficiente físico.

No caso de E7, as barreiras físicas foram superadas graças à colaboração e atenção dos profissionais envolvidos, que se esforçaram em tratar o turista da melhor maneira possível, para que ele se sentisse bem e pudesse aproveitar o passeio como os outros, sem barreiras.

Ainda dentro da situação 1, que diz respeito às experiências turísticas e/ou às viagens realizadas com amigos e/ou familiares, seis participantes, que apresentam casos de lesões adquiridas, mostram suas impressões a partir do questionamento sobre a frequência e os principais destinos de suas viagens.

A participante E1 apresenta-se com paraplegia, causada por um acidente de carro, destaca que, por ter sofrido acidente, ainda muito jovem, não tem lembranças de viagens antes da lesão. Quando questionada sobre a frequência e principais destinos, E1, contou:

Eu viajava bastante, mais eu ia em excursão, coisa assim. Eu fazia parte do CTG, com o pessoal do CTG, a gente pegava, se juntava, e ia... Vamo pro Beto Carrero! Vamo pra São Paulo! Fui pra São Paulo com excursão do CTG. Fazia bastante passeios, sempre passei bastante.

Quanto à organização das viagens, E1 falou que sempre viajou acompanhada de amigos, agora que está casada, viaja com o marido, que também é deficiente físico, mas, pelo menos por enquanto, realizam viagens mais curtas, a lugares próximos.

Outro participante contou que viaja em média de três em três meses a passeio. As viagens são realizadas sem muita programação, pois tem carro próprio e com isso maior liberdade para viajar. Destaca que o principal destino é o litoral:

Turismo é litoral. Tipo Balneário Camboriu, que é onde eu tenho facilidade de acomodações, tenho parentes lá. E Salvador também, que eu tenho parentes lá. E tudo facilita, só gasta com transporte mesmo. (E3, andante, 2006)

O participante relatou um fato interessante, realizou sua primeira grande viagem para colocar sua perna mecânica no Rio de Janeiro:

Quando eu amputei minha perna, dali, dois, três meses fui pro Rio de Janeiro. Aí que eu comecei a viajar. Fui fazer a perna mecânica, porque meu primo tinha conseguido as passagens pra nós. Fomos de avião. Fiquei um mês. Coisa mais boa ficar lá, conheci um monte de gente. (E12, andante, 2006)

Depois dessa viagem ao Rio de Janeiro, E12 contou que também foi ao Mato Grosso, à Fortaleza, Florianópolis, Camboriú e a outras praias do Litoral gaúcho.

Alguns participantes da pesquisa relataram que, em função da sua profissão, realizavam viagens freqüentes por todo o Brasil, antes de adquirirem a deficiência física:

Viajava mais a serviço. Trabalhava com pesquisa e desenvolvimento de motores, fazia teste de campo. (E10, cadeirante, 2006)

Eu era caminhoneiro. Eu conheço uma grande parte do país, porque viajei para quase todos os lugares, principalmente as capitais; eu fui em todas. (E4, cadeirante, 2006)

Eu trabalhava no sindicato, então eu viajava bastante, eu conheci quase todos os estados do país. (E14, cadeirante, 2006)

Na *situação 2*, os participantes relatam suas experiências turísticas realizadas com o grupo do CIDeF, nos períodos em que viajaram para competir. Destaca-se que, do grupo de 15 pessoas pesquisadas, 6 só começaram a viajar depois que entraram para o grupo e 10 participantes viajam com muita freqüência. Isso em função de estarem participando do CIDeF:

Depois da lesão eu só fui voltar a viajar quando entrei pro CIDeF. (E4, cadeirante, 2006)

E viagem mesmo eu fui fazer depois que fiquei com deficiência. Antes eu nunca tinha viajado. (E8, andante, 2006)

Antes de ficar na cadeira eu não viajava. No momento que eu fiquei na cadeira, depois de uns 8 meses é que eu comecei a participar do grupo. (E9, cadeirante, 2006)

Antes do acidente, muito pouco, eu quase não viajava antes. Com o grupo, digamos que nós viajamos o que, um vez por mês, nessa média aí. (E11, cadeirante, 2006)

Antes do acidente não viajava, eu ficava mais em casa mesmo. Comecei a viajar depois que eu entrei no CIDeF. (E13, cadeirante, 2006)

Fazer parte de um grupo de atletas deficientes físicos proporcionou a essas pessoas a possibilidade de viajar, de sair de sua residência, de conquistar a autonomia para realizar uma atividade diferente de sua rotina, como viajar com amigos.

Quando questionados a respeito da experiência de viagem mais marcante que recordavam, *a viagem a Vitória* foi a mais citada por sete dos quinze participantes da pesquisa, sendo que os outros oito participantes não realizaram essa viagem: E4, E11 e E15, estavam em outra competição, E5 retornou ao CIDeF só em 2006, e os outros participantes participam da equipe feminina que inda não viajou para competir.

Um participante contou que:

Aquela foi pelo Campeonato Brasileiro, foi em Vitória do Espírito Santo. Foi nossa primeira participação na competição nacional em nove anos. Bem legal, muito legal, foi a primeira vez até que um grupo de deficientes embarcou no aeroporto de Caxias. Foi bem marcante, foi até televisionado pela UCS-TV. Muito show, muito legal, aquela foi massa. O pessoal conheceu, tinha um pessoal que não conhecia, alguns integrantes não conhecia praia, aí foi legal. Foi uma semana, bah, foi marcante, até a vinda pra Caxias, a gente teve de ficá dormindo no aeroporto, mas tá tudo tranquilo. (E3, andante, 2006)

Foi excelente, a gente ficou num hotel beira-mar, praia. Eu nunca tinha ido na praia, entendeu. A primeira praia que eu fui foi a de Vitória. A gente fez escala em São Paulo e Minas, então tu pode dizer que tu teve nesse local, porque tu pisou, né? Eu nunca tinha andando de avião. A primeira vez. (E6, andante, 2006)

Tem duas viagens que foram muito importantes pra mim, uma foi essa que nós fomos a Vitória, lá com o basquete, né? Pra começar, assim, eu nunca tinha se quer chegado perto de um avião, entendeu? Então aquilo pra mim foi uma emoção que eu nunca mais vou me esquecer. (E8, andante, 2006)

A mais marcante foi Vitória do Espírito Santo, porque eu nunca imaginava que eu ia tá lá disputando um brasileiro, uma série C, né, como grupo. Em 2005, foi a mais marcante. Pra começá eu nunca nem tinha andado de avião na minha vida. (E9, cadeirante, 2006)

E um lugar que eu nunca tinha esperança de ir era pro Espírito Santo, fui pra lá, muito bonito. (E10, cadeirante, 2006)

A mais marcante foi Vitória, porque eu nunca andei de avião, foi bem legal. (E13, cadeirante, 2006)

A de Vitória ano passado foi show, foi a mais marcante, porque a gente foi pra um lugar longe. Eu já tinha passado por lá, mas com amigos é muito bom. Na beira da praia, com os amigos e ainda jogando, tava muito bom, vai ficar marcado. (E14, cadeirante, 2006)

Na fotografia a seguir, pode-se ver o momento do embarque dos atletas do CIDeF; nota-se que, por falta de uma plataforma de embarque sem escadas, os paraplégicos precisam ser carregados para dentro da aeronave com o auxílio de funcionários da companhia aérea.



**Figura 2:** Fotografia do embarque no aeroporto de Caxias do Sul para Vitória-ES em agosto de 2006  
**Fonte:** Acervo CIDEF.

Ainda dentro da mesma questão, isto é, da experiência de viagem mais marcante, alguns participantes relataram experiências negativas que vivenciaram em suas viagens, como o caso de E11, cadeirante:

Experiência mais marcante de viagem que eu tenho, acho que foi pra Porto Alegre. Pra um campeonato que nós fomos, que nós ficamos num alojamento no terceiro andar, não tinha elevador. O almoço era direto no Tesourinha, uma marmita no Tesourinha, não tinha nem garfo, nem faca, tinha de comer com a tampa da marmita. A experiência não foi muito agradável.

Os comentários que seguem, a respeito das experiências negativas, são basicamente sobre as poucas condições de acessibilidade, ou mesmo sobre a falta dessas condições, com as quais o deficiente físico se depara ao realizar uma atividade turística, ou mesmo uma viagem.

As relações entre o turismo e o deficiente são ilustradas aqui com vários depoimentos dos participantes da pesquisa, que, a partir da sua própria perspectiva, apresentam as barreiras encontradas em viagens, mas também relatam que, apesar dessas dificuldades, gostam de viajar e realizar atividades turísticas.

Das experiências de viagem que E1, cadeirante, tem recordação, uma em especial merece destaque:

Todas foram legais, apesar de algumas dificuldades, como pra São Paulo, eu passei 22 horas dentro do ônibus, porque eu não ia descer em tudo que era parada, porque descer e subir no ônibus era difícil. E fiquei 22 horas dentro do ônibus, foi terrível, no mesmo banco.

Quando questionados a respeito de como percebem a estrutura física, o transporte, a hospedagem e a alimentação, relataram que as principais barreiras encontradas são os acessos aos banheiros nos hotéis. Falam que esses são geralmente apertados e não oferecem condições de mobilidade para a cadeira, nem acesso fácil ao boxe de banho.

No hotel, o quarto era pra deficiente só a entrada no banheiro, mas banho, não tinha condições, era com boxe, era bem apertadinho, não tinha como uma cadeira de rodas entrar. (E1, cadeirante, 2006)

Tu chega no quarto, o banheiro não é adaptado, geralmente é uma porta estreita que não entra a cadeira de rodas. Um boxe pra tu tomá banho menor ainda, né? E aí fica complicado. (E4, cadeirante, 2006)

O banheiro do hotel não era adaptado, mas assim: ele era grandinho, e eu não tinha dificuldade de entrar. Só na porta, na porta sim, uma pessoa acho que com cadeira de rodas, acho que não entrava. (E7, andante, 2006)

É como nós tava falando, que nem num hotel, por exemplo, eu não vi, talvez até tenha, mas eu não vi banheiro adaptado pros cadeirantes. Tem a porta grande, tu entra com a cadeira de roda. Mas daí no momento que tu quer ir no banheiro, não entra a cadeira, aí fica difícil pra pessoa que não consegue andar, fica tudo complicado. (E8, andante, 2006)

O único problema que nem nos hotéis que a gente pára é o banheiro, que não tem banheiro adequado pro cadeirante entrar no banheiro. Só chega até na porta, daí o cara vai ter de providenciar mais uma cadeira, daí desce da cadeira do cara, vai pra outra cadeira, é uma mão-de-obra. (E9, cadeirante, 2006)

A gente sente bastante dificuldade. No hotel que nós ficamos ano passado, eu não tinha acesso nem na porta do banheiro, pra ti ter uma idéia. A dificuldade é grande, mas a gente se vira. Eu tinha de passar por duas cadeiras de plástico pra depois poder botar uma outra de baixo do box. Eu tinha de passar por três cadeiras pra poder chegar no banho. A dificuldade é grande. (E14, cadeirante, 2006)

Outro problema na estrutura, levantado pelos participantes da pesquisa, é a respeito do transporte. Não existe, no Brasil, ônibus adaptado para transporte rodoviário de deficientes físicos. Paraplégicos precisam ser carregados para dentro e para fora do ônibus.

Em transporte era ruim, dependia dos amigos pra me carregar, é ruim, fica chato né? (E1, cadeirante, 2006)

Intermunicipal, alta dificuldade pra cadeirante principalmente. Muitas vezes as portas são estreitas, não entra, é dificuldade. Escada pequena. Não sei quem é que faz aquela estrutura, bem complicado. (E3, andante, 2006)

Não existe um ônibus rodoviário adaptado. Todos eles são ônibus normal. Então tu tem que, a maioria tem que ser carregado pra dentro do ônibus. Como o ônibus tem corredor estreito, sabe, às vezes até acontece de se raspar, se machucar, principalmente o paraplégico. (E4, cadeirante, 2006)

Uma barreira é o ônibus, né? Lá no ônibus, normalmente, não tem ônibus adaptados, em qualquer viagem então tem escada, então essa é uma barreira. (E7, andante, 2006)

Quanto à alimentação, relataram que têm adequado acesso a esse serviço, não encontrando dificuldades.

Alimentação? Isso era fácil, pra isso eu nunca tive problema. (E1, cadeirante:, 2006)

Pra mim tava fácil. Mas, por exemplo, em Santa Cruz, eu acredito que para um cadeirante era difícil sabe. O local era um pouco estreito sim. Mas pra outras pessoas acho que era um pouco complicado. (E2, andante, 2006)

Assim, tranquilo entre aspas. Que nem nos hotéis normalmente, pra se servir, se é buffet, tem de ter alguém pra te ajudar a servir, que nem lá em Fernando de Noronha, no navio, sempre tinha o pessoal, não precisava meus pais tá junto. (E7, andante, 2006)

Geralmente, para superar as barreiras, os próprios integrantes do grupo se ajudam, sempre colaboram para que os colegas se sintam bem. Ao serem questionados sobre a importância de viajar e de seus aspectos positivos, os participantes relataram que viajar é importante para conhecer lugares, e pessoas diferentes e também porque favorece a integração do grupo:

Eu gosto de conhecer outros lugares, gosto de me divertir. Eu acho que é um gosto normal, todo mundo tem ele, todo mundo gosta de viajar, eu também gosto. (E1, cadeirante, 2006)

Tu conhece outros lugares, tu vê, sei lá, sai um pouco da tua cidade e pode também comparar. (E2, andante, 2006)

Pois olha, quando entrei na CIDeF, quando começou essas viagens, eu adorei. Falando com os outros colegas, justamente porque tu começa a conhecer pessoas novas, de outras cidades né, e daí, existe aquela integração que a gente fica com amizade enorme, aí tu troca experiências com eles né? ” E4, cadeirante

Porque a gente vai, conhece coisa diferente. Sempre tem uma coisa diferente. (E5, cadeirante, 2006)

Porque tu conhece outras pessoas, tu vê outras pessoas diferentes. Tu sai do *stress* do teu dia-a-dia. Tu até esquece que tem deficiência. (E12, andante, 2006)

Pra poder conhecer lugares, e tu fica dois, três dias com os amigos, você parece que fica mais tranquilo. (E14, cadeirante, 2006)

Além de apresentar suas considerações a respeito da importância de viajar, alguns participantes contaram que, nos intervalos dos jogos em uma competição, o tempo pode ser aproveitado para realizar atividades turísticas:

Tipo Campeonato Brasileiro, a gente fez muito turismo lá. Enquanto não jogava, fazia turismo, porque era um ou dois jogos por dia. (E3, andante, 2006)

Quando a gente teve em Vitória, um dia que nós não competimos, eles mesmos já tinham ido lá, levou nós pra conhecer a cidade, levou nós na Vila Velha. Então nós formamos um grupo pra conhecer a cidade. (E8, andante, 2006)

A gente conheceu bastante lugares né. Nós tinha as nossas hora de folga, o cara foi conhecer os pontos turísticos lá de Vitória. (E9, cadeirante, 2006)

Como dito anteriormente, a viagem a Vitória, até o momento, foi uma das mais relevantes para o grupo, e conhecer essa cidade, para muitos dos participantes, só foi possível pela condição de serem atletas que viajam para competir.

## **7 DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES**

Nesse segmento da dissertação, retomam-se as categorias de análise, com a intenção de estabelecer relações significativas entre as informações coletadas e a literatura pertinente.

### **7.1 Perfil dos deficientes físicos estudados**

O Centro Integrado do Portador de Deficiência Física de Caxias do Sul – CIDeF– é uma entidade não-governamental, formada por pessoas portadoras de deficiência física, que encontraram no esporte o meio viável de inclusão social, ressignificando sua própria vida.

No caso específico do grupo de deficientes estudados, pode-se observar que eles buscam crescer também como cidadãos e estão sempre lutando por seus direitos. As pessoas portadoras de deficiência entrevistadas, sendo 15 integrantes do CIDeF, 11 homens e 4 mulheres, com algum tipo de comprometimento físico de causas adquiridas, por acidentes ou doenças crônico-degenerativas que totalizam 12 pessoas. Dos 15 participantes, 3 apresentam deficiências físicas provenientes de causas congênitas.

Com uma história de 10 anos, o CIDeF constitui-se em uma associação com princípios e valores definidos, que dão suporte para o desenvolvimento das atividades promovidas pelos gestores. Os arts. 2º e 3º do Capítulo 1, do Estatuto do CIDeF (D1), enfatizam que a finalidade da associação é promover entre os associados o trabalho, o esporte, o lazer e a cultura, sem qualquer tipo de discriminação.

De acordo com Sasaki (1997, p. 41) a prática da inclusão social repousa em princípios até então incomuns, tais como: aceitação das diferenças individuais, valorização de cada pessoa, convivência dentro da diversidade humana, aprendizagem através da cooperação. A proposta do CIDeF vem de encontro ao que propõe Sasaki, uma vez que essa instituição tem como propósito respeitar aqueles que participam da entidade, oferecendo-lhes um ambiente social com diferentes atividades, como acesso à educação, ao trabalho, ao lazer e ao esporte adaptado.

A observação seletiva que se fez dos participantes das equipes de basquetebol em cadeira de rodas, permitiu perceber que os integrantes do CIDeF mostram-se pessoas comuns,

em busca de objetivos de vida, que são corriqueiros a qualquer pessoa. Por exemplo, concluir uma faculdade, constituir uma família, ter um emprego, ou destacar-se no esporte. O CIDeF procura oferecer aos seus membros meios para que eles consigam atingir esses e outros objetivos, incentivando-os a dar continuidade aos estudos, oferecendo benefícios de um plano de saúde, promovendo oportunidades de emprego e oportunizando práticas esportivas e de lazer.

Em um panorama nacional, uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas – FGV, em parceria com a Fundação do Banco do Brasil, realizada em 2003, mostrou que existe no Brasil “cerca de 24,5 milhões de pessoas com deficiência física ou mental – ou ainda que declarem ter a percepção de possuírem incapacidades. [...], em que o percentual sobe para 14,5% da população”.

Em síntese, esse mesmo estudo apresenta as seguintes informações que podem ser visualizadas no quadro 4:

21,6% dos deficientes do país nunca foram à escola	R\$ 529,00 é a renda média da pessoa com deficiência no país, 100 reais a menos do que a média geral
O Brasil possui cerca de 26 milhões de trabalhadores formais ativos, isto é, pessoas que trabalham com carteira registrada. Destes, 537.000 apresentam algum tipo de deficiência, menos de 2,05% da população é deficiente	O investimento do Governo Federal em políticas de amparo ao deficiente vem diminuindo. Em 1997, foi de 30,2 milhões de reais. No ano de 2000, esse valor caiu para 15,9 milhões de reais
A maioria das deficiências (21%) tem origem em doenças crônico-degenerativas	Cerca de 18% têm causas externas, como acidentes de trânsito, de trabalho e violência
16,8% ocorrem por falta de assistência à mulher durante a gravidez	16,6% das deficiências são motivadas por transtornos congênitos e perinatais
11% resultam de desnutrição e outras causas ligadas a condições de miséria	10% das deficiências são consequência do uso de álcool e de drogas
6,6% acontecem em função de alterações psicológicas	

**Quadro 4:** Perfil das pessoas com deficiência no Brasil, de acordo com a FGV e a Fundação Banco do Brasil  
**Fonte:** [www.autistas.org/fgv.htm](http://www.autistas.org/fgv.htm).

A realidade do deficiente físico, no contexto nacional, está em estado de alerta. Os números apresentados nessa pesquisa mostram uma realidade de cerca de 24,5 milhões de brasileiros, sem esquecer as famílias dessas pessoas, que também pagam o ônus das dificuldades que um deficiente físico enfrenta em seu dia-a-dia. O deficiente, assim como qualquer cidadão necessita de oportunidades de ir à escola, de conseguir um emprego, de ter condições de se deslocar. Ele não deseja ser um empecilho aos familiares e às demais pessoas de seu contexto social. Esses são os sentimentos que foram expressos pelas pessoas deficientes com as quais convivemos e que fazem parte do CIDeF.

De acordo com a Declaração de Madrid (2003), quando a União Européia se uniu para buscar alternativas para acabar com a discriminação e efetivar mais ações para a inclusão social, dentre outras questões, salientou o que segue:

- a) A deficiência é uma questão de direitos humanos: as pessoas com deficiência gozam dos mesmos direitos fundamentais que os demais cidadãos;
- b) As pessoas com deficiência querem igualdade de oportunidades e não caridade: as concepções obsoletas baseadas, em grande parte, na compaixão e na dita incapacidade de defesa das pessoas com deficiência são atualmente julgadas inaceitáveis;
- c) As barreiras sociais geram a discriminação e a exclusão social: a forma como estão organizadas as nossas sociedades leva à crença de que as pessoas com deficiência não são capazes de exercer plenamente seus direitos fundamentais, sendo excluídas socialmente;
- d) As pessoas com deficiência apresentam-se como cidadãos invisíveis: a discriminação que as pessoas com deficiência sofrem é, muitas vezes, baseada nos preconceitos existentes contra elas e pelo fato de serem largamente ignoradas e esquecidas;
- e) As pessoas com deficiência constituem um grupo heterogêneo: estão presentes em todas as esferas da sociedade;
- f) Existe a necessidade de não-discriminação, incluindo-se ações positivas que gerarão a inclusão social.

Esse mesmo documento relata que, em 2003, a Europa tinha mais de 50 milhões de europeus com deficiência. A informação sobre as ações que a Europa pretende adotar com relação aos seus cidadãos deficientes, serve como exemplo a outras nações.

As pessoas deficientes não querem nada além de seus direitos, não desejam privilégios. As sociedades são mutáveis, seus preconceitos podem ser desfeitos, ações inclusivas já são uma realidade, o que se faz necessário é que essas ações sejam maiores e mais freqüentes, para que um número cada vez maior de deficientes possa viver em plenitude, em busca do que deseja.

As entrevistas apontaram que os deficientes físicos que adquiriram a deficiência por essa ou aquela causa, têm o processo de auto-aceitação mais dificultado e mais penoso, quando, comparados aos deficientes físicos de causa congênita.

Os primeiros mergulham em um luto que pode ser curto ou longo, dependendo do tempo que levam para se reintegrar socialmente.

Quando vistos sob o olhar da deficiência da qual são portadores (SASSAKI, 1997; PADILHA, 2001), serão tratados com piedade, considerados doentes e, devido a essa situação, simplesmente ficam limitados ou impossibilitados de desenvolver suas potencialidades. Se, porém, forem acolhidos dentro de um pensamento inclusivo, serão vistos como indivíduos que apresentam um comprometimento físico, mas tal fato não significa que são menos dignos de usufruírem de todas as atividades sociais conhecidas.

A inclusão dessas pessoas, no CIDeF, reforça a inserção social e uma melhora da qualidade de vida, de acordo com o depoimento de E9 que é um cadeirante:

Tem fase, tem fase da vida, às vezes o cara diz, bah o cara ta numa cadeira, mas de repente é uma oportunidade pra ti conhece vários lugares.

Essas pessoas não encontraram na deficiência uma barreira, souberam tirar dela oportunidades nunca antes pensadas, como sair de Caxias do Sul e viajar para Vitória e andar de avião. (E3, E6, E8, E9, E10, E13, E14)

A cadeira de rodas, a bengala, a muleta, ou a prótese tornam-se mais do que simples equipamentos para auxílio da locomoção, tornam-se parte do corpo e da vida. E2 chama sua bengala pelo nome, é uma companheira que possibilitou um pouco mais de liberdade e autonomia. E12 tem sua perna forrada por adesivos e desenhos e são como tatuagens. Citam-se esses dentre outros casos que a pesquisadora pôde observar.

A troca de experiências também acontece entre os integrantes do CIDeF, que, além de treinar e jogar, aproveitam o tempo de convivência do grupo para conversar sobre suas angústias e sobre suas conquistas, como observado e dito pelo participante E10, que contou um fato interessante, que é comum para os cadeirantes. Disse que ele havia sido confundido com um esmoleiro e que inclusive recebeu alguns trocados. Tal atitude mostra que o estigma de incapaz e de alguém que precisa sempre de caridade assombra o cadeirante. (SASSAKI, 2005).

O portador de necessidades especiais, nesse caso o deficiente físico, ainda sofre uma discriminação que apresenta raízes históricas como afirma Aguirre et al.:

A pessoa afetada por uma deficiência ocupava um lugar na sociedade; tinha um lugar assinalado, um status pré-estabelecido entre os atípicos e os pobres. Era identificado, destarte, por uma dupla marginalização: orgânica/funcional e social, visível em diferentes expressões culturais ao longo da História. (2003, p. 37):

Percebe-se que o estigma apresentado pelos autores vem perdendo fôlego na nossa sociedade, face os programas que vêm sendo implementados para os portadores de deficiências de diferentes matizes.

A fala do participante E7 (andante) merece destaque. Diz que trabalha em um dos setores administrativos de uma grande empresa da cidade, recebe dela uma bolsa para seus estudos de graduação, o que comprova que os pensamentos ultrapassados podem sim dar lugar a atitudes inclusivas, que geram oportunidades para todos. Exemplos como os de E10 e E7 são comuns no CIDeF: há preconceito de um lado, mas há conquista e reconhecimento de outro.

Ainda sobre situações de discriminação, Mendes (2001, p. 12) acredita que o preconceito existente é fruto da desinformação de muitos. Com base nesse pensamento, pensa-se que o principal agente dessa mudança e dessa informação deva ser o próprio portador de necessidade especial, mas, para isso, é imprescindível que ele tenha oportunidade para tal atitude, e aí está a função do Estado. Esse, no entanto, limita-se a oferecer uma pensão, uma ajuda de custo para que o deficiente pague seus remédios, faça seu tratamento e espere a vida passar. Diz o autor que não se pode esperar pelo Estado, é a própria sociedade que deve mudar esse paradigma e respeitar o deficiente pelo que ele é, e pelo que ele pode fazer, e não discriminá-lo por aquilo que não tem.

No caso da maioria dos integrantes do CIDeF, a história não é muito diferente. Pelas suas condições socioeconômicas, eles são, em grande parte, aposentados pelo INSS. Recebem uma aposentadoria para cobrir as despesas pessoais e suprir os gastos da família. Essa situação não permite uma vida com sobras financeiras. Alguns têm renda adequada para suprir suas necessidades. Estes tiveram oportunidades e trabalham.

Em síntese, o perfil dos participantes do estudo é heterogêneo quando se analisa a origem social, as condições econômicas, a forma de pensar e de encarar a deficiência. O ponto em comum do grupo é que todos são portadores de deficiência física e participam de um grupo socioesportivo onde praticam esporte adaptado.

## **7.2 Experiências e viagens: destinos significativos**

As primeiras experiências turísticas de grupos portadores de deficiência física são bem recentes. Sasaki (1997) afirma que foi somente na década de 70 que surgiram as

primeiras excursões turísticas organizadas por agência de viagens, para pessoas deficientes e, inicialmente, para as pessoas que utilizam cadeira de rodas. Isso tudo começou em países desenvolvidos. Diz o autor que eram excursões fechadas, exclusivamente com pessoas deficientes e que havia muitas dificuldades para organizar as excursões, uma vez que, naquele tempo, eram poucos os lugares turísticos no mundo que estavam acessíveis aos usuários de cadeira de rodas, sem contar a total inacessibilidade a aviões, aeroportos, navios, portos, etc.

Como base nessa informação pode-se deduzir que organizar excursões somente para cadeirantes era uma forma sutil de segregação, uma vez que as viagens eram pensadas para não viajarem com as pessoas sem deficiência. O relevante disso tudo foi a idéia inovadora dos agentes turísticos que promoveram esses eventos. A partir de então, o deficiente pode sair e buscar suprir as motivações que levam um indivíduo a deslocar-se de sua residência para outro destino.

O deficiente físico também quer aproveitar os benefícios que uma viagem oferece. Krippendorf (2001) enfatiza que se viaja para encontrar uma compensação daquilo que falta no cotidiano, para tudo que desapareceu. O deficiente físico viaja, para libertar-se da dependência social, desligar-se e refazer energias, desfrutar da independência e da livre disposição do próprio ser, entabular contatos, descansar, viver a liberdade e procurar um pouco de felicidade.

Ao sair do meio social em que vive, é possível ter um pouco de liberdade, um pouco mais de autonomia. Liberdade e autonomia são para o deficiente físico mais do que simples palavras, representam conquistas, que, mesmo pequenas, proporcionam um ganho significado na vida. O participante E8, andante, disse o seguinte:

Mas a viagem é muito importante pra nós que temos esse problema de deficiência, isso é muito importante porque a pessoa não fica trancada em casa. A pessoa conhece outras pessoas. A convivência muda totalmente. Conhecer outros lugares, viajar de avião, nossa, é bom demais.

Viajar acaba sendo para essas pessoas muito mais do que simplesmente sair de casa, viajar é uma oportunidade de viver com mais intensidade, e E12, andante completa: “Tu até esquece que tem deficiência.”

Mas viajar, vivenciar atividades turísticas de lazer implica despesas financeiras. A pergunta que se impõe é: como um grupo de deficientes físicos, que, em sua maioria, recebe uma aposentadoria do INSS, poderá desfrutar de tais atividades?

A resposta: um pensionista do INSS, sem outras fontes de renda, não terá condições de realizar viagens de turismo. Nesse sentido, o esporte adaptado, que hoje pouco difere do

esporte em geral, em termos de oportunidades de viagens, acaba favorecendo de forma positiva a inclusão social dos deficientes físicos vinculados a equipes esportivas.

Pensando nessa direção para o grupo do CIDeF, o turismo somente vem sendo possível graças à participação na equipe de esporte adaptado. Pertencer a uma equipe esportiva, que viaja para competir, e tem apoio financeiro da UCS e da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul é uma oportunidade ímpar para realizar viagens, sair de casa e conhecer outras pessoas e lugares, o que melhora de forma substancial a qualidade de vida.

E, no caso do CIDeF, a viagem também acaba sendo um estímulo a mais para os treinamentos dos participantes do grupo, como relata E8, andante:

Pro portador de deficiência, [...] quando chega o dia do treino, eu só penso naquilo ali. To loco que chegue o dia do treino pra mim vir treiná. Dá uma viagem, eu também quero ir.

Isso porque as viagens que são feitas pelo grupo são significativas para essas, pessoas e todos possuem sempre boas lembranças, como a viagem a Vitória em 2005. Além da euforia de participar de um campeonato de basquete sobre rodas, em nível nacional, a chance de viajar de avião só foi possível para a maioria por serem atletas e participarem de uma equipe. Se não fosse essa condição, dificilmente teriam tal experiência.

Em Vitória, nos intervalos dos jogos, foram realizados passeios aos pontos turísticos da cidade. Isso também foi, para muitos dos atletas, a primeira oportunidade de tomar banho de mar.

Ainda em Vitória, o fato de serem bem recebidos foi fundamental para tal sucesso. E8, andante, contou que saíram para conhecer a cidade e tudo já estava pensado pelos organizadores do evento. Tal atitude dos gestores daquele evento se caracteriza como aspecto positivo e de relevância, por tratar-se de uma competição para portadores de deficiência física.

O grupo do CIDeF realizou muitas outras viagens, já que a condição de atletas enseja muitas viagens para competir. A equipe do CIDeF participa do Campeonato Gaúcho, da Liga Sul e do Campeonato Brasileiro. Para participar do Campeonato Gaúcho, a equipe viaja para Porto Alegre, Erechim, Santa Cruz, Passo Fundo, entre outras cidades do estado. Também viaja para realizar jogos de apresentação, como fez em 2006, na cidade de Nova Petrópolis-RS, onde, depois do jogo, nesse mesmo dia, os integrantes do CIDeF foram visitar pontos turísticos da cidade. Na Liga Sul, viajaram para Curitiba-PR, Florianópolis-SC e Joinville-SC. No Campeonato Brasileiro, além de Vitória-ES em 2005, o CIDeF participou de mais uma edição em 2006 na cidade de Fortaleza/CE. (D3, D4, D5, D6, D7, D8, D10 e D11)

Fora do contexto esportivo, as viagens dos participantes estudados não ocorrem com frequência. Ainda assim, os que viajam, relataram que os principais destinos são as praias. Buscam o sol e o mar para satisfazerem seus desejos de descanso e para passeios com amigos e com a família. Aqueles deficientes físicos que apresentam melhores condições socioeconômicas realizam com mais frequência atividades turísticas. A participante E7, andante, já foi para o Rio de Janeiro, São Paulo, Litoral catarinense, Nordeste e Fernando de Noronha. Em suas viagens costuma estar acompanhada pelos pais. E a participante E1, cadeirante, que foi visitar o Parque de Lazer Beto Carreiro-SC com um grupo de amigos, contou que o parque é acessível e que já o visitou mais de uma vez pelas facilidades de acesso e locomoção.

O portador de deficiência física dificilmente viaja sozinho, o que Pertille (2005) também afirma como conclusão da pesquisa que fez com esse extrato social. Gómez (2004) destaca que as pessoas com necessidades especiais constituem uma parte importante do mercado turístico em crescimento e que a oportunidade de viajar desperta um interesse cada vez mais crescente a essas pessoas e aos seus acompanhantes.

A participante E7, andante, contou que, em sua última viagem, a que fez a Fernando de Noronha, o fato marcante, além da própria viagem em si, foi a hospitalidade. Contou que a tripulação do navio e as pessoas de modo geral sempre a trataram muito bem, fazendo com que se sentisse incluída, com plena participação nas atividades que desenvolveu. A hospitalidade, nesse caso, foi fundamental para que a participante E7 guardasse boas recordações da viagem.

Camargo (2004) entende que a hospitalidade pode se definir como uma ação humana, exercida em contexto doméstico, público e profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu hábitat natural.

Ser bem recebido fora de casa é fundamental para que as pessoas se sintam acolhidas e, no caso das pessoas com deficiência física, tal atitude é fundamental, pois elas procuram nos anfitriões a segurança que, muitas vezes, não encontram no ambiente físico. As atitudes positivas amenizam as barreiras que o deficiente precisa superar para desfrutar das atividades turísticas.

Para que o deficiente se sinta bem, e com a finalidade de contribuir para a sua inclusão social nas atividades sociais, inclusive nas turísticas, algumas organizações não governamentais (ONGs) exercem papel fundamental na vida dessas pessoas. Alguns exemplos são citados a seguir:

- A ONG. *Zvaz Telesne Postihnutej Mladeze* – ZTPM (União de jovens deficientes físicos) da cidade de Bratislava, na Eslováquia, tem como principal objetivo a inclusão de jovens deficientes físicos, tentando eliminar todo o tipo de preconceito que ainda os rodeia. Desenvolve com seus membros o gosto pela natureza, por meio de um contato direto com o meio ambiente, realizando atividades como terapias, trilhas, jogos desportivos e teatro. Nas viagens, procura estabelecer trocas culturais, compartilhando experiências de vida e experiências profissionais.
- No Brasil já existem iniciativas positivas, como a ONG. *Caminhadores*, em Porto Alegre-RS. De acordo com seus ideais inclusivistas, essa ONG. tem consciência de que o turismo é também uma forma de inclusão social, que oferece às pessoas portadoras de deficiência o prazer de viajar e conhecer as belezas que o Estado do Rio Grande do Sul possui.

Nesses dois exemplos, os facilitadores para o processo inclusivo são as atividades de viagem e turismo, pois se entende que o deficiente deve realizar as mesmas atividades de uma pessoa sem deficiência. O próprio CIDeF, aqui em Caxias do Sul, usa o esporte com esse mesmo fim.

Ainda no Brasil, uma operadora de turismo, a *Freeway Brasil* dispõe de pacotes turísticos exclusivos para portadores de necessidades especiais, com um departamento próprio para esse tipo de cliente. Em visita ao *site* dessa operadora, encontram-se depoimentos de clientes deficientes que realizaram passeios e demonstram satisfação em ser bem tratados e por realizarem uma atividade turística, ou simplesmente um passeio.

O panorama, além das fronteiras do CIDeF, demonstra que os deficientes buscam fazer turismo e passeios, mas em escala muito pequena. Os motivos? Quem pode saber com certeza? As hipóteses podem ser: vergonha, medo do preconceito, o fato de encontrar ainda muitas barreiras físicas ou por ser uma atividade cara.

Sabe-se que, para viajar, não se pode esquecer o fator econômico. Quem pode pagar exige qualidade nos serviços. Para Aguirre et al. (2003), os principais serviços que a atividade turística deve oferecer são cinco: contratação de serviços (1), transporte (2), área de gastronomia (3), área de alojamento (4) e área de recreação (5). Os autores afirmam ainda que cada uma dessas áreas precisa levar em consideração uma série de variáveis, que requerem uma maior atenção quando se trata de pessoas participantes com restrições para deslocar-se no espaço. Esses aspectos, quando não adequados, apresentam-se como barreiras às pessoas com deficiência.

### 7.3 Percepções dos deficientes físicos frente às condições de acessibilidade

Em princípio, apresentam-se as percepções de acessibilidade no ginásio de treino da UCS:

Como visto na O2, existem barreiras no próprio ginásio em que o CIDeF treina, como falta de vestiários adaptados com boxe de banho ou cadeiras plásticas. Outra barreira importante é o transporte, que, mesmo sendo adaptado, muitas vezes, por falha no sistema de agendamento, acaba por não servir ao seu usuário. Em algumas situações, o motorista do ônibus não busca o atleta, fazendo com que ele perca seus compromissos.

O fato de não existir no município um meio de transporte rodoviário adaptado, como um ônibus, as viagens mais curtas são feitas em veículos sem adaptação.

As percepções que esses indivíduos têm sobre suas viagens, e/ou experiências turísticas apresentam aspectos relevantes a serem abordados neste trabalho. Essas percepções destacam a importância de viajar e fazer turismo, mesmo com as dificuldades inerentes à sua execução plena.

De maneira geral, os portadores de deficiência física acreditam que as viagens são fundamentais, por facilitarem a inclusão social e possibilitarem que eles desfrutem dos benefícios que a atividade turística proporciona para seu crescimento pessoal e para sua qualidade de vida.

Os depoimentos dos participantes E1, E2, E4, E5, E12, E14 atestam que é importante viajar para poder conhecer outras pessoas e outros lugares. As viagens também fortalecem a integração do próprio grupo que viaja, sendo, na maioria das vezes, uma atividade gratificante que dificilmente será esquecida.

Como dito em outras ocasiões, para a maioria dos integrantes do CIDeF, a possibilidade de realizar atividades turísticas, por meio de viagens que realizam, somente é concretizada pelo fato de serem atletas de uma equipe de basquete em cadeira de rodas. Sem essa condição, dificilmente experimentaríamos tais experiências.

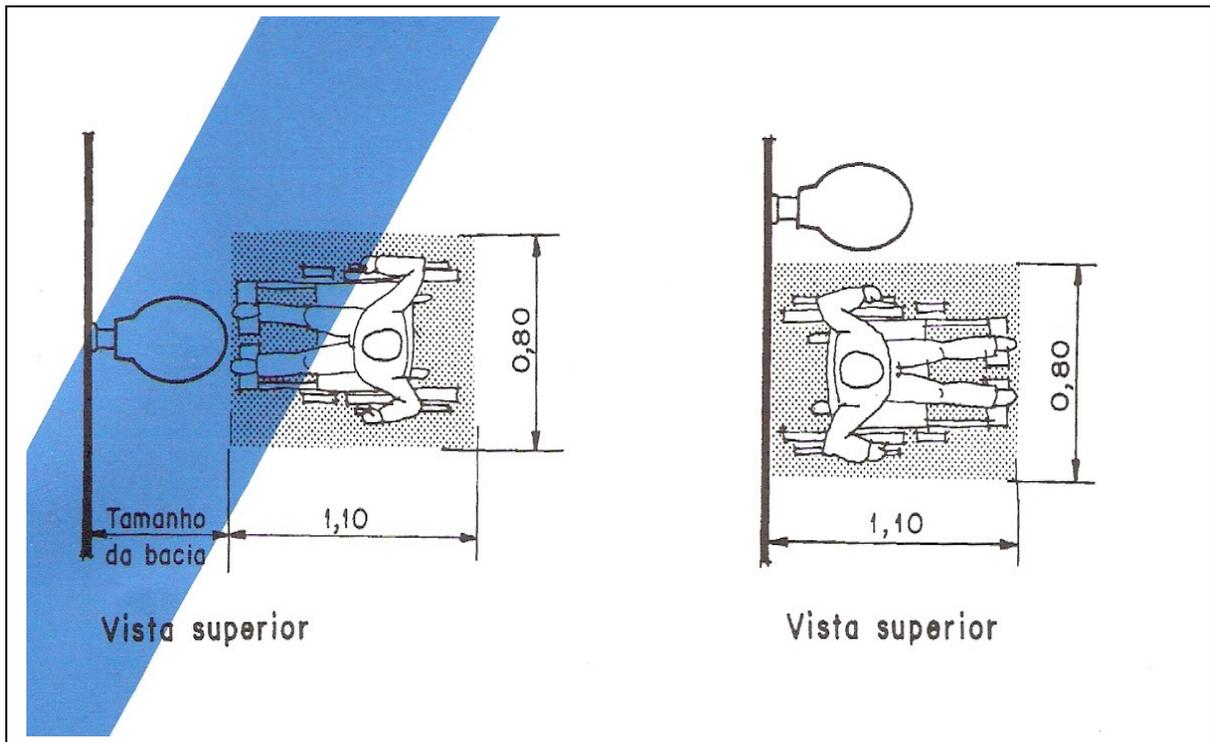
Nos locais em que são realizadas as competições, principalmente as de nível nacional, desfrutaram de passeios fazendo turismo, como relataram os participantes E3, E8 e E9. Contaram que, nos intervalos do período de competição, realizaram passeios a pontos turísticos, principalmente em Vitória-ES. Embora a viagem tenha sido para competir, tornou-se também uma viagem turística.

Como o estudo em questão trata de viajantes portadores de deficiência física, as informações recolhidas apontam que as principais dificuldades encontradas nas viagens são as barreiras arquitetônicas. Esse tipo de barreira apresenta-se, segundo Sasaki (2002), em: aeroportos; terminais rodoviários; espaços urbanos; hotéis e similares; museus; teatros; transporte coletivo; parques ecológicos; parques temáticos; locais de eventos; acampamentos; etc.

As barreiras arquitetônicas representam, de acordo com a norma NBR 9050/1994 da ABNT: “o impedimento da acessibilidade, natural ou resultante de implantações arquitetônicas ou urbanísticas”. E, para que a acessibilidade seja efetivada, faz-se necessária a implantação do Desenho universal, que, segundo essa mesma norma, é “aquele que visa a atender à maior gama de variações possíveis das características antropométricas e sensoriais da população”.

Os integrantes do CIDeF, que participaram da pesquisa, apresentam relatos sobre as barreiras que encontraram ao realizar as viagens. Com base nesses depoimentos, as barreiras arquitetônicas foram analisadas de acordo com as regulamentações da norma NBR 9050/1994 da ABNT, sobre acessibilidade de pessoas portadoras de deficiência a edificações, espaço, mobiliário e equipamentos urbanos.

A principal barreira arquitetônica relatada pelos deficientes físicos participantes da pesquisa, está no difícil acesso aos banheiros, em hotéis (E1, E4, E7, E8, E9, E14). De acordo com a norma NBR 9050/1994, os acessos aos sanitários devem ser livres, com uma área de manobra, área de transferência e de aproximação: “Estas áreas, com dimensões de 1,10m x 0,80m, devem permitir a utilização das peças sanitárias, podendo estar dispostas frontal ou lateralmente à peça, de acordo com a sua utilização.” Como pode ser visto na figura 3.



**Figura 3:** Área de transferência à bacia sanitária ou ao bidê  
**Fonte:** Norma NBR 9050/1994.

Na maioria das vezes, os cadeirantes encontram dificuldades em utilizar os banheiros dos hotéis, pois as adaptações feitas para atender às necessidades de um deficiente físico, que utiliza cadeira de rodas, não são ideais, como exemplifica E8:

Tem a porta grande, tu entra com a cadeira de roda. Mas daí, no momento que tu quer ir ao banheiro, não entra a cadeira, aí fica difícil pra pessoa que não consegue andar, fica tudo complicado.

Os participantes costumam dizer que, além de já sofrer com o preconceito por sua condição física, o deficiente ainda precisa passar pelo constrangimento de solicitar ajuda para utilizar o banheiro em ambientes estranhos, ou seja, fora de sua casa.

Disso tudo, ainda se pode depreender um aspecto positivo: o deficiente está saindo de casa sim, e seus depoimentos devem servir para sensibilizar os responsáveis por projetos arquitetônicos discriminatórios.

E, se o acesso ao banheiro já é difícil, chegar até o box do banho é outro desafio: Diz um participante:

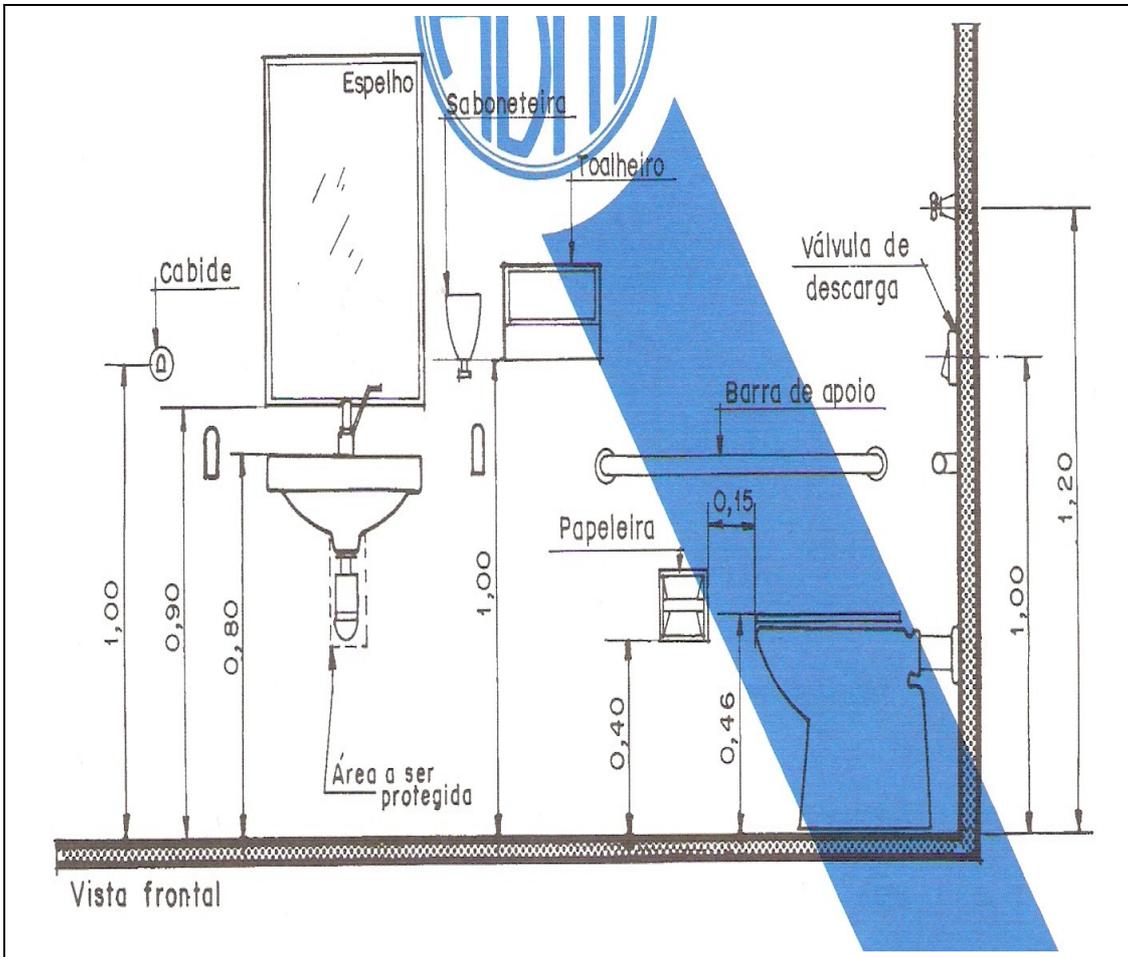
Eu tinha de passar por duas cadeiras de plástico pra depois poder botar uma outra de baixo do box. Eu tinha de passar por três cadeiras pra poder chegar no banho. A dificuldade é grande.” (E14).

A norma também apresenta uma perspectiva para um sanitário completo, com acesso ao banho, sem que o cadeirante encontre dificuldades, como visto nas figuras 4, 5 e 6:

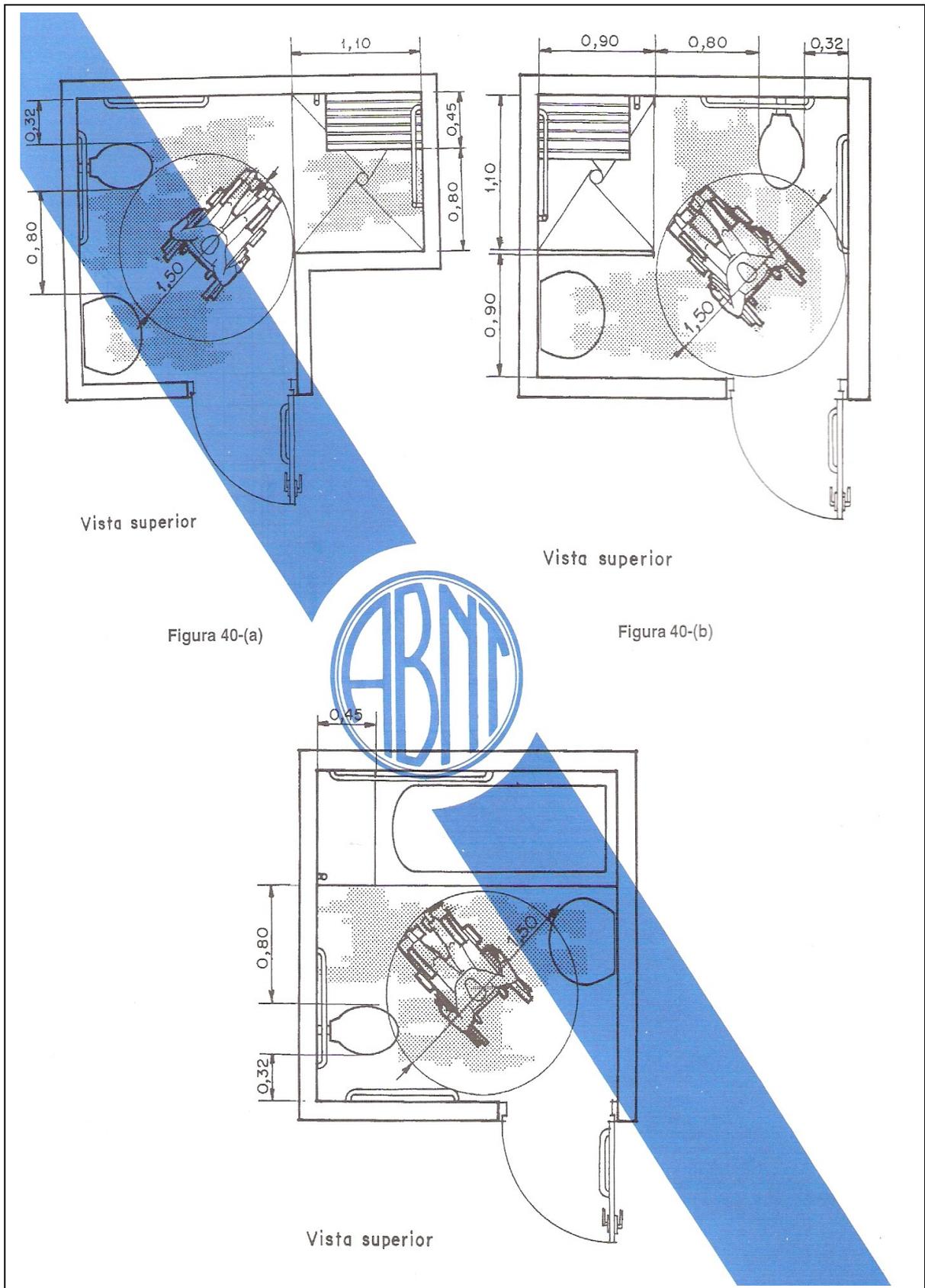


**Figura 4:** Perspectiva de sanitário completo

**Fonte:** Norma NBR 9050/1994.



**Figura 5:** Acessórios sanitários  
**Fonte:** Norma NBR 9050/1994.



**Figura 6:** Exemplos de sanitários com banho  
**Fonte:** Norma NBR 9050/1994.

A disposição das peças em um sanitário e o espaço para a mobilidade entre elas proporcionam independência e comodidade a um usuário de cadeira de rodas. A utilização do sanitário não deve ser pensada apenas para quem apresenta membros inferiores saudáveis, sem qualquer comprometimento, mas para todos, pois, em uma sociedade com padrões culturais, o banheiro é essencial para que as pessoas, com ou sem deficiência, possam realizar suas necessidades fisiológicas sem constrangimentos.

No caso do CIDeF, destaca-se que, às vezes, mesmo nos locais da competição, as condições de acomodação e acessibilidade são difíceis para quem é portador de necessidades especiais. O participante E11, cadeirante, contou que, em uma competição em Porto Alegre, ficou alojado no terceiro andar, com a ressalva de que o prédio não tinha elevador.

Essa questão também foi apontada pelo participante E10, cadeirante:

Ginásio que a gente vai, também não existe adaptação pro deficiente. Tu qué tomá um banho, às vezes não tem nem uma cadeira de plástico pra tu tomar banho. Muitas vezes o cara senta até no chão pra tomar um banho.

A situação é mesmo complicada para quem usa cadeira de rodas. Alguns locais, onde as competições para portadores de necessidades especiais são realizadas, não apresentam condições mínimas de acessibilidade. Quando um evento é organizado, ele deve ser pensado em todos os aspectos, para que o mínimo de falhas aconteça, mas, em se tratando de uma competição para deficientes físicos, o acesso livre para cadeira de rodas, em todos os espaços, deveria ser a principal preocupação de quem organiza esse tipo de atividade.

Além dos sanitários, outra dificuldade encontrada pelo usuário de cadeira de rodas está no transporte. Geralmente, o meio de transporte utilizado pelo CIDeF, para a realização de suas viagens é o ônibus. Até o momento, sempre a associação utilizou ônibus sem adaptação, ou seja, sem acesso para cadeirantes. Nessas situações, os cadeirantes precisam ser levados por outras pessoas para dentro da condução ou sobem de arrasto pelas escadas. Como disse E4, cadeirante:

Tu tem que, a maioria tem que ser carregado pra dentro do ônibus. Como o ônibus tem corredor estreito, sabe, às vezes, até acontece de se raspar, se machucar, principalmente o paraplégico.

A norma NBR 15320/2005 da ABNT estabelece padrões de acessibilidade para pessoas portadoras de deficiência física ao transporte rodoviário, e por meio deles, prevê como deve ser um veículo acessível, assim como os demais equipamentos necessários ao transporte rodoviário, como terminais e bilheteria. A norma também prevê situações de

inoperância, em que diz: “Em caso de inoperância dos dispositivos mencionados em 5.2 a 5.4, deve ser prevista forma alternativa de acessibilidade. A empresa de transporte deve dispor de procedimentos e de pessoal treinado para prestar auxílio de embarque e desembarque com segurança.”

Pelo menos até o momento, nenhum dos participantes da pesquisa utilizou ou viu um ônibus rodoviário adaptado para o portador de necessidades especiais. Sempre que desejar viajar de ônibus, o cadeirante deve se sujeitar a ser carregado para dentro e para fora do ônibus. Como relataram E1, E3, E4, E7, descritos na página 57.

Dentro do que foi apresentado até o momento, percebe-se que as barreiras ainda são muitas, a estrutura física acessível disponível está distante da ideal e engana-se quem pensa que essas dificuldades são apenas das pessoas de baixa renda. Em uma reportagem do jornal *O Globo* de 3 de dezembro de 2004, lê-se o seguinte:

Herbert Vianna, líder do Paralamas do Sucesso, enfrentou duas vezes, mês passado, uma situação constrangedora e, infelizmente, comum para qualquer usuário de cadeira de rodas. Ao embarcar para São Paulo no Aeroporto Santos Dummont e voltar para o Rio, no dia seguinte, precisou ser carregado nos braços, com cadeira e tudo, por funcionários das companhias responsáveis pelos vôos, Varig e TAM. Em ambos os casos, sob chuva. Todos os equipamentos automáticos para embarque e desembarque de deficientes estavam quebrados. Situações como essa são rotina na vida daqueles a quem é dedicado, hoje, o dia Internacional das Pessoas com Deficiência.

A dificuldade encontrada para se locomover de uma forma autônoma, gera nos deficientes físicos situações constrangedoras. Como seres humanos, essas pessoas têm dignidade e querem respeito por isso. Já está na hora de a sociedade tomar atitudes mais diretas para a resolução desses problemas. O desenho universal precisa ser mais do que um projeto, necessita ser uma obra concreta, para que todos possam se sentir membros de uma sociedade sem exclusão.

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste que se apresenta como capítulo final da pesquisa, destacam-se as considerações finais e as disposições transitórias, descritas nos seguintes itens: limitações do estudo, considerações sobre o problema e questões de pesquisa, perspectivas de continuidade e reflexões pessoais.

### **8.1 Limitações do estudo**

Como em toda pesquisa, limitações ocorrem, cabendo à pesquisadora listá-las, juntamente com sugestões que possam contribuir para trabalhos futuros. Uma das limitações diz respeito ao fato de que a pesquisadora não conseguiu acompanhar, em nenhuma viagem, o grupo estudado. Isso não aconteceu por falta de convite ou oportunidade, mas por motivos financeiros, que permitissem subsidiar as viagens e as despesas pessoais.

Como foi dito anteriormente, o CIDeF recebe apoio de instituições que cobrem seus gastos em viagem, mas a contribuição se restringe a subsidiar os atletas que viajam para competir. Todavia, a partir do momento em que a pesquisadora passou à condição de técnica da equipe feminina de basquetebol sobre rodas e da equipe de natação do CIDeF, as viagens continuarão a ocorrer, e, nessas ocasiões, vai ser possível observar as condições de acessibilidade dos atletas aos lugares visitados para competir. Esse será outro momento, que permitirá formar outras convicções e ampliar o olhar para melhor compreender o fenômeno das barreiras, com os quais os deficientes físicos ainda se deparam.

Outra limitação do estudo foi que, mesmo a pesquisadora fazendo parte do CIDeF, apresentando os objetivos da pesquisa e deixando claro que suas informações seriam de uso acadêmico, sem qualquer divulgação de identidade, houve integrantes que não se sentiram à vontade para falar e conceder entrevista. A pesquisadora entendeu que não deveria insistir e procurou respeitar a vontade dessas pessoas. Esse é mais um elemento que atesta que os deficientes físicos, embora integrados em um centro esportivo, ainda não se sentem seguros para falar de si e das dificuldades com as quais se deparam.

## 8.2 Considerações sobre o problema e questões de pesquisa

O presente estudo teve como objetivo apresentar as percepções sentida por portadores de necessidades especiais – deficientes físicos – sobre suas viagens, respondendo dessa forma ao principal questionamento da pesquisa:

**Como os atletas do CIDeF percebem as condições de acessibilidade com as quais se deparam em suas viagens?**

O atletas portadores de necessidades especiais que fazem parte do CIDeF, percebem que viajar tem fundamental importância na melhoria da qualidade de vida, pois, além de sair de casa sem o auxílio da família, permite-lhes conhecer lugares, pessoas e culturas, ao mesmo tempo que as viagens fortalecem os vínculos afetivos do grupo.

As dificuldades encontradas apresentam-se, principalmente, sob a forma de barreiras arquitetônicas. As mais complicadas, na opinião dos participantes da pesquisa, são o difícil acesso aos banheiros nos hotéis e a falta de ônibus rodoviário adaptados. Essas situações geram constrangimentos aos deficientes físicos, uma vez que necessitam se sujeitar à boa vontade de algumas outras pessoas, para que possam realizar tarefas simples, como ir ao banheiro ou subir e descer de um ônibus. Isso não seria necessário se as condições arquitetônicas possibilitassem independência.

Embora encontrem ainda essas barreiras arquitetônicas e/ou outras de atitude, os atletas dizem que isso não é empecilho para realizarem viagens para competir, uma vez que as competições dão um significado existencial à vida de cada um.

Como aspectos positivos, relataram que as barreiras de atitude estão sendo rompidas, e que os preconceitos estão diminuindo. As pessoas estão começando a perceber que o deficiente tem potencialidades e que merece ser respeitado como ser humano. Isso se deve também à mídia e à relevância que vem sendo dada aos esportes adaptados.

É oportuno lembrar as relações históricas que existem entre esporte adaptado e as viagens como descreveram Adams et al. (1985). Os autores sustentam que o basquete sobre rodas é o primeiro esporte adaptado de que se tem registro. Seus primeiros praticantes eram soldados americanos mutilados pela guerra, que queriam viajar pelo país para competir, mas não o faziam no início, devido à dificuldade com o transporte.

A promoção do esporte adaptado, o incentivo a sua prática e a organização de competições municipais, estaduais, nacionais e internacionais vêm favorecendo o desenvolvimento da infra-estrutura para atender esse público. Entretanto, apesar das

melhorias já existentes, os deficientes físicos ainda encontram muitas barreiras em seus deslocamentos, como falta de transporte adaptado, de hospedagens adequadas as suas necessidades, para lhes permitir independência.

O que ficou evidente na pesquisa é que a oportunidade de saírem de casa, de viajarem, sem seus familiares, só foi possível, para a grande maioria dos deficientes participantes do CIDeF, quando se tornaram atletas de basquetebol em cadeira de rodas e passaram a fazer parte de uma equipe.

Retomando a questão de pesquisa, que aborda as motivações e as experiências turísticas das pessoas que fazem parte do CIDeF, pode-se destacar o seguinte: o motivo principal das viagens ser para competição, por se tratar de uma equipe esportiva, não impede que, nos momentos de folga, os atletas realizem atividades turísticas. Convém lembrar que se trata de um grupo de deficientes físicos que, em sua maioria, possui uma renda incompatível para custear viagens de turismo. O esporte é o meio que proporciona tais experiências, sendo elas muito significativas para essas pessoas. De acordo com os relatos do grupo estudado, a viagem para Vitória-ES, foi a experiência turística mais marcante, até o momento, pelos diferentes aspectos que uma viagem pode representar, como conhecer lugares e pessoas, aliviar o estresse, passear, viajar de avião, tomar banho de mar, entre outras. Se, por um lado, viajam para competir, a viagem acaba proporcionando uma série de outras vivências e convivências sociais que não ocorreriam sem ela.

Na questão de pesquisa que relaciona as condições de acessibilidade, no que se refere ao transporte e à hospedagem, apresenta-se que: nas viagens, os deficientes físicos acabam se beneficiando da mesma infra-estrutura turística dos lugares, destinada aos turistas em geral. Ocorre que muitos dos espaços voltados ao turismo, como hotéis, restaurantes, meios de transportes e outras estruturas físicas, como passeios públicos e ruas, nem sempre são pensados para oferecer condição de acessibilidade para quem é usuário de cadeira de rodas.

As barreiras físicas encontradas pelos deficientes físicos ainda são muitas, como a falta de transporte rodoviário adaptado e falta de acessibilidade no embarque e desembarque em alguns aeroportos, como relataram os participantes do estudo. Informaram que, frente às barreiras, procuram superá-las com estratégias adaptadas, para poderem desfrutar um pouco mais das viagens que realizam. Essas estratégias, segundo os participantes da pesquisa, muitas vezes exigem esforço e superação, pois quase sempre ficam na dependência da boa vontade e da disponibilidade de pessoas para auxiliá-los. Costumam se adequar às situações com as quais se deparam, embora nem sempre possam experimentar a independência na resolução

das tarefas do cotidiano, necessitando vez por outra de auxílio de alguém, principalmente no que se refere à superação das barreiras arquitetônicas.

As barreiras físicas e arquitetônicas mais citadas pelos participantes do estudo são: difícil acesso aos banheiros nos hotéis e transporte em ônibus não adaptado. Os direitos dos deficientes são garantidos por lei, mas a garantia de ser efetivado tudo o que está escrito ainda está distante de se tornar realidade, ao menos no nosso contexto sociocultural.

De acordo com as regulamentações de acessibilidade para portadores de necessidades especiais, o desenho universal é o principal aspecto que deve ser implantado. Ele tem uma proposta de que a sociedade estaria projetada fisicamente para atender às necessidades de todos os seus cidadãos.

Com a terceira e última questão de pesquisa, indaga-se sobre as condições de acessibilidade dos complexos esportivos nos quais os atletas do CIDeF realizam treinamentos ou participam de competições. Nesse contexto, inclusive no próprio ginásio onde a equipe realiza seus treinamentos, apesar de haver rampas de acesso às quadras e um banheiro adaptado, ainda não há acessos aos vestiários, com chuveiros, nem acesso às arquibancadas da quadra principal, o que impede ao cadeirante de assistir aos jogos nas arquibancadas.

Destaca-se que há projetos na UCS que objetivam diminuir essas barreiras. Está prevista a instalação de um elevador de acesso às arquibancadas e a reforma de dois banheiros, para que estes sejam acessíveis aos cadeirantes. Inicialmente, o ginásio de esportes não foi projetado para atender à demanda de cadeirantes, necessitando atualmente de adequações para suprir as necessidades desses atletas e do público cadeirante em geral.

Outra situação freqüente nas dependências esportivas da UCS, e em outros ginásios, e que necessita ser repensada, é a falta de cadeiras adaptadas para que os atletas cadeirantes possam tomar banho após as competições. Uma das recomendações de higiene, históricas da Educação Física, é que, após qualquer prática esportiva, deve-se tomar banho. Os participantes do CIDeF informaram que em muitas ocasiões, após os jogos, para não molhar suas cadeiras, tomam banho sentados no chão. Sugere-se uma forma simples para solução do problema, isto é, disponibilizar cadeiras de plástico nos vestiários, para que os cadeirantes possam utilizá-las para tomar banho. Quem sabe tenham que ser adaptadas, mas, para tanto, deve haver vontade política dos responsáveis pelo funcionamento dos complexos esportivos ou uma reunião com agenda positiva entre os dirigentes e o grupo de cadeirantes que utiliza dependências esportivas.

Atitudes simples, como organizar um alojamento no térreo, ou disponibilizar uma cadeira de plástico para banho, nesses casos, evitariam muitos constrangimentos e problemas aos deficientes físicos.

### **8.3 Perspectivas de continuidade**

A promoção cada vez maior do esporte adaptado, o sucesso do Brasil nos recentes jogos Parapan-americanos, indicam que o tema acessibilidade aos portadores de deficiência física e de outras deficiências passa a ser um desafio aos gestores de turismo e aos organizadores de eventos esportivos. Também diz respeito aos arquitetos que planejam os espaços onde o esporte se desenvolve, uma vez que passa a incorporar os hábitos das pessoas na atualidade, como componente da qualidade de vida.

No caso desta pesquisa, o foco foram os atletas portadores de deficiência física, considerando os principais participantes do estudo. Dada a relevância e a atualidades do tema, sugere-se a realização de outros estudos sobre outros olhares, como:

- Existe preocupação dos gestores da rede hoteleira com esse público?
- Os meios de transporte que servem ao turismo estão pensando em adequar-se para atender a essas demandas?
- Quais as condições de acessibilidade nas viagens e no turismo na perspectiva de outros portadores de necessidades especiais, como os deficientes visuais, por exemplo?

Enfim, muitos outros temas voltados aos portadores de necessidades especiais podem e devem ser estudados, fundamentalmente quando se proclama que o turismo é uma atividade que pode render muitos dividendos num país emergente como o Brasil.

### **8.4 Reflexões pessoais**

É importante sinalizar que a realização de uma pesquisa etnográfica favoreceu a possibilidade de um acompanhamento mais sistemático das ações do CIDeF. Estando a pesquisadora envolvida em suas atividades, contribuiu para que pudesse ver e ouvir como é a

vida de deficientes físicos, suas dificuldades e suas conquistas. Os diálogos são abertos, sem receios de perguntar e eles, de responder. Criou-se um vínculo de confiança entre a pesquisadora e os integrantes do CIDeF. Fazer parte do grupo está sendo muito gratificante, pois entende-se que se pode contribuir mais efetivamente para que essas pessoas sejam incluídas na sociedade em todos os seus segmentos.

O fato de esse grupo sair para viajar também serve para que a sociedade perceba que o deficiente existe e que não se pode mais negar que ele quer ocupar seu lugar de direito, quer ter acesso à educação, ao trabalho, à saúde e ao lazer com qualidade e sem empecilhos. Sabe-se que as mudanças sociais são lentas, mas elas são possíveis e podem ocorrer mais rapidamente na nossa sociedade, basta que haja ações políticas e atitudes que incitem as mudanças.

Mas, se as barreiras físicas ainda são muitas, as barreiras atitudinais, de acordo com a presente pesquisa, estão aos poucos diminuindo, ou seja, a discriminação está perdendo força. É evidente que existem ainda casos de discriminação, porém atitudes mais inclusivistas foram citadas pelos deficientes participantes da pesquisa, ou seja, o fator humano está facilitando o acesso do deficiente aos espaços sociais, e tal atitude merece destaque, pois deve servir como exemplo para os que ainda sentem piedade e aqueles que discriminam os deficientes.

A moderna arquitetura não pode mais ignorar a presença dos deficientes ao projetar prédios e meios de transporte, como se eles nunca fossem utilizar esses equipamentos, por exemplo. Ficou demonstrado aqui que os deficientes viajam e fazem turismo. Então, não se pode mais negar a necessidade de buscar qualidade nos serviços prestados, para que lhes seja oferecido conforto e para que sintam liberdade e satisfação no seu dia-a-dia, minimizando o constrangimento característico da própria condição.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Ronald et al. **Jogos, esportes e exercícios para o deficiente físico**. 3. ed. Barueri: Manole, 1985.

AGUIRRE, Rafael Sanjuanbenito; et. al. **Recreação e turismo para todos**. Caxias do Sul: Educs, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, **NBR 9050:1994**, **NBR 14022:1997**. Coletânea de Normas de Acessibilidade para Pessoas Portadoras de Deficiências. Rio de Janeiro: ABNT, 2001. 94p.

\_\_\_\_\_, **NBR 15320:2005**. Disponível em: <<http://www.embratur.gov.br/manual-acessibilidade.pdf>>. Acesso em: 4 mar. 2006.

BAHIA, Carolina. Um estatuto a caminho: texto que deve garantir direitos entrará em votação em junho. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul, 19 e 20 março 2005. p. 22.

BOIA, Yolanda Irena Keller. **O turismo e a pessoa portadora de necessidades especiais**. 2000. 110f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2000.

BRASIL. Decreto 5.296, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis 1.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 1098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF. Disponível em: <<http://www81.dataprev.gov.br/sislex/paginas/23/2004/5296.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2005.

BRASIL. Projeto de Lei do Senado n. 6, de 2003. Institui o Estatuto do Portador de deficiência e dá outras providências. Brasília, DF. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/web/senador/paulopaim/d>> Acesso em: 20 abr. 2005.

BRASIL. Decreto n. 448 de 14 de fevereiro de 1992. Regulamenta dispositivos da Lei 8.181, de 28 de março de 1991. Dispõe sobre a Política Nacional de Turismo e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF. In: BOITEX, Bauard. **Legislação de turismo**: tópicos de direito aplicados ao turismo. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

CAMINHADORES. Disponível em: <<http://www.caminhadores.org>> Acesso em: 28 jul. 2006.

CENSO 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 21 abr. 2005.

CIDeF. Centro Integrado dos Portadores de Deficiência Física. **Material de divulgação**, recebido em 2005.

CHON; Kye-Sung; SPARROWE, Raymond. **Hospitalidade: conceitos e aplicações**. São Paulo: Thompson, 2003.

CONTE, Daniela Tartarotti. (caxita\_new\_zeland@yahoo.com.br). **Informações sobre acessibilidade na N. Z.** Mensagem recebida por <GOULART, Renata Ramos (rgsmile00@hotmail.com)> Acesso em: 5 abr. 2005.

DECLARAÇÃO DE MADRID sobre o ano europeu das pessoas com deficiência. 2003. **Declaração de Madrid**. Disponível em: <<http://www.lerparaver.com/madrid.html>>. Acesso em: 23 jun. 2006.

DIAS, Luciano S.; GABRIELI, Ana Paula T. Mielomeningocele. In BRUSCHINI, Sérgio. (Org). **Ortopedia Pediátrica**. São Paulo: Atheneu, 1993).

EMBRATUR. **Manual de recepção e acessibilidade de pessoas portadoras de deficiência a empreendimentos e equipamentos turísticos**. Brasília, DF. Disponível em: <<http://www.embratur.gov.br/0-catalogo-documentos/arquivos-internos/manual-acessibilidade.pdf>>. Acesso em: 4 maio 2005.

FREEWAY BRASIL. Disponível em: <<http://www.freeway.tur.br/pne>> Acesso em 20 abr. 2005.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS E FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. **Pesquisa da FGV traça retrato da deficiência no Brasil**. Disponível em: <<http://www.autistas.org.fgv.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2006.

GRANDE DICIONÁRIO DE MEDICINA, São Paulo: Tempo e Maltese, 1999

GÓMEZ, Maria Fernanda. **Grupos turísticos y discapacidad: pautas, atención y diseño**. Buenos Aires: Ediciones Turísticas de Mario Banchik, 2004.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2001.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné/Melanésia**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Lazer e humanização**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Thompson, 2002.

MENDES, Rodrigo H. Arte, inclusão e acessibilidade. In: SCHUWARZ, Andrea.; HABER, Jaques. Guia São Paulo Adaptda. São Paulo: O Nome da Rosa, 2001.

MOLINA NETO, Vicente. A pesquisa etnográfica . In: MOLINA, V. e TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

NEGRINE, A.; BRADACZ, L.; CARVALHO, P. E. G. O comportamento lúdico na vida humana. In: **Recreação na hotelaria: o pensar e o fazer lúdico**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

NEGRINE, Airton. **Problemas fundamentais da deficiência contemporânea**. Texto complementar aos aportes de aula da disciplina de Educação Física Especial. Professor Dr. Airton Negrine. Universidade de Caxias do Sul, 2002.

\_\_\_\_\_. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

NERI, Luciane. Turismo e lazer para pessoas com necessidades especiais: o exemplo espanhol. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, III., 2005, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos...** Caxias do Sul: UCS, 2005. 1 CD-ROM.

PADILHA, A. M. L. Uma discussão sobre os modos de olhar para o sujeito deficiente – ainda na tentativa de superar o modelo médico. In: PADILHA, A. M. L **Práticas pedagógicas na educação especial**. Campinas: Editora Autores Associados, 2001.

PERTILLE, Iara. Deficientes físicos usuários de cadeiras de rodas – uma reflexão. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, III., 2005, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos...** Caxias do Sul: UCS, 2005. 1 CD-ROM.

O GLOBO. Jornal. Primeiro Caderno. Contra o direito de ir e vir. *Deficientes físicos enfrentam dificuldades na hora de fazer viagens aéreas*, 3 dez 2004, p.14. Disponível em: <<http://www.pontal.net/isv/LinkDefiFisiDiversos.asp>>. Acesso em: 20 jun. 2006.

RAINS, Scott. **Análise do programa de roteirização**. Disponível em: <<http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?IDConteudo=6123>>. Acesso em: 22 abr. 2005.

\_\_\_\_\_; PLAYER, Dave. **Turismo acessível: Realidade ou sonho?** Disponível em: <<http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?IDConteudo=6431>>. Acesso em: 22 abr. 2005.

RAPOSO, Ana Cláudia; LÓPEZ, Ramón. Conceitos de lazer em portadores de lesão medular. **Revista Digital**, Buenos Aires, n. 49, junho 2002. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 10 dez. 2002.

RIBAS, João Batista Cintra. **O que são pessoas deficientes**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANSIVIERO, Simone; DIAS, Célia Maria de Moraes. Hotelaria e acessibilidade. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, III., 2005, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos...** Caxias do Sul: UCS, 2005. 1 CD-ROM.

SÃO PAULO (Prefeitura). Comissão Permanente de Acessibilidade da Secretaria da Habitação e Desenvolvimento Urbano da Prefeitura do Município de São Paulo. **Guia de acessibilidade em edificações**. São Paulo, 2002. 71p.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 5. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

\_\_\_\_\_. Turismo inclusivo. **Revista Nacional de Reabilitação**, Juiz de Fora, n. 28, ano V, set/out. 2002. Câmara Municipal de Juiz de Fora. Disponível em: <[http://isal.camarajf.mg.gov.br/inclusao/artigos/turismo\\_inclusivo.html](http://isal.camarajf.mg.gov.br/inclusao/artigos/turismo_inclusivo.html)>. Acesso em: 3 abr. 2006.

\_\_\_\_\_. **Conceitos de acessibilidade**. Disponível em: <<http://www.escoladegente.org.br>>. Acesso em: 15 abr. 2005.

SILVA, Idari Alves da. **Construindo a cidadania: uma análise introdutória sobre o direito à diferença**. 2002. 112f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

SILVA, Yolanda Flores; BOIA, Yolanda Irena Keller. Turismo e responsabilidade social: uma reflexão sobre os direitos das pessoas com necessidades especiais. **Turismo – Visão e Ação**, Camboriú, v. 5, n. 1, jan./abr., p. 53-65, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto, N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WINNICK, Joseph P. **Educação física e esportes adaptados**. 3.ed.Barueri: Manole, 2004.

ZVAZ TELESNE POSTIHNUTEJ MLADEZE – ZTPM. Disponível em: <<http://www.ztpm.sk/j-portug.html>> Acesso em; 28 junho 2006.

## **APÊNDICES**

## Apêndice A

### Fotografias dos atletas do CIDeF



1ª Edição do Lazer sem Limites  
no Iguatemi Caxias em 2006



Equipe masculina de basquete em cadeira de rodas  
nos Jogos Inclusivos de Porto Alegre em 2006.



Preparação para a viagem a Curitiba pelo  
Campeonato da Liga Sul, em 2006



Embarque no aeroporto de Caxias do  
Sul para o Campeonato Brasileiro em  
Vitória, 2006

Todas as fotografias fazem parte do acervo do CIDeF.

## Apêndice B

### Roteiro de Entrevista Semi-estruturada

#### Roteiro de entrevista semi-estruturada

##### **A – Informações gerais:**

- 1 – Nome: \_\_\_\_\_ (símbolo/referência para manter a identidade do entrevistado)
- 2 – Sexo: ( ) masc. ( ) fem.
- 3 – Faixa etária:
  - ( ) até 15 anos
  - ( ) de 16 a 20 anos
  - ( ) de 21 a 30 anos
  - ( ) de 30 a 40 anos
  - ( ) acima de 40 anos
- 4 – Grau de instrução:
  - ( ) Ensino Fundamental
  - ( ) Ensino Médio
  - ( ) Ensino Técnico
  - ( ) Ensino Superior
- 5 – Equipamento que utiliza como auxílio para a locomoção:
  - ( ) cadeira de rodas
  - ( ) muletas
  - ( ) bengala
  - ( ) próteses ortopédicas
  - ( ) outros
  - ( ) não necessita de equipamento, usa cadeira apenas para praticar esporte
- 6 – Qual a causa da lesão?

##### **B – Informações sobre viagens**

- 7 – Se a lesão foi adquirida, você costumava viajar antes?
- 8 – Se a lesão é congênita: com que frequência você costuma viajar?
- 9 – Como essas viagens são organizadas? Viaja acompanhado? Com quem?
- 10 – Qual o principal destino das suas viagens?
- 11 – Qual a experiência mais marcante de viagem de que você lembra? (positiva ou negativa)

##### **C – Informações sobre viagens com o CIDeF**

- 12 – Você já viajou com o grupo (CIDeF)? – frequência
- 13 – Quais foram os destinos?
- 14 – Como foram essas viagens?
- 15 – Como você percebe a estrutura física (transporte, hospedagem, alimentação,...) dessas viagens?
- 16 – Qual a experiência mais marcante de viagem que você já fez com o CIDeF?
- 17 – Na sua opinião: quais são os aspectos positivos de uma viagem? (Por que é importante viajar?)

## Apêndice C

### Termo de Consentimento

#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Está sendo realizada pela pesquisadora Renata Ramos Goulart e por seu orientador Prof. Dr. Airton Negrine, do Programa de Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul, a pesquisa intitulada TURISMO E DEFICIÊNCIA FÍSICA: necessidades e desafios de se pensar as viagens para portadores de deficiência física.\*

A pesquisa tem como objetivo: descrever e analisar as percepções que os portadores de necessidades especiais - deficientes físicos apresentam com relação aos destinos visitados em viagens esportivas ou nos momentos de lazer com seus familiares e amigos.

A aplicação da pesquisa será feita com os portadores de necessidades especiais - deficientes físicos que participam do CIDeF. Os instrumentos utilizados serão: entrevista semi-estruturada, análise documental e memorial descritivo.

Todas as informações resultantes dos instrumentos de coleta de informações serão de uso exclusivo dos pesquisadores, sendo utilizadas com a única finalidade de fornecer elementos para a realização da investigação sobre o diagnóstico das viagens e as percepções que esses deficientes físicos têm desse tipo de atividade. Os relatórios e artigos que dela resultarem serão também de uso acadêmico. É garantido total sigilo para o entrevistado.

Qualquer dúvida ou informação a respeito da pesquisa poderá ser esclarecida diretamente com a pesquisadora da mesma, Renata Ramos Goulart, pelo fone (54) xxxx-xxxx, (54) xxxx-xxxx ou pelo *e-mail*.

Eu,.....estou ciente da pesquisa a ser realizada e concordo em participar voluntariamente desta pesquisa.

Caxias do Sul,..... de .....de 2006.

Entrevistado:.....

Assinatura:.....

Pesquisadora:.....

Assinatura:.....

**1ª Via: Pesquisadora**

**2ª Via: Entrevistado**

\* O título da pesquisa foi reformulado após a aplicação dos instrumentos.

**Apêndice D**  
**Registro dos instrumentos utilizados**

**Observações**

<b>Número de registro</b>	<b>Data do registro</b>	<b>Local da observação</b>
1	04-06-06	Shopping Iguatemi Caxias
2	06-06-06	Ginásio Poliesportivo UCS
3	13-06-06	Ginásio Poliesportivo UCS
4	05-09-06	Ginásio Poliesportivo UCS
5	12-09-06	Ginásio Poliesportivo UCS
6	19-09-06	Ginásio Poliesportivo UCS
7	26-09-06	Ginásio Poliesportivo UCS
8	03-10-06	Ginásio Poliesportivo UCS
9	10-10-06	Ginásio Poliesportivo UCS
10	17-10-06	Ginásio Poliesportivo UCS
11	22-10-06	Casa de associados do CIDeF
12	10-11-06	Pavilhões da Festa da Uva, Caxias - JIRGS
13	11-11-06	Ginásio Poliesportivo UCS - JIRGS
14	14-11-06	Ginásio Poliesportivo UCS
15	18-11-06	Ginásio Poliesportivo UCS
16	05-12-06	Ginásio Poliesportivo UCS
17	09-12-06	Ginásio Poliesportivo UCS
18	11-12-06	Teatro UCS
19	12-12-06	Galpão do jantar

<b>Número de registro</b>	<b>Data do registro</b>	<b>Local da observação</b>
20	18-06-06	Ginásio Poliesportivo UCS
21	25-06-06	Ginásio Poliesportivo UCS
22	02-07-06	Ginásio Poliesportivo UCS
23	09-07-06	Ginásio Poliesportivo UCS
24	16-07-06	Ginásio Poliesportivo UCS
25	23-07-06	Ginásio Poliesportivo UCS
26	30-07-06	Ginásio Poliesportivo UCS
27	05-08-06	Ginásio Poliesportivo UCS
28	12-08-06	Ginásio Poliesportivo UCS
29	19-08-06	Ginásio Poliesportivo UCS
30	26-08-06	Ginásio Poliesportivo UCS
31	02-09-06	Ginásio Poliesportivo UCS
32	09-09-06	Ginásio Poliesportivo UCS
33	16-09-06	Ginásio Poliesportivo UCS
34	23-09-06	Ginásio Poliesportivo UCS
35	30-09-06	Ginásio Poliesportivo UCS
36	07-10-06	Ginásio Poliesportivo UCS
37	07-10-06	Piscina UCS
38	09-10-06	Piscina UCS
39	14-10-06	Ginásio Poliesportivo UCS
40	16-10-06	Piscina UCS

41	21-10-06	Piscina UCS
42	21-10-06	Ginásio Poliesportivo UCS
43	23-10-06	Piscina UCS
44	28-10-06	Piscina UCS
45	28-10-06	Ginásio Poliesportivo UCS
46	30-10-06	Piscina UCS
47	04-11-06	Piscina UCS
48	04-11-06	Ginásio Poliesportivo UCS
49	06-11-06	Piscina UCS
50	11-11-06	Piscina UCS
51	18-11-06	Ginásio Poliesportivo UCS
52	25-11-06	Ginásio Poliesportivo UCS
53	02-12-06	Ginásio Poliesportivo UCS
54	08-12-06	Ginásio Poliesportivo UCS

### Entrevistas

Número de registro	Data da entrevista	Local
1	08-08-06	Ginásio Poliesportivo UCS
2	10-08-06	Casa da Cultura – Centro de Caxias
3	11-08-06	Local de trabalho do participante
4	15-08-06	Ginásio Poliesportivo UCS
5	29-08-06	Ginásio Poliesportivo UCS
6	29-06-06	Ginásio Poliesportivo UCS
7	18-09-06	Residência do participante
8	27-09-06	DEFI- UCS
9	01-10-06	Ginásio Poliesportivo UCS
10	01-10-06	Ginásio Poliesportivo UCS
11	01-10-06	Ginásio Poliesportivo UCS
12	09-10-06	Residência do participante
13	11-10-06	Local de trabalho do participante
14	17-10-06	Ginásio Poliesportivo UCS
15	17-10-06	Ginásio Poliesportivo UCS

### Documentos

Número de registro	Documento
1	Estatuto do CIDeF
2	Texto no site da UCS
3	Informativo abril 2006
4	Informativo maio 2006
5	Informativo junho 2006
6	Informativo julho 2006
7	Informativo agosto 2006
8	Informativo setembro 2006
9	Informativo outubro 2006
10	Informativo novembro 2006
11	Informativo dezembro 2006

## **Apêndice E**

### **Informações a partir dos Informativos de abril a dezembro de 2006**

- Nos dias 21, 22 e 23 de abril, a equipe de basquete em cadeira de rodas do CIDeF estará participando da 1ª Etapa da Liga Sul na cidade de **Joinvile/SC**. Nesta etapa, estarão presentes equipes de Joinvile, Curitiba, Porto Alegre e Florianópolis. (D3, abril-06).
- No dia 13 de maio, a equipe de basquete em cadeira de rodas do CIDeF estará participando da 1ª etapa da Liga Gaúcha de Basquete em Cadeira de Rodas. A competição acontecerá em **Porto Alegre** no ginásio Tesourinha. (D4, maio-06).
- Nos dias 9, 10 e 11 de junho, a equipe de basquete em cadeira de rodas do CIDeF estará participando da 2ª Etapa da Liga Sul de Basquete em Cadeira de Rodas. A competição acontecerá em **Curitiba/PR**. (D5, junho-06).
- No dia 22 de julho, a equipe de basquete em cadeira de rodas do CIDeF estará participando de mais uma etapa da Liga Gaúcha na cidade de **Santa Cruz do Sul/RS**. No dia 24 de junho, a equipe esteve em **Erechim/RS**. (D6, julho-06).
- Nos dias 18, 19 e 20 de agosto, a equipe estará participando de mais uma etapa da Liga Sul em **Porto Alegre/RS**. (D7, agosto-06).
- Nos dias 1º e 2 de setembro, a equipe do CIDeF estará participando dos 4º Jogos Inclusivos SESI-Faders na cidade de **Porto Alegre/RS**. (D8, setembro-06).
- Entre os dias 20 e 24 de novembro, o CIDeF está disputando o Campeonato Brasileiro de Basquete em Cadeira de Rodas na cidade de **Fortaleza/CE**. O atleta de Luta de Braço do CIDeF, Adelar da Silva, estará em **Manchester, Inglaterra** entre os dias 31 de outubro e 6 de novembro disputando o 9º Campeonato Mundial de Luta de Braço. O atleta convocado pela Confederação Brasileira é atual Campeão Brasileiro na categoria portador de deficiência até 70kg. (D10, novembro-06).
- Após uma semana de muito esforço e dedicação, a equipe masculina de basquete sobre rodas do CIDeF retornou de **Fortaleza/CE** com o 7º lugar no Campeonato Brasileiro que aconteceu entre os dias 20 e 24 de novembro. Aproveitando o tempo disponível na cidade de **Fortaleza/CE** dois atletas do CIDeF participaram da Corrida do Empreendedor promovida pelo SEBRAE no dia 25 de novembro, conquistando o 1º e o 3º lugares. O atleta de Luta de Braço do CIDeF Adelar da Silva, conquistou o 5º lugar no Campeonato Mundial de Luta de Braço realizado em **Manchester, Inglaterra**. (D11, dezembro-06)

## **Apêndice F** **Observação realizada**

Número da observação: 14

Local: Abertura do JIRGS 2006

Data: 11/11/2006

- A cerimônia de abertura dos Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul foi nos Pavilhões da Festa da Uva de Caxias do Sul.
- O local da cerimônia foi onde se realiza o espetáculo som e luz, nas réplicas, o acesso para cadeirantes é complicado. Um cadeirante não conseguia subir sem ajuda para empurrar sua cadeira.
- A alguns dias, uma reunião tinha sido feita com os técnicos das equipe para orientações e para distribuir o fardamento da delegação de Caxias. Todos os atletas e comissão técnica estavam uniformizados.
- As pessoas estavam se divertindo, o pessoal do CIDeF conversava muito, tiravam fotos e conversavam com os atletas das outras modalidades, principalmente os do voleibol.
- Não vi outro grupo de portadores de necessidades especiais, além do CIDeF.
- Após o cerimonial, fomos ao jantar de confraternização de todas as delegações, no restaurante da Festa da Uva.
- Os cadeirantes utilizaram a porta de serviço para entrar no restaurante, o acesso principal tinha escadas.
- O técnico Luciano e eu, ajudamos os cadeirantes no bufê para se servirem.
- Na hora do jantar, mais festa e alegria, todos estavam motivados para o início dos jogos no dia seguinte.
- No encerramento, dei carona a uma atleta do CIDeF.

**Apêndice G**  
**Entrevista realizada**

<b>Entrevista:</b> 08	<b>Data:</b> 27/09/2006
<b>Entrevistado:</b> E8	
<b>Local da entrevista:</b> DEFI/UCS	
<b>Horário da entrevista:</b> 16h	

INFORMAÇÕES GERAIS:

- 2– Sexo: **mas**
- 3– Faixa etária: **acima de 40 anos**
- 4– Grau de instrução: **Ensino Fundamental**
- 5– Equipamento que utiliza para locomoção: **bengala e próteses ortopédicas**
- 6– Causa da lesão: **amputação / acidente de trabalho em 2000**

**Eu gostaria que você me contasse se você costumava viajar antes da lesão?**

Eu viajava muito pouco, às vezes, mais era fim de ano né, ia visitar meus parente, mas durante o ano eu não viajava, eu so trabalhava. E viagem mesmo eu fui fazer depois que eu fiquei com deficiência. Antes eu nunca tinha viajado. Inclusive eu fui conhecer, eu só conhecia o RS antes: depois que eu comecei. **Então você começou a viajar mesmo depois que entrou no CIDeF?** Depois que eu entrei no CIDeF, que daí, a gente começou primeiro a viajar na canoagem, né. E daí o que eu comecei a fazer primeiro foi canoagem, com três meses que eu já tinha tirado a perna eu já comecei a rema. Um colega meu me levou pra lá, e daí depois pro basquete, né. Então praticava os dois esporte, canoagem e basquete. **Em que ano foi isso?** Logo que eu tirei a perna, em 2000. Até inclusive eu fui no médico que me tratava, o Dr. Geraldo, e falei pra ele sobre o negócio de fazer esporte. E ele disse que pra esse problema teu aí, quanto mais você praticar esporte, melhor, diz ele. Qualquer tipo de esporte que tu praticar melhor ainda, que não precisa tomar remédio, o negócio é não ficar parado. Então eu vim pra aqui, eu comecei no basquete, e continuei, na canoagem também, depois não parei mais, gostei, não parei mais.

**E você lembra, então, desde que você entrou no grupo, que foi em 2000, com que frequência que você tem viajado? Você vai pra todas as competições? Sai uma vez por ano? Uma vez por mês? Como é?**

Não, esse ano não viajamos muito, esse ano só fizemos 3, 4 viagens. Mas teve há dois anos atrás, eu viajava bastante, quase todas as semanas, as vezes de 15 em 15 dias. Porque, o que que acontecia, eu ia no basquete, viajava pelo basquete, e daí já pela canoagem com outra turma né, com o Álvaro, com o pessoal lá, eu viajava também pela canoagem. Então por exemplo, eu ai lá pra POA disputar um torneio no fim de semana, aí no outro fim de semana o Álvaro ia com a turma das meninas pra SP, aí eu ia junto com eles também, pra competir lá com os outros deficientes também. **Então você viajava com os dois grupos?** Com os dois grupos. Por isso que é maior, se fosse só num, ia a cada mês, né, depende. **Depende das competições.**

**E quais foram os lugares que você visitou? Que você viajou pelo esporte?**

Aqui dentro RS nos viajamos quase todas as cidades que pratica basquete e canoagem. Por exemplo, aqui em Gravataí, POA, Pelotas e também São Paulo, eu também fui com a canoagem. Curitiba, isso na canoagem. No basquete, foi aqui no RS em quase todos os lugares que tem, que pratica o basquete, Canoas, POA, Passo Fundo, esses lugares. E Vitória também nós fomos, fomos pelo basquete. Bom antes de começar a praticar o esporte eu não conhecia nem fora do RS, eu fui conhecer fora do RS, depois que eu comecei a praticar o esporte, depois que eu comecei a viajar.

**E nessas viagens, geralmente vocês ficam alojados onde? Como é a hospedagem, o serviço de alimentação nos restaurantes? Você percebe que isso está adaptado para receber o deficiente, ou não? Como você percebe essa estrutura, além da viagem, além do transporte?**

Algum lugar tem uma estrutura, bom, depende muito do local. Porque no caso da canoagem, a gente, quando a gente vai praticar o esporte da canoagem, é difícil ter que nem aqui em Caxias que tem o trapiche, tem tudo né, preparado, tem o a hangar que foi feito já com a porta pra entrar nos banheiro, com cadeira de rodas. E no caso da gente na canoagem, a gente não tem lugar certo, às vezes a gente fica numa pousada, às vezes fica num hangar, ou às vezes num hotel. Depende da cidade. Agora já no basquete, geralmente quase sempre a gente fica em hotel, ou no ginásio mesmo. Daí a gente fica ali, os grupos tudo no ginásio. E é como nós tava falando, que nem num hotel por exemplo, eu não vi, talvez até tenha, mas eu

não vi banheiro adaptado pros cadeirante. Daí você chega num hotel, pega o elevador, vai pro quarto, chega no quarto, tem a porta grande, tu entra com a cadeira de roda. Mas daí no momento que tu que ir no banheiro, no banheiro não entra a cadeira, aí fica difícil pra pessoa que não consegue andar, fica tudo complicado né. E também tem certos lugares que a gente vai jogar o basquete que tb não tem adaptação, também não tem. **No próprio lugar da competição?** No próprio lugar da competição. A gente vai, chega lá, que ir pra tomar um banho, às vezes não entra a cadeira na porta do banheiro. É complicado, né, é complicado. Se bem que ta bem melhor, antes era pior, e nos hotel também sempre tem a rampa né, por mais que às vezes seja uma rampa complicada, seja muito descida, mas tudo bem. Mas aí tem né. Mas pro deficiente sempre é meio difícil né.

### **Qual foi a viagem mais marcante pra você?**

Tem duas viagem que foram muito importante pra mim, uma foi essa viagem que nós fomos em Vitória, lá com o basquete né. A gente saiu daqui,.. pra começar assim, eu nunca tinha se quer chegado perto de um avião, entendeu, então aquilo pra mim foi uma emoção que eu nunca mais vou me esquecer. E outra viagem também que eu não esqueço, foi a que eu fui em São Paulo, com o pessoal da canoagem. Foi toda a elite da canoagem, das meninas. E veio o pessoal lá de Gravataí, de POA, que fazem a canoagem, daí, de deficiente só tinha eu e o Charles que é um outro rapaz que faz canoagem. Então nós fomos, nós de deficiente e mais um grupo de meninas. E profissional, só o pessoal que vive daquilo ali, e só nós ali. A gente se deu muito bem lá. Daí nos chegamos lá, tinha outros deficientes lá, que a gente competiu com eles. Foi duas viagens que essas aí foi demais, foi bacana.

### **E na tua opinião, quais são os aspectos mais positivos de uma viagem? Você acha que é importante viajar, ou não, tanto faz viajar ou não?**

Não, eu acho que viajar é muito importante. Bah, a pessoa... Todo o atleta, não sei o profissional, mas o amador como a gente, a gente treina o mês todo, com aquele objetivo, pra viajar. Então vc dá o de melhor no teu treino, pra que venha o treinador, tá você vai, você não vai. Você ta bem, você não tá. Por que? Porque a gente tem de trazer um resultado também. Nós tamos treinando pra isso aí. Nós temos espaço na universidade, nós temos praticamente quase tudo aqui que a gente precisa a gente tem. Aí tem de pensar nisso aí também. E o que que acontece, alia a gente trina forte pra poder ir numa competição, né. Aquilo é uma alegria quando uma pessoa vai pra uma competição e a gente vai muito preparado pra trazer um bom resultado, porque é muito importante trazer um resultado. Às vezes um dia assim, o

importante é competir, tá, tudo bem, mas eu olha, eu tenho mais de 40 medalha que eu tenho lá em casa que eu ganhei, em canoagem em basquete, mas eu nunca fui naquele negócio assim, e vem é bom,... eu vo pra ganhar, se não ganhar tudo bem. Mas a viagem é muito importante, pra nós que temos esse problema de deficiência, isso é muito importante pq a pessoa não fica trancada em casa. A pessoa conhece outras pessoas. A convivência muda totalmente. **Conhecer outros lugares, viajar de avião...** nossa é bom demais.

**E, assim, nas viagens que vocês vão para competir, para SP, que você foi na canoagem por exemplo, vocês conseguem conhecer a cidade? Tem passeios para conhecer a cidade, ou é muito corrido? Ou dá tempo de conhecer um pouco a cidade?**

Às vezes dá. Depende da competição. Por exemplo na canoagem ou até mesmo no basquete, se a gente vai ficar três ou quatro dias, aí tem um dia que não tem competição. Aí se tem uma pessoa que já conhece, ta teve, ou tem mais instrução do que agente, que também possa dar uma volta coma gente. Ou também, que nem agora quando a gente teve em Vitória, um dia que nós não competimos, eles mesmo já tinha lá, saiu um ônibus pra levar o pessoal. Daí e eles derem um ônibus, o motorista foi lá, levou nós pra conhecer a cidade, levou nós na Vila Velha. Então nós formamo um grupo pra conhecer a cidade. É bom lá, isso lá eu achei muito importante. Nesses outros lugares aí a gente, de repente tb não dá, as vezes tem a competição todo o dia, aí a gente vai focado naquilo ali. Então as vezes tem lugar que não dá.

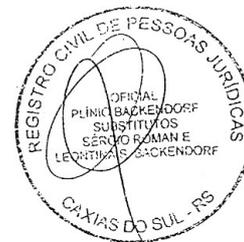
**Da minha parte era isso, não sei se você quer falar mais alguma coisa?**

O que eu pretendo dizer é o seguinte, eu acho que a viagem é muito importante pra nós, e o esporte é muito importante pro portador de deficiência. Poque, eu penso assim, no meu caso, há poucos dias eu quebrei o braço, tô me recuperando, já tô treinando, já to começando a treinar forte, e o que que acontece, vira um vício sabe. Pro portador de deficiência que ele não ta trabalhando, que nem no caso eu que to aposentado, quando chega no dia do treino, eu só penso naquilo ali. To loco que chegue o dia do treino pra mim vir treiná. Dá uma viagem, eu também quero ir, mas se o treinador diz assim, oh, tu não vai, tu não ta em condições físicas, ou qualquer outra coisa, tudo bem. Mas que acho que uma das coisas muito importante é prática. Praticar um esporte. O portador de deficiência que puder praticar um esporte deve, tem de praticar, eu acho que isso é uma coisa muito importante, e nó aqui no CIDeF, temo aberto aí pra quem quiser vir aqui praticar o basquete.

**ANEXOS**

**Anexo A**  
**Estatuto do CIDEF**

MINUTA DE ESTATUTO  
CENTRO INTEGRADO DOS PORTADORES  
DE DEFICIÊNCIA FÍSICA DE CAXIAS DO SUL



CAPÍTULO I

DA DENOMINAÇÃO, SEDE E FINS

Art. 1º O Centro Integrado dos Portadores de Deficiência Física de Caxias do Sul, também designado pela sigla CIDeF, constituído em ~~20 de novembro de 1996~~ é uma entidade civil, sem fins lucrativos, que terá duração por tempo indeterminado, sede no município de Caxias do Sul Estado do Rio Grande do Sul e foro em Caxias do Sul.

Art. 2º O Centro Integrado dos Portadores de Deficiência Física (CIDeF) de Caxias do Sul, tem por finalidade promover entre os associados o trabalho, o esporte, o lazer e a cultura.

Art. 3º No desenvolvimento de suas atividades, o CIDeF não fará qualquer discriminação, racial, política, religiosa ou social.

Art. 4º O CIDeF terá um Regimento Interno que, aprovado pela Assembléia Geral, disciplinará o seu funcionamento.

Art. 5º A fim de cumprir sua finalidade, a instituição se organizará em tantas unidades, quantas se fizerem necessárias, as quais se regerão pelo regimento interno aludido no artigo 4º.

CAPÍTULO II

DOS SÓCIOS

Art. 6º O CIDeF é constituído por número ilimitado de sócios, distribuídos nas seguintes categorias: (1º sócio efetivo, 2º sócio colaborador e sócio fundador).

Art. 7º São direitos dos sócios quites com suas obrigações estatutárias:

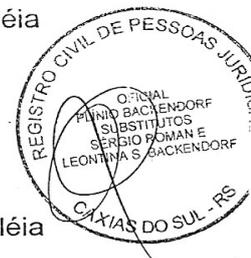
- I - Votar e ser votado para os cargos eletivos;
- II- Tomar parte nas Assembléias Gerais; e participar das promoções Sociais.

1

III- (Outras que julgar necessárias, aprovados pela Assembléia Geral).

Art. 8º São deveres dos sócios.

- I - Cumprir as disposições estatutárias e regimentais;
- II- acatar as determinações da Diretoria;
- III- (outras que julgar necessárias, aprovadas pela Assembléia Geral).



Art. 9º Os sócios não respondem, nem mesmo subsidiariamente, pelos encargos da Instituição.

- I- Os sócios efetivos serão todos os deficientes físicos, ou não, que preencherem voluntariamente a ficha de inscrição e participação.
- II- Os sócios colaboradores serão todos os que auxiliarem de qualquer maneira, o Centro e preencherem o formulário específico;
- III Os sócios fundadores serão todos aqueles que assinarem a ata de fundação do CIDeF;

### CAPITULO III

### DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 10º O CIDeF será administrado por:

- I - Assembléia Geral
- II- Diretoria;
- III- Conselho Fiscal;
- IV- Conselho Deliberativo.

Art. 11º. A Assembléia Geral, órgão soberano da Instituição, constituir-se-á dos sócios em pleno gozo de seus direitos estatutários.

Art. 12º Compete à Assembléia Geral.

- I eleger a Diretoria, o Conselho Fiscal e o Conselho Deliberativo;
- II decidir sobre reformas do Estatuto.
- III decidir sobre a extinção da entidade nos termos do artigo nº .....
- IV decidir sobre a conveniência de alienar, transigir, hipotecar ou permutar bens patrimoniais;
- V aprovar o Regimento Interno;
- VI outras que julgar necessárias.



Art. 13º A Assembléia Geral ordinária realizar-se-á bimensalmente, e, a do fim do ano será para:

- I apreciar o relatório anual da diretoria;
- II discutir e homologar as contas e o balanço aprovados pelo Conselho Fiscal
- III outras que julgar necessárias.

Art. 14º A Assembléia Geral Extraordinária realizar-se-á quando convocada:

- I pela maioria dos elementos da diretoria;
- II pela maioria dos elementos do Conselho Fiscal e deliberativo;
- III por requerimento da maioria dos sócios quites com as obrigações sociais da Instituição.

Art. 15º A convocação da Assembléia Geral Extraordinária será convocada por meio de edital afixado na sede da Instituição, publicado na imprensa local, por circulares, com antecedência de 15 dias.

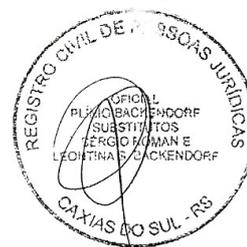
PARÁGRAFO ÚNICO. A Assembléia Geral extraordinária instalar-se-á em primeira convocação com a maioria dos sócios, e em segunda convocação, 30 minutos após, com qualquer número.

Art. 16º A Diretoria será constituída por um presidente, um vice presidente, primeiro e segundos secretários, primeiro e segundo tesoureiros.

Parágrafo único. O mandato da Diretoria será de dois (2), anos, sendo vedada mais de uma reeleição consecutiva.

Art. 17º Compete à Diretoria:

- I - elaborar e executar o programa anual de atividades;
- II - elaborar e apresentar, à Assembléia Geral, o relatório anual ;
- III- entrosar-se com instituições públicas e privadas para a colaboração em atividades de interesse comum;
- IV- Contratar e demitir funcionários;
- V - Criar Departamentos quantos forem necessários referendados pela Assembléia Geral.



Art. 18. A Diretoria reunir-se-á no mínimo uma vez por mês.

Art. 19. Compete ao Presidente:

- I - representar o CIDeF judicial e extra-judicialmente;
- II- Cumprir e fazer cumprir este estatuto e o regimento inteiro;
- III- presidir a Assembléia geral;
- IV- convocar e presidir as reuniões da Diretoria;
- V- (outras que julgar necessárias).referendadas pela Assembléia geral.
- VI- Assinar conjuntamente com o tesoureiro a movimentação financeira.

Art. 20º Compete ao Vice presidente.

- I substituir o presidente em sua faltas ou impedimentos.
- II assumir o mandato em caso de vacância, até o seu término;
- III prestar, de modo geral , a sua colaboração ao presidente

Art. 21º. Compete ao Primeiro secretário.

- I secretariar as reuniões da Diretoria e Assembléia Geral e redigir as atas;
- II publicar todas as notícias das atividades da entidade;
- III outras que julgar necessárias, referendadas pela Assembléia Geral.

Art. 22º. Compete ao segundo secretário:

- I Substituir o primeiro secretário em suas faltas ou impedimentos;
- II Assumir o mandato, em caso de vacância, até o seu termino;
- III prestar, de modo geral, a sua colaboração ao primeiro secretário.

Art. 23. Compete ao primeiro Tesoureiro:

- I arrecadar e contabilizar as contribuições dos associados, rendas, auxílios e donativos, mantendo em dia a escrituração;
- II pagar as contas autorizadas pelo presidente;
- III apresentar relatórios de receita e despesas, sempre que forem solicitados pela diretoria;
- IV apresentar o relatório financeiro para ser submetido à Assembléia Geral;
- V apresentar semestralmente o balancete ao conselho fiscal;

- VI conservar, sob sua guarda e responsabilidade, os documentos relativos à tesouraria;
- VII Assinar conjuntamente com o presidente a movimentação financeira;
- VIII manter todo o numerário em estabelecimento de crédito;
- IX (outras que julgar necessário), referendadas pela Assembléia.

Art. 24. Compete ao segundo Tesoureiro:

- I substituir o primeiro Tesoureiro em suas faltas ou impedimentos
- II Assumir o mandato, em caso de vacância, até o seu término;
- III prestar de modo geral, a sua colaboração ao primeiro tesoureiro;



Art. 25. O conselho Fiscal será constituído por três (3) membros. e seus respectivos suplentes, eleitos pela Assembléia Geral.

- I O mandato do Conselho Fiscal será coincidente com o mandato da Diretoria;
- II Em caso de vacância, o mandato será assumido pelo respectivo suplente, até seu término.

Art. 26. Compete ao Conselho Fiscal:

- I examinar os livros de escrituração da entidade;
- II examinar o balancete semestral apresentado pelo Tesoureiro, opinando a respeito;
- III apreciar os balanços e inventários que acompanham o relatório anual da Diretoria;
- IV opinar sobre a aquisição e alienação de bens;
- V (outras que julgar necessárias).

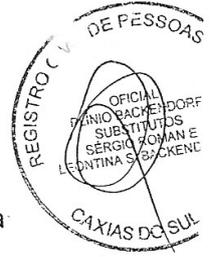
Parágrafo único. O conselho reunir-se-á ordinariamente a cada 2 meses e, extraordinariamente, sempre que necessário.

Art. 27. As atividades dos conselheiros, bem como as dos sócios, serão inteiramente gratuitas, sendo-lhes vedado o recebimento de qualquer lucro, gratificação, bonificação ou vantagem.

Compete ao conselho deliberativo

Art.28º O conselho deliberativo, em número de seis elementos é o órgão de consulta, da manifestação coletiva dos sócios, e de fiscalização do cumprimento do presente estatuto, cabendo-lhe principalmente:

- I manter e cumprir o Regimento Interno, onde se especificarem as atribuições, prerrogativas e responsabilidades de seus membros;
- II Convocar Assembléia Geral extraordinária, por escrito, com a maioria do seus integrantes;
- III declarar a perda do mandato do Presidente e referendar a demissão de Vice-Presidente



IV os membros do Conselho Deliberativo terão 5 (cinco) dias úteis para eleger seu Presidente e secretário (a);

V Os mandatos dos membros do Conselho Deliberativo deverão coincidir com os dos membros da diretoria.

DO PATRIMÔNIO

Art. 28. O patrimônio do CIDeF será constituído de bens móveis, imóveis, veículos, semoventes, ações e apólices de dívida pública.

Art. 29. No caso de dissolução da instituição, os bens remanescentes serão destinados a outra instituição congênere, com personalidade jurídica, que esteja registrada no Conselho Nacional de Serviço Social.

CAPÍTULO V

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 30. O CIDeF será dissolvido por decisão da Assembléia Geral extraordinária, especialmente convocada para esse fim, com a presença de no mínimo de dois terços (2/3), dos associados quando se tornar impossível a continuação de suas atividades.

Art. 31. O presente estatuto poderá ser reformado, em qualquer tempo; por dois terços (2/3), dos associados, em Assembléia Geral Extraordinária, especialmente convocada para esse fim, e entrará em vigor na data de seu registro em cartório.

Art. 32. os casos omissos serão resolvidos pela Diretoria e referendados pela Assembléia Geral.

*João Carlos Mariavi*  
CARTÓRIO BALEN  
CAXIAS DO SUL

GILBERTO MONTAROL  
OAB/RS 7.230  
CPF - 039.756.806/18  
C1 - 8003285106

LUIZA NAIR GONÇALVES  
Escritorinha Autônoma

RECONHEÇO \_\_\_\_\_ a  
sua \_\_\_\_\_  
fretada \_\_\_\_\_ com a Rec  
tificação desta cartório, de \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ dou  
Caxias do Sul, \_\_\_\_\_ de  
Em testemunho \_\_\_\_\_ da \_\_\_\_\_  
Tabellã

**Anexo B**  
**Texto do CIDEF Disponível no *site* da UCS**



Vila Olímpica

Projeto UCS Olimpíadas ▾

○ Projeto

○ Modalidades

○ Escolinhas

Faça contato com a Vila Olímpica

Mande um e-mail

Telefone: (54) 3218-2302  
3218-2165

Busca Rápida



Projeto

Olimpíadas



### Projeto UCS Olimpíadas e o Centro Integrado de Portadores de Deficiência Física de Caxias do Sul (CIDeF)

O esporte como fator de inclusão social do deficiente físico

O Centro Integrado de Portadores de Deficiência Física de Caxias do Sul (CIDeF) foi fundado em novembro de 1996 e sua sede sempre foi na UCS, mais especificamente na Vila Olímpica. Como organização não-governamental e encontra na Universidade uma importante parceira na concretização de sua finalidade de promover a inclusão social do deficiente físico através da esportiva.

O CIDeF participa do Projeto UCS Olimpíadas com três modalidades esportivas:

- ▶ Basquete sobre rodas [Saiba mais sobre a modalidade]
- ▶ Canoagem adaptada [Saiba mais sobre a modalidade]
- ▶ Luta de braço
- ▶ Tênis de mesa adaptado [Saiba mais sobre a modalidade]

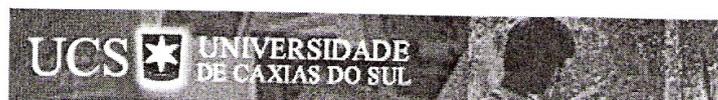
#### Principais títulos dos atletas do CIDeF

- ▶ **Basquete sobre rodas**
  - 3º Lugar no Campeonato Internacional de Santana do Livramento/Riviera 2005
  - 1º Lugar no I campeonato Gaúcho SEST/SENAT Caxias do Sul 2005
  - 2º Lugar no JIRGS/2004
- ▶ **Canoagem velocidade**
  - Campeão Brasileiro modalidade K1 1000m e K1 500m
- ▶ **Luta de braço**
  - Campeão Brasileiro 5 anos invicto
  - Campeão Mundial (RUSSIA 2003 e Campeão Mundial 2004 no BRASIL)
  - Campeão Gaúcho
- ▶ **Tênis de Mesa Adaptado**

**Rosângela Azevedo Dalcin**

  - III Campeonato Parapanamericano de Tênis de Mesa Adaptado - 16 a 23 de julho - Mar De Argentina - 2º Lugar
  - 3º Circuito Brasileiro de Tênis de Mesa Adaptado - Etapa Curitiba - 12 a 14 de agosto - Curitiba - Lugar Classe 3 e 3º Open
  - Jogos Mundiais em Cadeira de Rodas e Amputados - 16 a 25 de setembro - Rio de Janeiro - Lugar

Centro Integrado de Portadores de Deficiência Física  
Coordenador - Luis Alberto Pereira - Lapereira@rge-rs.com.br



A Universidade Cursos Graduação Pós-Graduação Pesquisa Extensão



Ação Comunitária



Vila Olímpica

Projeto UCS Olimpíadas ▾

O Projeto

Modalidades

Escolinhas

Faça contato com a Vila Olímpica

Mande um e-mail  
Telefone: (54) 3218-2302  
3218-2165

Busca Rápida



### Projeto UCS Olimpíadas e o Centro Integrado de Portadores de Deficiência Física de Caxias do Sul (CIDeF) Basquete sobre rodas

Basquete em cadeira de rodas é um esporte para indivíduos portadores de deficiência física na parte inferior do corpo. É usado um sistema de classificação individual para cada jogador cada um uma classificação de acordo com a observação de seus movimentos e habilidades assim a inclusão de vários deficientes sem discrimina-los em suas limitações ou desempenho do basquete sobre rodas são muito semelhantes do jogo tradicional. São feitas algumas modificações em consideração o uso da cadeira de rodas, a mecânica de sua locomoção e a necessidade de jogar sentado. Porém, o principal objetivo da prática de basquete é o convívio entre indivíduos de deficiência física, trocando assim experiências, sonhos e objetivos.

#### Regras

As regras do Basquetebol em Cadeira de Rodas são as mesmas do Basquetebol convencional, entãnto, pelo fato dos atletas obrigatoriamente jogarem sentados na cadeira de rodas, algumas modificações foram feitas. O jogador só poderá impulsionar as rodas duas vezes antes de dar um arremesso a bola. Se o jogador impulsionar as rodas três vezes, incluindo movimentos de condução, é considerado violação de percurso. A tabela é localizada na mesma altura do jogo para os jogadores profissionais adultos situada a 3,05 metros do chão.

#### Cadeira de rodas

A cadeira deve ter medidas como pré-requisito, como forma de garantir a segurança e igualdade de competição. A cadeira deverá ter 3 ou 4 rodas; duas rodas grandes localizadas na parte traseira da cadeira e uma e/ou duas rodas pequenas na parte da frente. Nas últimas décadas, passou a ser utilizada uma pequena rodinha, chamada de anti-tip, colocada na parte traseira e mantida a 20 cm do chão. O objetivo é que o contato com o chão possa dar uma maior segurança ao jogador. Os pneus devem ter um diâmetro máximo de 71 cm, e a roda deverá possuir um arco para impulsão.

A altura máxima do assento não pode ultrapassar 53 cm do solo e o descanso para os pés não pode passar de 11 cm do solo, com as rodas dianteiras em posição alinhada para movimento para a frente. O descanso para os pés deverá ser desenhada de tal maneira que não danifique a superfície da quadra. O jogador deve usar uma almofada de material flexível sobre o assento. A almofada deverá ser da mesma largura e comprimento do assento da cadeira e não pode ter mais de 5 cm de espessura, exceto para os jogadores das classes 3.5, 4.0 e 4.5, onde a espessura máxima permitida é de 5 cm.

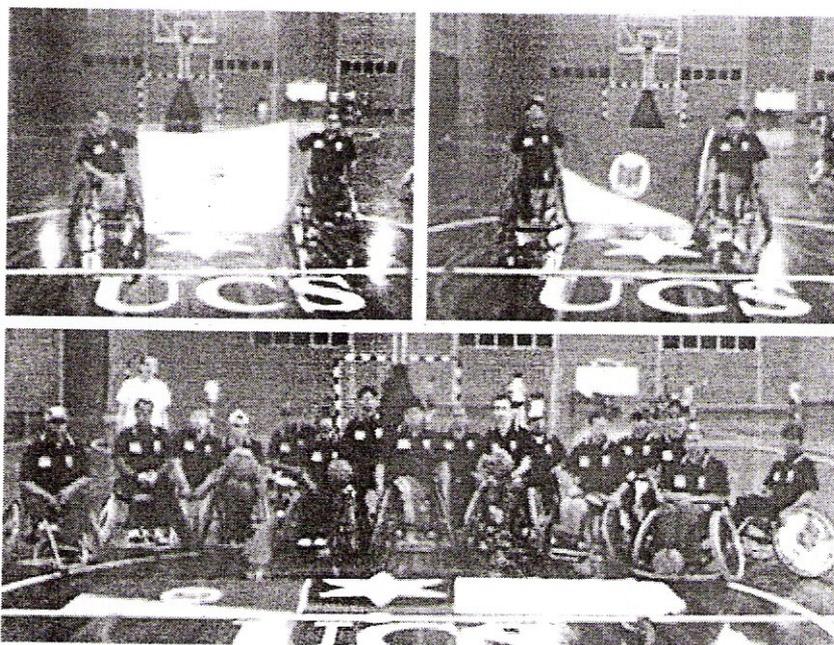
#### Falta técnica

Uma falta técnica será cobrada sempre que um jogador demonstrar deliberadamente conduta desportiva; quando um jogador elevar-se do assento da cadeira ou quando remover os pés da cadeira de pé ou usar outra parte do corpo que não as mãos, para obter vantagens, tais como frear a bola, a cadeira. A cobrança para a falta técnica é de 1 (um) arremesso livre concedido ao adversário na posse de bola do lado oposto à mesa. O capitão do time cobrador da falta designará o jogador que executará os arremessos.

#### Classificação funcional

É usado um sistema de classificação para jogadores em cadeira de rodas que dá a cada um uma classificação de acordo com a observação de seus movimentos e habilidades (performance).

apresentação em uma partida de basquete, tais como, movimentação de cadeira, driblando, recebendo, arremessando e pegando um rebote. Estas classificações são 1.0, 1.5, 2.0, 2.5, 4.5. Cada jogador recebe uma pontuação no valor igual à sua classificação. Os valores dos cinco jogadores serão somados para formarem o total de pontos do time. Para campeonatos internacionais, competições paraolímpicas, campeonato regionais e qualificação para estes valores de pontos total do time não podem exceder de 14 pontos. O time que inicia o jogo de seu número de pontos mesmo com as substituições subseqüentes de jogadores ou seja 14 total.





**UNIVERSIDADE  
DE CAXIAS DO SUL**





A Universidade
Cursos
Graduação
Pós-Graduação
Pesquisa
Extensão
Ação Comunitária

**Vila Olímpica**

PAO Olímpico

Missão e Objetivos

Histórico

Os primeiros da UCS

Plano de Ação da

Reitoria

Estrutura e Organização

Vila Olímpica

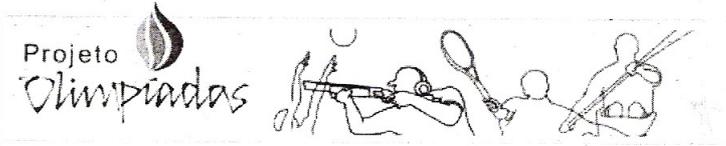
Projeto UCS Olimpíadas ▾

- O Projeto
- Modalidades
- Escolinhas

Faça contato com a Vila Olímpica

Mande um e-mail.

Telefone: (54) 3218-2302  
3218-2165



**Projeto UCS Olimpíadas e o Centro Integrado de Portadores de Deficiência Física de Caxias do Sul (CIDeF)**

**Canoagem adaptada**

Canoagem Adaptada é a canoagem executada por pessoas portadoras de necessidades especiais (deficiência física, auditiva, mental e visual). Pode ou não usar de equipamentos extras que praticante a desenvolver o seu melhor rendimento com segurança e saúde. As adaptações nos barcos ou externas, ou seja, gestos e comunicação por sons especiais e até adaptações:

**Busca Rápida** 

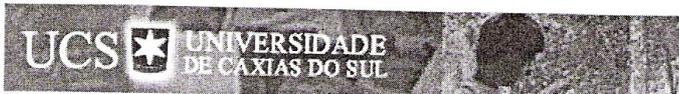
Em todos os casos a canoagem adaptada pode servir para lazer, recreação e competição. Com alguns aspectos de segurança e tendo um conhecimento da deficiência, se ela é mental, auditiva ou visual, todo clube ou escola de canoagem pode atender ao portador de necessidades especiais.

Todo o trabalho com estas pessoas deve se basear naquilo que a pessoa pode realizar e não que ele não consegue. A deficiência não pode servir como barreira ou limitação para a prática mas sim deve-se trabalhar no desenvolvimento de potencialidades e capacidades do atleta. com a Canoagem Adaptada não é uma tarefa difícil. As ações tomadas com os portadores de necessidades especiais são iguais ao dos alunos de uma escola convencional de canoagem. Os objetivos deve visar a busca da maior independência possível do praticante, desde a sua chegada ao clube, passando pelo treino e até a sua saída. O atleta portador de necessidades especiais deve adquirir hábitos que dependam da menor ajuda possível de outras pessoas para realizar com seu clube.

O responsável pelo ensino de canoagem adaptada (treinador ou professor) deve seguir o mesmo processo de ensino-aprendizagem que usa com os alunos sem deficiência. É claro que observe alguns aspectos referentes a cada deficiência. É importante que o professor e o aluno sintam e que todas as manobras de segurança estejam dominadas para que o praticante também faça canoagem sem a presença do professor.

O professor e o aluno devem ter uma relação muito íntima no que se refere à questão da comunicação deve ser aberta tratando a lesão com naturalidade para que professor e aluno encontrar juntos meios eficazes para uma prática saudável e de sucesso. O professor deve estar preparado para realizar perguntas e sugerir propostas. É necessário desafiar o aluno naquilo que é certo e ser realizado por ele. Fazê-lo buscar a vitória do desafio o fará sentir-se feliz e assim ele irá conquistar novos avanços a todo instante.





A Universidade Cursos Graduação Pós-Graduação Pesquisa Extensão



Ação Comunitária

[Página Inicial](#) | [Missão e Visão](#) | [Histórico](#) | [Números da UCS](#) | [Plano de Ação da Reitoria](#)

# Vila Olímpica

Estrutura e Organização

Vila Olímpica

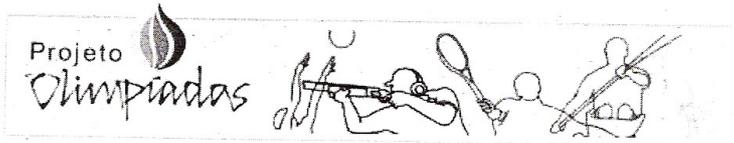
Projeto UCS Olimpíadas ▾

- O Projeto
- Modalidades
- Escolinhas

Faça contato com a Vila Olímpica

Mande um e-mail  
Telefone: (54) 3218-2302  
3218-2165

Busca Rápida



### Projeto UCS Olimpíadas e o Centro Integrado de Portadores de Deficiência Física de Caxias do Sul (CIDEF) Tênis de Mesa Adaptado

Participam do Tênis de Mesa Adaptado atletas com paralisia cerebral, amputados e cadeirantes feminina e masculina, por equipe, individual e open. Joga-se em pé ou em cadeira. Para os cadeirantes há duas pequenas modificações: o saque só é válido se a bola quicar na mesa e os jogadores podem se apoiar na mesa para manter o equilíbrio, desde que não tirem lugar.

**Anexo C**  
**Exemplar de Informativo CIDeF**



**CENTRO INTEGRADO DOS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA FÍSICA DE CAXIAS DO SUL**  
 Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 - B. Petrópolis - CEP 93070-560 - Caxias do Sul - RS - Brasil  
 CNPJ 01.607.631/0001-36



# INFORMATIVO

## Julho 2006

### Informativo mensal do Centro Integrado do Deficiente Físico de Caxias do Sul- CIDeF

► No dia 15 de julho a equipe de basquete em cadeira de rodas do CIDeF estará realizando mais uma apresentação de divulgação da modalidade. Desta vez a ação será na cidade de Nova Petrópolis. Após a apresentação e o almoço de confraternização o grupo será levado a conhecer os pontos turísticos da cidade.

► No dia 22 de julho a equipe de basquete em cadeira de rodas do CIDeF estará participando de mais uma etapa da Liga Gaúcha de Basquete sobre rodas na cidade de Santa Cruz do Sul. O evento contará com as 6 melhores equipes do estado e servirá com um bom teste de preparação visando o campeonato brasileiro. O financiamento para a participação nesta competição é exclusivo do FUNDEL.

► Resultados da 2ª Etapa da Liga Gaúcha de Basquete em Cadeira de Rodas ocorrida em Erechim no último dia 24 de julho

CIDeF - Caxias do Sul 17 X 06 ACD - Passo Fundo

CIDeF - Caxias do Sul 18 X 08 ADAU - Erechim

CIDeF - Caxias do Sul 18 X 04 ADEF - Lajeado

Nesta etapa a equipe do CIDeF consagrou-se campeã. A participação nesta competição ocorre com o financiamento da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, Secretaria Municipal de Esporte e Lazer, através do FUNDEL. (Fotos 1 e 2)



1



2



3

► No dia 07 de julho o treinador do basquete, Luciano Comerlato esteve na E.E Província de Mendonza apresentado palestra para 120 alunos do Ensino Médio. Na ocasião o professor falou sobre as atividades desenvolvidas pela entidade e os seus objetivos e explicou sobre o funcionamento do jogo de basquete. (Foto 3)

Apoiadores:

